



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**CÉLIA CAMELO DE SOUSA**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS CULTURAIS NO CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO  
DESERTO ( CRATO-CE): UM ESTUDO DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA**

**FORTALEZA**

**2013**

**CÉLIA CAMELO DE SOUSA**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS CULTURAIS NO CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO  
DESERTO (CRATO-CE): UM ESTUDO DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luis Távora Furtado Ribeiro.

**FORTALEZA**

**2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

S696p

Sousa, Célia Camelo de.

Práticas educativas culturais no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto(Crato-CE) : um estudo da educação religiosa. – 2013.

110 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.

Área de Concentração: Educação brasileira.

Orientação: Prof. Dr. Luis Távora Furtado Ribeiro.

1.Cultura popular – Cariri(CE:Microregião). 2.Religiosidade. 3. Ensino religioso – Cariri (CE :Microregião). 4.Movimentos nativistas – Cariri(CE:Microregião). 5.Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. I. Título.

---

CDD 282.8131

**CÉLIA CAMELO DE SOUSA**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS CULTURAIS NO CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO  
DESERTO (CRATO-CE): UM ESTUDO DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luis Távora Furtado Ribeiro (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. José Rogério Santana  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Antonia Teixeira  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

A Deus.

Aos meus pais e meus sobrinhos.

## AGRADECIMENTO

A Prof. Doutoranda Lêda Carvalho Vasconcelos minha eterna orientadora que sempre esteve junto nesta caminhada, desde a minha monografia e que soube me aturar, meu eterno obrigada.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Ao Prof. Dr. Luis Távora Furtado Ribeiro meu orientador.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof. Dr. Gerardo Vasconcelos, Prof. Dr. Rogério Santana e Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Antonia Teixeira pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

A minha grande amiga Tirsa Ribeiro e sua mãe Valdely Ribeiro e meus amigos Junior Saboya, Valdeney Lima, Evangelita Nobrêga e Mirtiel.

A família Carneiro.

A minha família em nome de meus pais e meus sobrinhos.

A Academia dos Cordelista do Crato.

Ao Instituto Cultural do Cariri.

Ao Memorial Padre Cícero.

Aos entrevistados, destacando os remanescentes do Caldeirão e seus familiares.

Aos colegas da turma de mestrado e meus professores da linha História e Memória da Educação, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

As bibliotecas que visitei e Max cópias.

*“Alguns descrevem seu trabalho em termos de uma procura de significado, outros focalizam as práticas e as representações. Alguns veem seu objetivo como essencialmente descritivo, ou acreditam que a história cultural, como a história política, pode e deve ser apresentada como uma narrativa” (Peter Burke).*

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo estudar as práticas educativas culturais desenvolvidas na comunidade Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (Crato-CE), acontecido nos anos de 1926-1936, destacando a educação religiosa como prática cultural. Pensar nesta história é lembrar da memória de muitas pessoas que um dia fugindo das vicissitudes da natureza e da opressão das oligarquias rurais do nordeste brasileiro constroem alternativas culturais ou contra-culturas como refúgio á dureza de suas vidas. No caminhar deste estudo utilizamos uma abordagem qualitativa, pois percebemos que ao trabalhar com a subjetividade humana poderemos nos aproximar melhor dos resultados almejados, sem, no entanto, perder de vista os elementos objetivos que a realidade investigada apresenta. Utilizamos como procedimentos metodológicos as pesquisas: bibliográfica, documental e empírica, destacando as narrativas de homens e mulheres remanescentes do Caldeirão. Da literatura valorizamos Faço ( 1976 ), Freire (1982), Comblin (2011), Arruda(2002), Barros (2008), Hobsbawm (1975), Le Golf (1996) e outros, em que permitiu entender melhor o caminho desta história do Caldeirão. Dos resultados alcançados, destacamos a presença da religiosidade popular sob o primado do catolicismo que é, a principal marca da paisagem histórica que fez insurgir a comunidade do Caldeirão. Nessa paisagem, o místico se faz representar e, com efeito, constrói um terreno fértil para a introjeção da religião oficial na formação do povo simples, mas também da religiosidade popular que por vezes reforça a doutrina oficial da Igreja e outras vezes, transgride, É assim que nasce a devoção ao “Padim” Padre Cícero, representação oficial da Igreja Católica, e ao mesmo tempo a devoção do povo sertanejo ao beato José Lourenço, como representantes legitimados da contra-cultura. Por fim, concluímos que, sendo a religiosidade popular parte integrante da cultura popular no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, os processos educativos que transversam as práticas culturais daquela comunidade é fundamentalmente uma educação permeada da religiosidade popular.

**Palavras-chave:** Cultura Popular. Religiosidade Popular. Educação. Caldeirão.

## ABSTRACT

This thesis aims to study cultural educational practices developed in the community of Santa Cruz Cauldron Desert, highlighting the religious education as a cultural practice. Think this story is to remember the memory of many people that one day escaping the vicissitudes of nature and the oppression of rural oligarchies northeastern Brazilian cultural construct alternative or counter-cultures as getaway will hardness of their lives. Walking in this study used a qualitative approach because we realized when working with human subjectivity can at best approximate the desired results, without, however, losing sight of the objective elements of the investigated reality shows. We use as instruments the research: literature, documentary and empirical, highlighting the narratives of men and women remaining Cauldron. Do we value literature (1976), Freire (1982), Comblin (2011), Arruda (2002), Barros (2008), Hobsbawm (1975), Le Golf (1996) and others, it allowed better understand the way this story Cauldron. From the results, we highlight the presence of popular religiosity under the primacy of Catholicism that is the key brand of historical landscape that made the rebel community cauldron. In this landscape, the mystic is represented and, in effect, builds a breeding ground for the strong influence of religion in the formation of the common people, but also of popular piety which sometimes reinforces the official doctrine of the Church and other times, transgresses, is so is born devotion to "Padim" Padre Cicero official representative of the Catholic Church, while the people's devotion to the Blessed countryman José Lourenço, legitmados as representatives of the counterculture. Finally, we conclude that, as the popular religiosity part of popular culture in the Cauldron of Santa Cruz of the Desert, the educational processes that transversam cultural practices of that community is fundamentally an education permeated popular religiosity.

**Keywords:** Popular Culture; Popular Religiosity; Education; Cauldron

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 DIALOGANDO SOBRE CULTURA E RELIGIOSIDADE .....</b>	<b>23</b>
2.1 O que é cultura? .....	23
2.2 Cultura Popular e Cultura Dominante.....	30
2.3 Cultura e religiosidade .....	33
<b>3 CULTURA E RELIGIOSIDADE NA REGIÃO DO CARIRI DO CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO: O CARIRI DA FÉ .....</b>	<b>40</b>
3.1 Cultura e religiosidade na região do Cariri.....	41
3.2 O sertão oprimido do Cariri cearense e sua cultura sociorreligiosa .....	47
3.3Religião e religiosidade popular no Crato dos caririenses.....	55
3.4 José Lourenço: líder e educador.....	59
<b>4 Práticas Educativas Culturais: a educação religiosa na comunidade Caldeirão do Beato José Lourenço.....</b>	<b>63</b>
4.1 O Caldeirão do beato José Lourenço no espaço-tempo da seca e da opressão.....	65
4.2 A Educação nos sertões do Ceará em tempos de seca e de opressão .....	68
4.3 A religiosidade como prática educativa no Caldeirão dos “deserdados” da terra.....	76
4.4 A luta dos movimentos religiosos ou do campo pela terra .....	86
<b>5 CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação teve como objetivo estudar as práticas educativas culturais desenvolvidas na comunidade Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (Crato- CE) e acontecidas entre 1926-1936, destacando-se a educação religiosa como prática cultural. Pensar nessa história é despertar a lembrança de muitas pessoas que um dia, fugindo das vicissitudes da natureza e da opressão das oligarquias rurais do nordeste brasileiro, construíram e ainda constroem alternativas culturais como refúgio à dureza de suas vidas. A comunidade proporcionou uma forma ímpar de socialização, permitindo uma vida voltada para o trabalho e orações. Ressalte-se que esses dois elementos possibilitaram desenvolver uma educação para a vida e por meio da vida, já mencionada por Sousa (2009), em sua monografia “Saberes e Práticas Educativas no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto”.

A comunidade Caldeirão recebeu esse nome devido a sua localidade pertencer a um espaço acidentado. Nesse ambiente havia vários poços d’águas, o que inspirou a denominação para uma região que possui muitas riquezas, mesmo sofrendo com a seca, o que constitui um oásis no meio das dificuldades.

Para efeito desse estudo, recortamos a comunidade Caldeirão (CE), adotando como foco geral os saberes e as práticas educativas culturais, destacando a educação religiosa e sua cultura, enfatizando os saberes formais e informais existentes na comunidade Caldeirão.

Neste sentido esta experiência aborda seu lugar de origem, ou seja, a cidade do Crato, em que se enfatiza a cultura popular. Podemos destacar a literatura de cordel, poetas, repentistas, sendo essa cidade possuidora de uma importância cultural e seu envolvimento político com Juazeiro do Norte.

O desejo no aprofundamento desse estudo surgiu ainda na fase de graduação, particularmente quando ingressei como bolsista no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Naquele momento, o centro de minhas inquietações eram os movimentos dos trabalhadores rurais que, na atualidade, buscam introduzir a educação como um dos instrumentos de fortalecimento de suas lutas em torno do direito à terra para plantar. O contato com a bibliografia disponível sobre o movimento sem-terra implicou inevitavelmente a busca da história dos movimentos sociais, na sua origem. Nesse percurso entramos em contato com os movimentos sociais de características religiosas, o que resultou na construção da monografia intitulada “Saberes e Práticas Educativas no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto”. Durante a pesquisa, identificamos, na história dos movimentos sociais religiosos no nordeste brasileiro, no Brasil e no mundo, certas regularidades quanto aos

fundamentos sócio-religiosos; contudo são movimentos que insurgem em construções político-sociais e culturais com particularidades às quais a historiografia oficial não atribuiu a devida importância; talvez, por isso mesmo, foram inserido no senso comum como movimentos singulares de “baderneiros” ou “fanáticos religiosos”.

Identificamos ainda a ausência de material bibliográfico sobre o fenômeno educativo, ou seja, os saberes e as práticas educativas derivadas da visão de mundo de uma dada sociedade ou grupo social. Contudo não deixamos de identificar uma rica fonte documental sobre tais movimentos, em particular o Caldeirão. Foi nesse processo que começamos problematizar sobre as especificidades desses movimentos, sobretudo do Caldeirão, que levou a necessidade de sistematizar as inquietações. Sabemos que existem muitos documentos e escritos sobre a história, sociologia e religiosidade dessa comunidade, dentre os quais podemos destacar os seguintes autores: Regis Lopes, Sávio Cordeiro, Tarcísio Alves e Rosemberg Cariry. Quanto à dimensão educativa, há apenas dois estudos, uma dissertação de mestrado de Luiz Moura e a monografia de Célia Sousa.

Luiz Moura enfatiza em sua dissertação a existência de uma educação popular pautadas pelo trabalho e pela religião. Quanto à monografia de Célia Sousa, a autora ressalta a existência de três educações no Caldeirão; ou seja, uma educação para a vida e por meio da vida, identificada através do trabalho de seus moradores; uma educação religiosa, em que a fé era elemento preponderante e uma educação sistematizada no modelo da época, destacando-se a capela e a sombra das árvores como espaço para o desenvolvimento dessa educação.

Para desenvolver essa pesquisa, partimos de uma abordagem da História Cultural<sup>1</sup>, pois percebemos a importância dos sujeitos na construção da comunidade Caldeirão. Chatier (1990, p.16) ressalta que essa abordagem,

[...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real [...]

Podemos identificar esses diferentes lugares e realidade social na comunidade Caldeirão. Nesse sentido, a própria dinâmica daquele espaço era singular, pois tudo era de

<sup>1</sup> Burckhardt *apud* Burke (2008, p. 42-43) a história cultural é um ‘ conceito vago’. Em geral, é usado para se referir à ‘alta’ cultura. Foi estendido ‘ para baixo’, continuando a metáfora, de modo a incluir a ‘baixa’ cultura, ou cultura popular. Mais recentemente, também se ampliou para os lados. O termo cultura costumava se referir às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar).

todos, não havia rivalidade entre seus moradores, atijando com isto a cobiça dos poderosos do lugar, que sentiam ameaçados com o modo de vida da comunidade.

Esta dissertação é que traz as especificidades dessa comunidade no campo educativo mesmo quando esses acontecem no mesmo tempo e lugar e como resultado de fenômenos sociais comuns. Para nortear o desenvolvimento da pesquisa, partimos da seguinte indagação: Quais os saberes e as práticas educativas culturais que, no plano ideológico, deram sustentação à organização social e econômica da comunidade de característica religiosa Caldeirão?

Na busca de resposta ao problema, o objetivo da presente dissertação não é a análise dos fundamentos sociorreligiosos do Caldeirão. Essa contribuição tem sido, nas últimas décadas, realizada em importantes trabalhos historiográficos e produções cinematográficas assinadas pelos autores citados<sup>2</sup> Aqui interessa revisitar esses fundamentos (político, sociais e culturais) unicamente para a identificação das bases, dos princípios que propiciaram a reprodução no domínio educativo, de suas visões de mundo, incluindo-se aqui a dimensão político-social, econômico e cultural. Em síntese, essa proposta de estudo volta-se para a dimensão educativa da História dos sertões do nordeste brasileiro, criada por grupos diversos que tiveram um entrecruzamento de histórias e, como efeito participam da construção das histórias dos sertões nordestinos e de sua educação.

O movimento religioso que destacamos nesta pesquisa emerge no sertão do nordeste brasileiro (Crato- CE) e é lá que a comunidade Caldeirão liderada pelo Beato José Lourenço constituiu um “Oásis” em meio à caatinga. Originou uma nova visão de mundo que procurava distanciar-se daquela realidade sócio-econômica e, de uma forma ou de outra, participaram ou foram inseridos nas tensões políticas que marcavam o cenário cearense, entre os séculos XIX e XX, o que, como efeito, interferiu nos processos educativos.

No caso específico do nosso estudo, interessa ajudar na desconstrução de uma historiografia e suas metodologias de ensino que transformaram o povo nordestino e, particularmente o cearense, em gente passiva e subserviente à ordem e aos “donos do poder”. Por detrás de um povo sofrido, eclodiram inúmeros movimentos de características transgressoras; dentre os quais os movimentos sociais religiosos que emergem num mesmo contexto histórico das lutas políticas e sociais existentes. Tais movimentos sociais fizeram

---

<sup>2</sup> De Rosemberg Cariri temos, por exemplo o documentário a Irmandade de Santa Cruz do Deserto e o livro com o mesmo nome do documentário, produzido respectivamente nos anos 1986 e 2006. De Airton de Farias pode-se ver Caldeirão Vivo: a saga do beato Jose Lourenço; A história da sociedade cearense; História do Ceará: dos índios a geração Cambeba e de Regis Lopes ver Caldeirão. De João Arruda, por sua vez, temos o livro Canudos: messianismo e conflito social (2006).

emergir o bando do “capitão” Virgulino Lampião, o beato José Lourenço, além de homens e mulheres influenciados pelos ideais comunistas que em todos os continentes começavam, naquele contexto, a mobilizar a força de trabalho humana do campo e da cidade.

É essa “outra” história que queremos revisitar, mesmo quando focalizada no domínio educativo, pois, concordando com Romanelli (1995), a educação como prática social não se separa do conjunto das complexas vivências humanas, sejam elas de caráter político-econômico, sociocultural ou religioso. Ao contrário, a educação é parte inseparável desse processo:

[...] Distingue-se no processo educativo dois aspectos Interdependentes: o gesto criador que resulta do fato de o Homem “estar-no-mundo” e com ele relacionar-se, transformando-o e transformando-se – neste caso o gesto educativo não se distingue do gesto criador da cultura – e o gestor comunicador que o homem executa, transmitindo a outrem os resultados de sua experiência. Neste sentido, a educação é a mediadora entre o gesto cultural propriamente dito e sua continuidade. (ROMANELLI, 1995, p.23, grifo nosso).

A busca da análise dos fundamentos culturais do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto servirá de base para nortear o foco específico desse estudo, ou seja, a compreensão dos meios pelos quais aquela comunidade utilizou para reprodução e transmissão de saberes àquelas que seriam as futuras gerações do Caldeirão, os resultados de suas experiências e de sua visão de mundo e práticas educativas.

Em síntese esse estudo soma-se às inquietações dos professores que em seus conteúdos pragmáticos voltam-se para a área a história do lugar, ou mais precisamente às complexas relações entre os diversos grupos sociais, seus conflitos, suas lutas por mudanças ou resistências às mudanças. Ainda, busca contribuir com a história da educação nordestina e com o ensino da história nos anos iniciais do ensino fundamental, que estabelece relações entre o passado e o presente, formatando a memória de um povo. Neste sentido, esta dissertação vem somar às produções já existentes, destacando a dimensão educativa do Caldeirão, em que contribui para a didática, ou seja, servirá de material literário para os pesquisadores que desejam ver essa história ser explorada por outros olhares e é a partir desse pensamento que esta contribuição será executada.

E sabido que este estudo é um aprofundamento da monografia, que foi transformada em livro e que o referido material está em todas as escolas públicas do Crato. Logo, é mais uma contribuição para os professores do Ensino Fundamental dessa cidade, que utilizam o livro para possibilitar nas aulas de História do Cariri um maior conhecimento sobre o tema. Percebemos que este estudo trará relevância para a sociedade e para a academia que

tornou a possibilidade de propagar esse assunto, através do grupo que participo, ou seja, História e Memória da Educação.

Nesse sentido, gerações que sucederam o tempo histórico costumam associar os movimentos sociais às manifestações operárias que da primeira metade do século XIX até os dias emergiram como reação ao padrão capitalista de acumulação que separou o trabalhador do produto do seu trabalho. Sem dúvida alguma, esses movimentos expressaram a luta dos povos do mundo, em diferentes tempos e lugares, pelo direito à melhoria de suas condições de vida e de trabalho.

No nosso entendimento, os movimentos sociais contemplam todas as mobilizações contestatórias, explícitas ou não, dos setores explorados e excluídos do acesso às conquistas que a humanidade acumulou ao longo do tempo. Dentre os movimentos estariam incluídos os de caráter classista, cristãos primitivos, camponeses messiânicos, os movimentos populares de uma maneira geral, os saberes e as práticas educativas culturais a eles associados.

Para desenvolver o nosso estudo, utilizamos alguns conceitos para entender a presente pesquisa, ou seja, a prática educativa que, segundo Souza (2006, p.101),

[...] Trata-se de uma prática social que visa a formação humana, podendo ocorrer em espaços e tempos escolares ou nos espaços de socialização política, onde florescem as experiências e trocas de saberes que ocorrem fora dos espaços e tempos escolares, mas que guardam a intencionalidade do desenvolvimento de processos educativos necessários à formação humana.

Essa afirmação só veio reforçar o conceito de prática educativa desenvolvida no Caldeirão, pois tais práticas possuem uma formação humana, que se destacava no trabalho, na religião e na escolarização. O ambiente era favorável para desenvolver nas pessoas saberes, havendo trocas de conhecimentos durante os anos de existência do Caldeirão.

Segundo Libâneo (1991, p.17), prática educativa pode ser definida como sendo “o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade”. Com base nessa citação, percebemos que a educação é proveniente, sim, de ações culturais, em que podemos identificar nos grupos populares, sejam grupos de penitentes, de danças, de capoeira, etc, a promoção da transformação no meio social.

De fato, historicamente e, especialmente no processo de complexidade das sociedades humanas, a educação foi utilizada pelos setores dirigentes com o fim de introjetar

a visão de mundo dominante. Os setores dominados, porém, em diferentes tempos e lugares, construíram seu campo de resistência através da transmissão de saberes e práticas que reafirmavam a sua visão de mundo e se somavam às lutas coletivas de características transgressoras. Para ilustrar, podemos citar o movimento cristão primitivo que se propagou em todo o Mediterrâneo, os movimentos camponeses que proliferaram na chamada Idade Média e se estenderam ao mundo contemporâneo, bem como os movimentos religiosos que atravessaram séculos e continentes.

Podemos destacar que o Caldeirão foi um espaço da religiosidade popular, em que seu líder, beato José Lourenço, juntamente com os moradores não tinha a ideia de que poderiam mobilizar a região nordestina. Lembrar essa experiência é acima de tudo revisitar sua cultura que fez desenvolver em seu tempo e espaço uma forma viva de se viver de educação.

O Caldeirão passa a estabelecer saberes e práticas educativas imbricadas em sua cultura. O próprio Saviani define a cultura de um determinado grupo como esta experiência socioreligiosa sendo

[...] uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar basicamente em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades) e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interioriano, e do homem pobre suburbano ainda não assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (SAVIANI, 1985, p.142)

Percebemos que a cultura está relacionada à herança de valores para as futuras gerações. Essa cultura pode ser lembrada na comunidade Caldeirão, em que eram repassados pelo seu líder e educador José Lourenço os ensinamentos traduzidos por Padre Cícero. Era uma cultura iletrada, que fazia daquele lugar único para os que ali chegavam. A liderança do beato se destacava na sua maneira de ser, pois ele “era um sujeito honesto, trabalhador, caridoso e respeitador de todos os princípios éticos dos sertanejos” (Ramos, 1991, p.89).

Ainda, ao mencionarmos o conceito de cultura, nos reportamos a Santos (1984, p. 45) quando afirma:

[...] a cultura é um produto coletivo da vida humana [...] é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade.

Esse conceito define bem a cultura refletida na comunidade Caldeirão, em que se buscava realizar atividades coletivas, propondo-se uma prática voltada para a humanização do indivíduo. Nesse sentido, lá não havia opressão, pois viviam igualmente, ou seja, tudo era dividido com todos.

Essa forma de viver em sociedade era comum no Caldeirão, como também o modo de viver, já conceituando cultura segundo Burke (2008, p. 38 - 39), a qual “implica a ideia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte. Como múltiplas tradições podem coexistir facilmente na mesma sociedade – laica e religiosa [...]”. Todas essas características podem ser identificadas durante os dez anos de existência da comunidade Caldeirão.

O Caldeirão foi um “celeiro de saberes”, identificáveis na educação que era desenvolvida naquele lugar. Cabe aqui citar definição de Brandão (2006, p.10-11) que enfatiza,

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

Nesse sentido, destacamos uma educação visível em grupos, que estabelecem uma forte relação com seus membros e que permite troca de saberes e práticas educativas; já explicitamos a especificidade do fenômeno educativo no Caldeirão. Ao valorizar a dimensão específica dessa comunidade, não podemos ignorar sua relação com os demais movimentos religiosos que emergiram em várias partes do mundo, especificamente no Brasil (Contestado, Muckers, Monges do Pinheirinho e Monges Barbudos) e no nordeste brasileiro, como por exemplo: Borboletas Azuis (PB) e Pau de Colher (BA), Caldeirão (CE) e Canudos (BA). Em todos esses movimentos, as práticas educativas culturais se manifestaram lado a lado dos saberes, sob a ótica da sociedade dominante.

Ainda, ao mencionarmos a educação na concepção culturalistas, Líbâneo (1999, p.68) ressalta como sendo:

[...] uma atividade cultural dirigida à formação dos indivíduos, mediante a transmissão de bens culturais que se transformam em forças espirituais internas no

educando. O processo educativo realiza o encontro de duas realidades: a liberdade individual, cuja fonte é a vida interior, e as condições externas da vida real, o mundo objetivo da cultura. Apropriando-se dos valores culturais, o indivíduo forma sua vida interior, sua personalidade e com isso pode criar mais cultura.

No entanto, o processo educativo segundo a citação acima, destaca-se por dois momentos: pelo próprio interesse do indivíduo, através de seus anseios em descobrir novos conhecimentos. Ainda, essa educação é adquirida pelo meio, ou seja, através da cultura do lugar, em que todos se interagem e trocam conhecimentos.

Ainda, a História Cultural tem relevância os sujeitos na construção de sua cultura, mencionado por Barros (2011, p. 202) que o:

[...] ser humano também estará sempre produzindo Cultura em suas relações com os homens e com a natureza. Ele não pode apagar isso de sua existência: ao iniciar um simples movimento ou a produzir um simples gesto estará automaticamente produzindo cultura. A História Cultural, essa dimensão incontornável, inscreve-se indelevelmente nos seus menores gestos.

Assim, a cultura é algo inerente ao homem, que sempre produz cultura seja entre si ou com a natureza. Essas relações é um fato que define sua existência e facilita sua presença no mundo e com o mundo. Essas relações estão inseridas na sua história cultural, em que a construção de saberes e práticas educativas os torna inseridos na sociedade.

Essa presença que o homem constrói por meio da cultura lhe possibilita ser mais atuante em suas relações culturais. Nesse sentido, os estudos antropológicos e sociológicos desenvolvem trabalhos relacionados às tradições culturais na vida do homem. Isso possibilita gerar novos enfoques em outros estudos e facilita a aproximação dessas ciências para desenvolver um estudo inovador, em que a educação, cultura e a religiosidade serão elementos fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Para captar parte desse fenômeno, o tratamento metodológico valoriza as pesquisas bibliográficas, documentais e narrativas de homens e mulheres que direta ou indiretamente protagonizaram um dos mais impressionantes e dramáticos dos movimentos sociais que aconteceram no Nordeste brasileiro, e que a historiografia “se esqueceu” de registrar como relevante para a nossa história.

Valorizamos também a abordagem qualitativa, pois é descritiva, ou seja, os dados coletados são em formas de palavras, interessa-se pelo desenvolvimento da pesquisa, analisam-se os fatos de forma dedutiva (do geral para o particular), os sujeitos e os significados são importantes. Segundo Minayo (2012, p.21), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, ou seja, “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos,

das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Quanto ao primeiro momento, destacamos uma pesquisa bibliográfica, valorizamos a formação histórica, cultural e educativa do Caldeirão, em que os livros serão de grande importância para esse momento. Na pesquisa documental utilizamos as fontes escritas e não escritas, dentre as quais: jornais, documentários e fotografias, que proporcionarão uma nova análise para este estudo. Em relação às narrativas<sup>3</sup>, estivemos em contato com remanescentes e seus familiares; trabalhar com esse tipo de método, ou seja, a história oral, segundo Alberti (2005), proporciona voltar ao passado, privilegiando recuperar o vivido, concebido por quem viveu.

Nesta pesquisa bibliográfica e documental, visitamos algumas bibliotecas: Centro de Humanidades da UECE (Universidade Estadual do Ceará) e da UFC (Universidade Federal do Ceará); Biblioteca Pública de Fortaleza; Biblioteca Pública do Crato. Museu do Ceará da UFC, de Juazeiro do Norte e do Crato; Memorial Padre Cícero (Juazeiro do Norte); Instituto Cultural Cariri (Crato); Jornal o Povo (Fortaleza), Museu do Ceará (Fortaleza), em que facilitou identificarmos o acervo bibliográfico.

A pesquisa bibliográfica começou em Fortaleza, onde o trabalho foi árduo para identificar livros, documentos e fotografias que contribuíssem com a pesquisa. Nisto como mencionamos, visitamos a biblioteca pública da cidade, especificamente o acervo da História do Ceará; também as bibliotecas universitárias foram importantes, tendo encontrando no acervo da UECE (CH) o livro “Caldeirão” de Régis Lopes, que traz com clareza essa história; a biblioteca da UFC foi outro espaço contemplado, em que identifiquei alguns livros sobre a história do Ceará, o que contribuiu para situar o contexto histórico da época da comunidade; ainda, visitamos o museu do Ceará, no qual identificamos uma parte daquele espaço, que dá ênfase a história do Caldeirão; no jornal “O povo” encontrei algumas matérias que referendavam o Caldeirão.

No percurso da investigação empírica, visitei a cidade do Crato, pois era lá que poderíamos ter respostas para as nossas indagações. Ao chegar pela manhã, caminhei nas ruas da cidade com interesse de descobrir o que me afligia. Nesse momento passei por bancas de revistas com interesse de descobrir se havia algum livro ou revista da época; no entanto, encontrei um livro, em forma de peça teatral, “Alto do Caldeirão”, escrito por Maria José Sales”, filha de uma remanescente e logo perguntei ao vendedor se teria algum número de

---

<sup>3</sup> Segundo Burkner (2008, p.158) “o atual interesse histórico pela narrativa é, em parte, um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura ‘contam a si mesmas sobre si mesmas’ (ver p.52). Tais ‘narrativas culturais’, como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas[...]”.

telefone e a resposta foi negativa. Então, continuei a caminhar e conversei com uma vendedora ambulante e informou que no centro havia uma cordelista chamada Josenir Lacerda que poderia ter algum cordel sobre o Caldeirão.

Fotografia 1- Artistas do Cariri



Fonte: Retirado pelo jornalista Leandro Freire

Nota: À esquerda o poeta Pedro Bandeira, a mestrande Célia Sousa, ao lado a cordelista Josenir Lacerda e o violeiro Miguel Lacerda, na residência da cordelista no dia 17.4.2013, na cidade do Crato (CE)

Logo, chegamos a sua residência, ela contou algumas histórias que a mesma escutou, juntamente com seu marido Miguel Lacerda sobre o Caldeirão. Nesse mesmo espaço de sua casa, há uma loja em que se vendem cordéis e livros; dentre os exemplares reconheço o livro que havia comprado na banca de revista, mas a mesma não tinha contato com a pessoa que deixou o livro.

Foi então que fui a Juazeiro do Norte, no Memorial Padre Cícero, uma espécie de museu, destinado a revisitar a história de Padre Cícero e do Cariri. E é neste espaço que há uma pequena livraria que possui exemplares voltados para a história do lugar, ou seja, do Cariri. Então identifiquei o mesmo livro que comprei na banca e foi nesse momento que retomo a mesma pergunta se teria o contato da escritora do livro. A vendedora procura na agenda e encontra o número telefônico e logo ligo para Maria José Sales e ela gentilmente aceita a minha visita em sua residência. Lá conheci sua mãe que foi remanescente da comunidade, permitindo assim identificar fatos importantes, ainda, os familiares relataram várias histórias que sua genitora havia contado.

Fotografia 2 – Filhos da remanescente Maria de Lourdes Sales



Fonte: Leandro Freire

Nota: à esquerda a escritora Maria José Sales (filha de remanescente), Célia Sousa e Pedro Sales (filho de uma remanescente), em Juazeiro do Norte(CE), retirada pelo jornalista.

Foi um momento único, pois foi a primeira vez que estava tendo contato com uma remanescente da comunidade. Depois foi mais fácil o contato com outros remanescentes, devido a ex-moradora ter outros irmãos vivos; porém, só um deles concedeu entrevista, que foi Pedro Andrade, mais conhecido como Pedrinho.

De qualquer forma, obtivemos outras ajudas para entrar em contato com outros ex-moradores do Caldeirão. Fui a rádios locais da região, o que possibilitou contato com pessoas que conheceram o beato. Foi o caso de Maria Maroli Figueredo, cuja, filha (Anilda Figueredo) escutou o programa da rádio e ligou para nós, combinando uma visita a sua residência na cidade de Nova Olinda. Em nossas conversas, ressaltou algumas formas de vivência existentes na da comunidade.

A visita continuou em outros espaços, como o Instituto Cariri, em que encontrei um rico acervo sobre a história do Cariri e do Crato. O presidente do instituto gentilmente me recebeu muito bem, disponibilizando revista, livro, fotos e jornais da época, importante contribuição para a pesquisa.

Valorizamos nesse percurso a cultura do lugar, em que conhecemos grupos culturais, dentre eles destacamos o grupo de penitentes de Barbalha, que já possui uma

tradição na região do Cariri. Essa visita contou com a companhia do jornalista Leandro Freire, que também é pesquisador dessa comunidade. Foi uma oportunidade e de conhecermos melhor esse grupo abordado nos livros.

Fotografia 3 – Penitentes de Barbalha ( CE)



Fonte: Leandro Freire

Nota: Grupo dos penitentes de Barbalha(CE), à esquerda Leandro Freire e a pesquisadora Célia Sousa, na visita de campo. Em Abril de 2013.

Quanto aos instrumentos da pesquisa, utilizamos entrevistas de história de vida com remanescentes do lugar, parentes de ex moradores da comunidade, artistas locais do Crato e autores que escreveram sobre a história do Caldeirão. Nesse sentido, essa entrevista, destaca os remanescente da comunidade Caldeirão, pois “[...] escolhem-se pessoas que dele participaram ou que dele tiveram conhecimento para entrevistá-las a respeito” (Alberti, 2005, p.38). Assim, as entrevistas foram realizadas de maneira informal, até porque encontramos pessoas não alfabetizadas que precisam estar a vontade para conversarmos sobre suas vivências e a rotina da comunidade. No entanto, Alberti (2005, p. 38) aconselha:

O ideal, numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado. Essa cumplicidade pressupõe necessariamente que ambos reconheçam suas

diferenças e respeitem o outro enquanto portador de uma visão de mundo diferente, dada por sua experiência de vida, sua formação e sua cultura específica. Assim, cabe ao entrevistador, em primeiro lugar e principalmente, respeitar o entrevistado enquanto produtor de significados diferentes dos seus, e de forma nenhuma tentar dissuadi-lo de suas convicções e opiniões, ou ainda tentar convencê-lo de que está “errado” e de que deveria aderir às posições do entrevistador.

De fato, tivemos o cuidado em valorizar os saberes do entrevistado. Diga-se de passagem, uma remanescente confessou que a deixamos “ser gente”. Essa postura foi viável/possível devido a forma como foi conduzida a entrevista, ou seja, nos moldes de uma conversa informal. O roteiro individual foi importante, com perguntas como: seu nome?, quantos anos tinha no período do Caldeirão?, qual o estado de origem?, como se vivia na comunidade?, como era a educação?, em que possibilitou entender sua história.

Quanto aos autores (Rosemberg Cariry e Régis Lopes) que escreveram livros sobre o Caldeirão, eles afirmaram pouco saberem sobre a educação no Caldeirão, pois suas investigações teve outro foco. Sávio Cordeiro, afirma terem existido algumas professoras na comunidade Caldeirão. A partir dessa notícia, consultamos novas fontes. Até então, tínhamos apenas conhecimento, segundo depoimento do remanescente Pedrinho, da professora Marina Gurgel, sendo sua origem Rio Grande do Norte.

No segundo momento, houve a catalogação do material já lido, em que priorizamos os assuntos mais pertinentes ao tema estudado. A temática priorizada é a educação religiosa no Caldeirão, destacando-se as categorias discutidas no primeiro momento deste estudo: cultura, religiosidade e educação.

No terceiro momento, identificamos a religiosidade como uma prática educativa cultural, elegendo como objeto de discussão/análise o caso da educação no Ceará no período do Caldeirão. Também abordamos essa educação religiosa desenvolvida no cotidiano da comunidade, bem como ressaltamos a luta dos movimentos religiosos pela terra.

Quanto à coleta de dados, organizamos por categorias, priorizando a religiosidade, a cultura e as práticas educativas, para melhor desenvolver esse estudo. Ao analisarmos a bibliografia, os documentos e as entrevistas, destacamos os pontos significativos para inserir no texto que iremos produzir.

No mês de junho de 2012, concluímos a revisão de literatura. No segundo semestre de 2012, ocorreu a qualificação do projeto, em que os professores contribuíram com sugestões pertinentes para o desenvolvimento do estudo.

No segundo semestre de 2012, fizemos a coleta e análise de dados, juntamente com a elaboração da dissertação. Também realizamos os ajustes de modificações do primeiro

capítulo, para podermos continuar a produção textual. Os encontros com o orientador facilitaram o andamento do estudo, em que traçamos um planejamento quanto aos próximos capítulos.

## 2 DIALOGANDO SOBRE CULTURA E RELIGIOSIDADE

Cultura para mim é a dança do coco  
 Que alegra toda a moçada, é a poesia  
 Declamada pelos poetas, é a música  
 Que contagia a negrada, é a  
 própria palavra que faz refletir  
 o sentido do sentido de ser [...]

(autor desconhecido)

Como anunciamos na temática geral deste estudo, nossas (pré-) ocupações voltam-se para a educação no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (Crato-CE), adotando como foco específico a educação religiosa que se construiu nas práticas educativas culturais daquela comunidade. Vê-se logo que conceitos como Educação, Religiosidade e Cultura ganham relevo ao longo do desenvolvimento desta dissertação, porém se nosso objetivo mais amplo é apreender a educação religiosa como prática cultural, faz-se necessário situarmos inicialmente o que aqui se entende por “Cultura”. Em se tratando ainda da cultura numa região marcadamente religiosa – o Cariri, impõe o devido reconhecimento das relações que se estabelecem entre cultura e religiosidade, objetivo fundamental deste capítulo.

No entanto, a cultura e a religiosidade se cruzam nesse momento estabelecendo uma relação, em que “[...] a família que reza unida precisa de casa, de trabalho livre, de pão, de roupa, de saúde, de educação para seus filhos, de expressar-se e de expressar seu mundo, criando e recriando, precisa de ser respeitado no seu corpo, na sua alma, na sua dignidade[...]” (FREIRE, 1982, p. 111). Esta relação podemos perceber no cotidiano das pessoas, destacando a reza como uma prática cultural, estabelecendo um imbricamento no seu cotidiano.

### 2.1 O que é cultura?

Parece muitas vezes ser fácil definir cultura, pois nos lembramos sempre do conceito aprendido nas aulas do ensino fundamental como sendo comida, jeito de falar, vestuário, dança de um determinado povo, folclore etc. Isso também pode ser uma das definições que utilizamos para nos reportamos a essa palavra pequena na extensão e grande de significados. Porém, pensar cultura<sup>4</sup> nos força a ir muito além daquilo a que fomos

---

<sup>4</sup> Em seu sentido etimológico, Cultura significa “cultivar”. Palavra de origem latina, “Colere” liga-se inicialmente a “cultura da terra” (atividades agrícolas), Culto. Com o passar do tempo assumiu sentidos diversos

acostumados a formalmente conceituá-la. Em primeiro lugar, uma das tarefas que se impõe quando nos ocupamos com a cultura como objeto de estudo é apreendê-la na sua variabilidade e heterogeneidade, realçando e valorizando o modo de viver de cada agrupamento social, seu pensamento e “[...] suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural (BOTELHO, 2001, p. 110). Isso significa realçarmos o fato de que numa mesma sociedade existem diferentes manifestações culturais que não podem ser negligenciadas quando no estudo dos fenômenos culturais. De acordo com Freire (1990, p.56 - 57),

[...] tudo o que o homem cria e recria [...], ainda continua, [...] “é tanto um instrumento primitivo de caça, de guerra, como o é a linguagem ou a obra de Picasso. Todos os produtos que resultam da atividade do homem, todo o conjunto de suas obras, materiais ou espirituais, por serem produtos humanos que se desprendem do homem, voltam-se para ele e o marcam, impondo-lhe formas de ser e de se comportar também culturais. Sob este aspecto, evidentemente, a maneira de andar, de falar, de cumprimentar, de se vestir, os gostos são culturais.

Daí pensar na cultura é nos ocuparmos com o conjunto de saberes e práticas que de lugar em lugar formam seus valores, suas crenças, suas ações e afetividades de um povo. Um fenômeno que nos acompanha desde o nascimento, quando introjetamos a cultura do lugar através das “cantigas de ninar”, do linguajar de nossos familiares e das tradições que são repassadas de geração á geração. Concordando com Freire (1990, p. 30-31):

[...] O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo. Isto nos leva a uma segunda característica da relação: a consequência, resultando da criação e recriação que assemelha o homem a Deus. O homem não é, pois, um homem para a adaptação. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (a propaganda política ou comercial fazem do homem um objeto).

Vê-se que, sob essa perspectiva, não podemos falar de cultura como homogênea, universal ou superior, a não ser quando nos referimos às imposições culturais que nos processos de colonização realizados pelas sociedades civilizadas se impuseram aos diversos povos do mundo. No entanto, a cultura não é universal, ou seja, cada povo tem sua cultura que perpassa o tempo e pode ser divulgada em diversos espaços. Nas palavras de Brandão (2002, p. 22), cultura é

---

como de: cuidar de, ocupar-se de, civilização, educação, cultivo de hábitos, vida artística nacional, interesses, dentre outros, desdobrando-se também, via o latim *cultus*, no termo religioso *Culto*

[...] Tudo aquilo que criamos a partir do que é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos com os objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: *cultura*: O que fazemos quando inventamos os mundos em que vivemos: a família, o parentesco, o poder de estado, a religião, a arte, a educação e a ciência ....

Ao transformar “[...] a realidade natural com seu trabalho, os homens criam seu mundo. Mundo da cultura e da história que, criado por eles, sobre eles se volta, condicionando-os” (FREIRE, 1982, p.32). Esse condicionar, como disse Freire, expande-se para outros lugares, para outros espaços, possibilitando uma maior compreensão da cultura do outro. É dessa forma que na história dos povos pode-se entrecruzar experiências culturais riquíssimas, pode-se conservar essas mesmas experiências e transmitir aos outros povos. Lembramos que “ na Idade Média, em tempos ditos escuros em que surgiram as línguas que hoje falamos e se instalou, por um lado, uma civilização dita Romano-bárbara ou romano-germânica e, por outro, a civilização bizantina [...] ”, modificando as estruturas do direito (ECO, 2011). Lembramos também que foi o mundo islâmico que preservou muito do que conhecemos da cultura da antiguidade clássica que mais tarde influenciará o mundo moderno.

Dessa perspectiva, quando reforçamos a cultura como uma experiência dinâmica e singular, não podemos perder de vista o intercâmbio entre culturas, para que dessa forma possamos entender as culturas populares provenientes das manifestações culturais das camadas populares e a cultura chamada erudita, proveniente da classe dominante, destacadas melhor no próximo item. Como então identificar as diferentes culturas? Para Duarte Junior há “[...] numa dada cultura, diversas maneiras de se identificar suas sub-culturas. Por exemplo: em termos geográficos, etários, econômicos, etc” (1991, p. 29 - 30).

[...] cada um tem consigo a herança cultural da tribo e a transmite às novas gerações. Essa transmissão se dá, na grande maioria das vezes, de maneira ‘informal’, isto é, no contato diário e vivencial entre adultos e crianças. Aprende-se com a experiência [...] entre os primitivos o processo de aprendizagem é fluente e natural. ‘ Vivendo e aprendendo’, a famosa máxima, aplica-se perfeitamente ao caso (DUARTE JR., 1991, p 30).

No Brasil, dado o processo de colonização, indiscutivelmente não podemos falar de cultura no singular. Não há como pensar a construção de nossas linguagens, do nosso biótipo, de nossas canções, artefatos, redes e alimentação sem pensarmos na presença, muitas vezes impostas, das culturas européias, africanas e asiáticas que contagiaram e foram contagiadas pelas culturas das populações indígenas. Identificar esse imbricamento entre culturas tão distintas e geograficamente tão distantes não é tarefa muito difícil para aqueles que se ocupam com os processos históricos do saber-fazer humano nem mesmo para um bom

observador das práticas culturais do presente. Se chegarmos a certas regiões do Sul do Brasil, encontramos um número elevado de descendentes europeus que incorporaram suas tradições na sua forma peculiar de falar, nas suas preferências musicais, alimentícias e de vestimentas. Em Santa Catarina, no mês de outubro, na cidade de Blumenau, costumam organizar a festa *Oktoberfest*, visando divulgar as tradições alemãs no Brasil. Em algumas das canções valorizadas nessa festa específica – “Baba Bubi” – possivelmente não haja sentido para o povo de outras regiões do país, mas os catarinenses sabem o que significa para a história do lugar o *Schützenfest* (a festa do tiro), que aparece na composição de Rogério França, com uns trechos reproduzidos abaixo:

Na oktoberfest, de Blumenau  
 No Chopp em metro ele babou no avental  
 Na Schützenfest, de Jaraguá  
 Babou na mira bem na hora de atirar  
 Em Timbó, na festa do Imigrante  
 Por lá o Bubi, também babou bastante  
 Em Rio do Sul, na Kegelfest do Bolão  
 Babou na Bola e ela caiu do dedão... au vaio!

Baba Bubi...  
 [...]

Babou em São Paulo, Rio, Minas Gerais  
 Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás  
 O Brasil inteiro ele viajou  
 e até me Munique, na Alemanha, já babou  
 Baba Bubi...

No Brasil, principalmente no Nordeste, o mês de junho, costumam-se comemorar as festas juninas, acompanhadas de quadrilhas, comidas típicas, quermesses. Para a historiografia essas festas são de origem portuguesa, incorporando aspectos culturais de chineses, espanhóis e franceses em que, com o passar do tempo, se misturaram as culturas de indígenas, afro-brasileiros e imigrantes europeus. No Estado do Ceará, danças e folguedos populares como o Bumba-meu-Boi ou Boi-Ceará, Pastoril, Reisado, Caminha Verde, Dança do Coco, Maneiro Pau, Tiração dos Reis, Banda Cabaçal, Torém, Dança de São Gonçalo e Maracatu expressam as tradições do litoral ao sertão do Ceará cuja origem não ignora a fusão cultural do branco, do negro e do índio.

O Maracatu, por exemplo, de origem africana, é um cortejo carnavalesco, com danças de passos lentos, instrumentos de percussão, assegurando nas extremidades do cortejo uma mulher com uma boneca ricamente enfeitada, a calunga. Porta-Estandarte, Baliza e Lampeões, um cordão de negros africanos, um cordão de negras, boiadeiro, pretos-velhos,

corte, macumbeiros e bateria. Menezes (2006) assim transcreve uma breve descrição feita por Rodolfo Teófilo acerca de um ritual incorporado à nossa cultura desde o século XVII:

[...] logo que chegava o rei com sua corte, entrava a missa, que era cantada, com repiques de sinos e foguetes. O casal de escravos sentava-se no trono com ares de quem estava convencido da realidade da cena, representada também pelos reis dos brancos tão ou mais ridículos de cetro e coroa do que ele. Acabada a missa, saía o cortejo real de cidade à fora até o palácio, em que passava o resto do dia a comer, a beber, a dançar, festejando as poucas horas de liberdade que todos os anos lhe concediam os senhores da terra que primeiro libertou os escravos.

São exemplos que nos permitem pensar o Brasil de múltiplas faces e linguagens e com seus saberes culturais próprios. A história humana encontrou várias formas de manifestar a sua cultura, bem como as resistências às culturas impostas pelos dominadores. Relacionamos as manifestações literárias e artísticas diversas que vão desde a pintura à arquitetura. A linguagem artística, sem dúvida alguma, sob a perspectiva da História Cultural, tem um lugar importante de resistência à cultura do dominador e aos projetos de colonização.

Salientamos que aqui também não se pretende dar um sinal de igual entre arte (como manifestação artístico-cultural) e a cultura popular, porém a manifestação cultural de um povo também se manifesta através de vários signos, expressos nas suas credices e festas e na sua produção artística (SILVA, 2003). Essas formas de demonstrar a cultura popular são destaque no conceito de folclore que Câmara Cascudo *apud* Marinho menciona: “ciência de psicologia coletiva, observada através de pesquisas a todas as manifestações espirituais, materiais e culturais do povo” (MARINHO, 1980, p. 20).

No cordel abaixo de José Lacerda temos a síntese exata do conceito e da manifestação da cultura popular:

Lendas, costumes e danças.  
Reza e festividade,  
Bebida, comidas típicas  
Hábitos da civilidade...  
A cultura que vem desde  
Princípio da humanidade.

O folclore português vem  
Do fundo religioso,  
Da África caracteriza  
O cunho supersticioso,  
Já o folclore indígena  
É muito misterioso [...]

Caminha para o conceito  
Da cultura popular  
Entender e estender,  
Cultura, povo e lugar,

A cultura Nacional  
Tem caráter singular [...]

O folclore é um processo  
De múltiplas interações,  
Dando espaço a sociedade  
Suas manifestações,  
Do Norte, Sul, Leste, Oeste.  
Em todas suas dimensões...

A cultura do folclore  
Está a desenvolver,  
Com a cultura erudita  
Com a popular a crescer  
Traços de interações  
Inteligência e saber [...]

Vê-se que o cordelista confirma o entrecruzamento de culturas. Dificilmente vamos encontrar nas sociedades civilizadas qualquer experiência cultural que não sofra a mescla de culturas populares, confirmando que a imposição cultural do colonizador não foi tão tranquilamente construída. Dos povos africanos e indígenas herdamos danças, crenças e musicalidades que ocupam, hoje, inclusive, os espaços reservados à elite letrada. “São simpatias são crendices / Que do folclore se emana/ Algumas mais divulgadas/ outras menos soberana/... ( Literatura de cordel: José Lacerda) que mobilizam homens e mulheres, jovens e crianças de diferentes setores sociais e econômicos, muitas das quais vindas das experiências culturais populares e da sua simbiose com os padrões culturais da dominação, como continua José Lacerda:

... Provenha de onde prover  
Tem grande força e poder  
Diante da mente humana.

Quando a poesia me chama  
Me esforço pra não faltar  
E neste folheto escrevo  
Com cuidado no versar  
As melhores simpatias  
Vindas da sabedoria  
Da crendice popular.

Para ciúme acabar  
Coloque numa panela  
Três dentes de alho roxo  
Três flores de berinjela  
Três folhas de urtiga preta  
Três pimentas malagueta  
Dentro de chá de macela.

Bote fogo na panela  
Até tudo derreter  
Depois jogue num jardim  
Não se esqueça de dizer:

“Que o ciúme se vá  
 E a paz volte a reinar  
 Entre a pessoa e você  
 (Literatura de cordel: José Lacerda)

Lembramos, também, que o mundo civilizado – excludente – tomou para si não só os valores culturais, mas os resultados da cultura produzida, dentre as quais se insere a indústria de medicamentos (farmacêutica). A medicina popular, assim como a religiosidade popular, também foi construída como alternativa possível dos setores dominados e oprimidos, utilizadas nas áreas rurais do mundo inteiro e originárias de tempos os mais longínquos. Não podemos esquecer que, como resultado dessa medicina alternativa, mulheres camponesas foram, na Idade Média, queimadas sob a acusação de bruxaria, embora a medicina popular tenha permanecido, atravessado os tempos e continentes, gerações por gerações. Santo Agostinho, em seu tratado de *Doctrina Christiana*, listava todas as práticas que deveriam ser negadas pelos cristãos, dentre as quais estão as práticas medicinais anunciadas pela Igreja e seus concílios como trabalho do Diabo e de seus agentes (JEFREY, 1993).

Como uma prática milenar das populações camponesas, a Medicina Popular espalhou-se entre continentes, sobretudo nas áreas rurais. Para Oliveira (1985), nas comunidades rurais era comum encontrar profissionais da medicina popular responsáveis pela classificação e seleção de plantas de acordo com a enfermidade do paciente. “[...] alguns ervateiros e raizeiros preparavam garrafadas, cuidavam de ferimentos e mordeduras de cobras e outros animais. Era uma medicina criada como resposta às suas necessidades concretas de doença e sofrimentos [...]” (OLIVEIRA, 1985, p. 22). Ainda, o próprio autor enfatiza que esses profissionais populares criavam e tinham compromisso em propagar esses saberes populares.

Essa prática por ter sua origem no meio rural chega à cidade com críticas dos profissionais da medicina científica<sup>5</sup>. Contudo, logo, passa a ser também utilizada pelo povo, na esfera familiar e social. “[...] Ela se constitui numa das expressões vivas, do ponto de vista político e cultural da sua sobrevivência na cidade e da luta constante entre os dominadores e os dominados” (OLIVEIRA, 1985, p.14). A medicina popular pode ser entendida como “[...] uma prática de cura que oferece respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos no dia-a-dia. Ela aproxima e fortalece as interações sociais já que pressupõe ajuda solidariedade [...] é barata, próxima e acessível (OLIVEIRA, 1985, p. 8-9). É uma medicina voltada para e pelo povo experienciada pelo “laboratório da Vida”.

---

<sup>5</sup> Medicina que envolve conhecimentos científicos

## 2.2 Cultura Popular e Cultura Dominante

Como já comentamos a cultura é dinâmica e por ter essa movimentação está em constante mudança. A cultura popular e a cultura dominante integram esse movimento nem sempre tranquilo, harmônico, mas como resultado de embates entre dominados e dominadores, silenciosos, às vezes, outras em confronto direto. Para as culturas dominadas trata-se de resistência na defesa de sua visão de mundo, da sua forma de ver e agir no mundo. Acontecimento histórico importante que transversa a história humana é a resistência indígena e negra que historicamente precisaram enfrentar a invasão dos colonizadores sobre seus territórios e a imposição da civilização européia sobre suas formas tradicionais de existência e de crenças. Sobre a população negra presenciou-se um “terror cultural”:

[...] da escravidão gerou as religiões afro-diaspóricas a partir do cruzamento entre o cristianismo e as religiões africanas: a *santéria*, a umbanda, o vodu, o xangô e outras. Para os africanos no novo mundo, o sincretismo era um modo de esconder suas próprias práticas religiosas sob um disfarce eurocristão. As religiões indígenas e africanas nas Américas desenvolveram uma cultura da camuflagem através da incorporação dos orixás africanos ou das divindades indígenas nas práticas cristãs, transformando a repressão em uma afirmação da cultura africana na diáspora (SHORAT; STAM, 2006, p. 84).

Esse fenômeno de resistência, mas também de acomodação assume importância nos diferentes tempos de colonização que modelou o “novo mundo” com práticas e ideologias encontradas nas grandes civilizações na Europa. Para os colonizadores não se tratava apenas de explorar os recursos naturais das regiões dominadas, até porque para explorá-los fazia-se necessário “amansar” os povos do lugar. Era necessário introjetar, por bem ou por mal, a cultura dominante, o que significava a negação da cultura nativa ou dos povos escravizados. Assim, lembrar da cultura do dominador é pensarmos em uma cultura invasora, assim destacada por Freire (1983, p.41):

[...] Toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores.

Não precisamos ir muito longe para identificarmos o que representa para a cultura popular a imposição de sistemas de valores da cultura civilizada. Lourenço Filho, reconhecido pela literatura educacional como um dos maiores educadores de nossa história, traduz com perfeita clareza a sua concepção sobre a diferença entre a cultura civilizada e a cultura popular, sobrepondo a primeira à segunda. Nas primeiras décadas do século XX, quando

chega ao Ceará para reformar o sistema educacional, teve a oportunidade de presenciar, com o espanto de um “homem civilizado”, a manifestação cultural-religiosa do povo do Cariri. Ao tecer longas considerações sobre o “fanatismo” daquele povo, recupera os estudos de Júlio de Mesquita Filho (2002, p. 182):

Como se verificou em todo o mundo, deveremos começar por formular o problema brasileiro – tarefa a que só os espíritos superiormente dotados e cultivados se poderão abalçar – para depois procurarmos a sua solução, pelo esforço conjugado e metodizado de toda a nação. Se nos resolvêssemos de um instante para outro criar, com o concurso de personalidades selecionadas entre os elementos tão abundantes nos velhos centros da Europa, três universidades, no Centro, no Sul e no Norte do país, atendendo às diferenças do meio brasileiro, em pouco tempo, em dez ou quinze anos, não mais, veríamos operar-se, estamos certos, milagrosa transformação na mentalidade brasileira. Refundida a nossa cultura e estabelecida a disciplina na mentalidade do povo, sob a ação purificadora daqueles núcleos de meditação e estudos. [...] Filtrada através dos vários estratos que constituem normalmente uma sociedade organizada e perfeitamente articulada, a ação das elites formadas no cadinho dos centros superiores de cultura refletir-se-ia na consciência popular. (grifo nosso).

O invasor não consegue vislumbrar outra cultura que não seja a sua. Não consegue pensar o mundo que não seja o seu mundo; nesse sentido, as relações que o invasor cultural estabelece com o “invadido” são fundamentalmente autoritárias, pois “tôda invasão cultural pressupõe a conquista, a manipulação e o messianismo de quem invade” (FREIRE, 1983, p.42). O invasor é o dominante da cultura e faz dessa invasão cultural não ser dialógica, pois manipula seus sujeitos, tornando-os simples seres sem atuação no seu contexto sócio-cultural. Ou seja, o colonialismo não só submete os colonizados às suas amarras. “Como um tipo de lógica perversa ele se volta ao passado do povo e o distorce, o desfigura e o destrói” (FANON apud SHORAT; STAM, 2006, p. 358). Dessa forma se impõe a cultura dominante sobre a cultura popular e, como efeito, a cultura erudita sobre a linguagem coloquial.

O homem Sob o domínio da elite social, econômica, política e cultural, balizada pelo conhecimento científico e por uma vasta instrução que uniformizando e dominando a linguagem padronizada e imposta também busca dominar o mundo. Dessa forma, não é fato raro a identificação da forte presença e assimilação dos elementos culturais dominantes na formação cultural dos povos dominados. Boahen (2010), ao analisar a África sob o domínio colonial, destaca o dilema resultante da política colonial de aculturação das elites africanas: “Mesmo nos mais intransigentes textos anticolonialistas, é comum discernir um flagrante fascínio e preferência pela cultura européia, tal como a experimentavam em seu meio e a descobriram à medida que seu horizonte intelectual pessoal se ampliava”. (BOAHEN, 2010, p. 654). Assim, a educação formal, com seus saberes da erudição, assume especial lugar,

tornando-se, por vezes, o anseio dos grupos sociais colonizados, ganhando como relevância o conceito de cultura como referência à cultura letrada e suas manifestações artísticas.

Para Ornelas (2000, p. 148) “[...] a ordem simbólica dominante alega constantemente que ela é detentora do conhecimento, da informação, da verdade, e, por isso, ela tem o direito de impor as suas representações e decidir sobre a vida do outro [...]”. Nessa perspectiva convence os dominados, utilizando-se de todos os meios ideológicos e repressivos, da superioridade de seus valores culturais. Só assim podemos entender a forte presença neocolonizadora da França no Ceará entre os séculos XIX e XX. Fortaleza, capital do Ceará, “respirava Paris”, como costumam identificá-la os historiadores que se ocupam com os tempos da Fortaleza Belle Époque. Ramos Cotoco, poeta, pintor e compositor cearense do século XIX, com a música “Modernidade” (1902), assim se refere a essa “invasão” cultural francesa e sua influência entre as elites femininas em terras cearenses:

Não existe moça feia, / todas são puras e belas / A questão é um jeitinho que jamais faltou a elas / E além disso elas.../ Têm nanquim, têm zarcão / Têm carmim e algodão / Têm mil prendas, fingimentos / Da beleza monumentos / Moça de corpo malfeito não existe atualmente / Graças aos quartos supostos que dão forma tão decente / E elas ainda são mais lindas porquê... / Têm nanquim, têm zarcão / Têm carmim e algodão / Têm mil prendas, fingimentos / Da beleza monumentos / E as moças de pernas finas morreram o século passado / Hoje todas têm-nas grossas e o pezinho delicado / Além disso elas.../ Têm nanquim, têm zarcão / Têm carmim e algodão / Têm mil prendas, fingimentos / Da beleza monumentos / Seus olhos feios, petiscos, encontraram salvação/ Usam pince-nez escuro que lhes dá muita expressão / Mais bonitas são porque.../ Têm nanquim, têm zarcão / Têm carmim e algodão / Têm mil prendas, fingimentos / Da beleza monumentos / Não se vê moça banguela, que era falta extraordinária/ Esse defeito sumiu-se por graças da arte dentária/ E para o mais elas.../ Têm nanquim, têm zarcão / Têm carmim e algodão / Têm mil prendas, fingimentos / Da beleza monumentos / Aos domingos na avenida são lindas de arrebatat/ Porém, na segunda-feira, ficam feias de espantar/ Creio que é porque elas em asa tiram...

Faz-se necessário salientar mais uma vez que a história é também marcada por resistência dos dominados, identificados em embates diretos ou indiretos. Entre os séculos XVI e XVII, os povos indígenas que habitavam as terras nordestinas foram ativos combatentes nas Guerras dos Aimorés (Bahia), dos Potiguaras (Paraíba- RN), dos Tupinambás (Bahia e Espírito Santo-Sudeste), da Confederação dos Cariris (PB e CE -1686-1692), todos contra a opressão luso-brasileira. No Ceará, nos mesmos séculos, colonizadores foram diversas vezes forçados a fugir pela força da resistência indígena. Somam-se a essas lutas a Insurreição Pernambucana que culminou com a expulsão dos neerlandeses do Nordeste do Brasil; o Motim do Nosso Pai (PE, 1666); a Revolução de Beckman (MA, 1684-1685); a Guerra dos Mascates (PE, 1710-1711); O Motim do Maneta - sublevações contra o monopólio

do sal e aumento de impostos (Ba, 1711); a Revolução dos Alfaiates (Ba. ), a Confederação do Equador (revolta separatista, Nordeste - 1823-1824); a Cabanada (insurreição popular, Pe. e Al.- 1832-1835); a Sabinada (insurreição popular, Ba 1837-1838); a Balaiada (insurreição popular, Ma -1838-1841); Insurreição Praieira (revolta socialista, Pe. -1848-1850), dentre outros. Em síntese, da resistência inicial indígena e quilombola os nordestinos introjetaram a persistência e a esperança por um futuro sem opressão e de liberdade.

É bem verdade que cada um desses eventos teve motivações bem diferentes, porém nos ajudam a desmistificar o imaginário historicamente construído sobre a formação político-cultural do povo do nordeste.

[...] As histórias dos homens e das mulheres reais desvelam a outra história que a História oficial mascarou. De um povo preso às tradições revela-se um povo com potencial transgressor, mesmo que em determinadas circunstâncias essa transgressão insurja com facetas míticas, religiosas, como, por exemplo, os movimentos messiânicos. (SOUSA; CARVALHO, 2012, p. 63)

A resistência da população sertaneja assumiu formas diversas. Do êxodo aos movimentos sociorreligiosos ou o cangaço, buscava fugir da miséria e da opressão provocada pelas rigorosas secas e pelos poderosos do lugar. Não se preocupava com a forma e o conteúdo da resistência, porém em cada luta silenciosa ou explícita a cultura popular buscava sobrepor-se a cultura da dominação seja através da construção de práticas alternativas de trabalho, seja através da música, da poesia, da medicina alternativa, dos contos e dos benditos, do folclore e da religiosidade popular. São manifestações que por vezes se mesclam com a cultura dos dominadores, outras são construídas por fora da cultura dominante, de suas instituições, mesmo sendo suas contemporâneas (SANTOS, 1984).

### **2.3 Cultura e religiosidade**

Quando falamos em cultura popular do Juazeiro do Norte, associamos aos elementos da religiosidade popular. Essa identificação está relacionadas a unidade que historicamente se estabeleceu entre a cultura popular e a religiosidade popular, mais precisamente com o catolicismo popular<sup>6</sup>. Assumindo para nós a formulação de Gois (2004,

---

<sup>6</sup> Segundo Maldonado (1986, p. 12) “ o catolicismo popular resulta ser uma forma altamente equilibrada e harmônica de existência humana, forma que hoje nos traz saudades, nós que pertencemos ou da dimensão cósmica, naturalista, ou da histórico-profética [...] Contudo, em muitos outros casos o catolicismo popular é algo completamente diferente e aparece trespassado por fortes contradições, como também por uma mistura de valores e contravalores.

p. 10), o catolicismo popular acaba se exprimindo em Juazeiro do Norte e, mesmo em toda a Região do Cariri, mediante elementos culturais, e “[...] as culturas populares, por meio de elementos religiosos. A simbiose, em alguns casos, é tão forte que não é fácil distinguir o que pertence a cultura do que pertence à religião”.

Isso não significa dizer que cultura popular e cultura religiosa sejam sinônimos, embora em suas manifestações prático-sensíveis costumam se confundir. Para Gois (2004, p. 10), a religiosidade popular “[...] abrange todas as formas de religiosidade existentes entre nós, sem dúvida também o catolicismo, porém inclui o protestantismo popular (momento as “seitas”), os sincretismos afro-brasileiros, os remanescentes das religiões indígenas etc”. Já a cultura popular é bem mais ampla, podendo assumir sentidos diversos, como problematiza Abreu (2003, p. 83)

No sentido mais comum, pode ser usado, quantitativamente, em termos positivos (“Pavoratti foi um sucesso popular”) e negativos (“O *funk* é popular demais”). Para uns, a cultura popular equivale ao folclore, entendido como o conjunto das tradições culturais de um país ou região; para outros, inversamente, o popular desapareceu na irresistível pressão da cultura de massa (sempre associada à expansão do rádio, televisão e cinema) e não é mais possível saber o que é original ou essencialmente do povo e dos setores populares. Para muitos, com certeza, o conceito ainda consegue expressar um certo sentido de diferença, alteridade e estranhamento cultural em relação a outras práticas culturais (ditas eruditas, oficiais ou mais refinadas) em uma mesma sociedade, embora essas diferenças possam ser vistas com um sistema simbólico coerente e autônomo, ou, inversamente, como dependente e carente em relação à cultura dos grupos ditos dominantes.

Para efeito desse estudo, como já explicitamos em sua introdução, interessa-nos situar a cultura e a religiosidade popular como “estranhamento cultural” dos povos oprimidos em relação às práticas culturais de dominação que, particularmente, marcou o nordeste brasileiro, sobretudo cearense, expresso na região do Cariri.

Em primeiro lugar é preciso salientar que a religiosidade tem significados distintos na história humana. Das comunidades tribais primitivas se estabeleceu na historiografia uma controvérsia se o que algumas tribos praticavam poderia se chamar de religião ou simplesmente de magia, porém toda a vida chamada de pré-histórica parece indicar, pelos estudos acumulados, o reconhecimento da existência de forças dispersas e superiores que, por vezes, foram confundidas com as forças naturais. O homem paleolítico, por exemplo, não possui uma concepção espiritual definida, contudo, acreditava que o mundo era povoado por seres invisíveis que animavam todas as formas de vida, sendo de natureza propícia ou maléfica para o homem.

Para Gois (2004), a religiosidade, especificamente a religiosidade popular, tem afinidade com o povo, por isso mesmo tem afinidade com a cultura popular, sendo um fenômeno sociocultural e um encontro complexo da criatividade cultural. A religiosidade popular se identifica com as populações “não instruídas” na fé, responsabilidade da religião como espaço institucional ou simplesmente porque julgam sua fé suficiente. Enquanto isto, a autora Rosendahl (1996, p.73) afirma que “a religiosidade popular é um protesto das pessoas oprimidas, das classes dominadas, que se organizam em um sistema de crenças e práticas, em um Deus ou outra divindade, ocorrendo uma autoprodução religiosa [...]”. Nessa perspectiva, podemos dizer que a religiosidade atinge todas as camadas sociais, tendo percorrido todos os caminhos da humanidade, embora com diferenciadas manifestações.

Não existe povo, por mais bárbaro ou primitivo que seja, que não tenha a sua forma de manifestação religiosa em sua cultura, seus tabus, seus princípios, seus valores, suas superstições, suas crenças. O ser humano é um ser religioso em essência. Os anseios, os desejos, temores e decisões do homem estão diretamente ligados com aquilo que acredita ou deixa de acreditar. A história da humanidade, por essa razão, confunde-se com a história da religião dos povos. Portanto, falamos aqui em cultura religiosa porque entendemos que as duas palavras estão diretamente relacionadas entre si. (KUCHENBECKER, 2004, p. 23).

Nesse sentido, sendo a cultura uma forma de comportamento humano, a religiosidade nela está inserida, seja na sua versão primitiva (animismo, magismo, umbanda); sapienciais (hinduísmo, budismo, confucionismo, taoísmo, e xintoísmo); proféticas ou reveladoras (judaísmo, cristianismo, islamismo); seja na sua versão espiritualista (espiritismo e umbanda); mística ou como filosofia de vida (maçonaria, yoga, seicho-no-ie, teosofia), assumindo também formas diversas: Teísmo (monoteísmo, politeísmo, henoteísmo, Panteísmo, Panenteísmo); Monismo; Dualismo; Deísmo; Ateísmo; Animismo; Magismo, Manismo; Totemismo, Gnosticismo.

Contudo, foi o cristianismo, que influenciou sobremaneira o mundo ocidental e, dentre as doutrinas cristãs, o catolicismo, como sua forte influência sobre a religiosidade popular que tem nos movimentos sociorreligiosos a sua mais destaca expressão. São movimentos que insurgem, como tantos outros de natureza popular, como resistência à opressão do colonizador, seja no Norte da África, seja na Oceania, no Sudoeste da Ásia ou nas pradarias da América, ou ainda no Brasil e, particularmente, no Nordeste brasileiro:

[...] Os movimentos de natureza sociorreligiosas que, com suas especificidades, eclodem, entre séculos, em diferentes espaços do globo, revelam algumas singularidades. Em comum identifica-se a busca de alternativas de vivências comunitárias face a realidades socio-históricas de carência e opressão que se

misturam à forte presença da religiosidade no cotidiano de povos que ainda não superaram a dependência ao mundo natural e às suas adversidades. Como ainda lembra Arruda (2006), no resgate desse fenômeno histórico não podemos desconsiderar o fato de que a emergência desses movimentos só começou a eclodir após o surgimento dos primeiros conflitos pela posse da terra e sempre em regiões formadas por um povo cujo imaginário era dominado pela crença na existência de um mundo extrafísico, de um ser supremo, onipresente, onipotente e onibondoso. (SOUSA; CARVALHO, 2012, p. 28).

No Nordeste brasileiro, movimentos socioreligiosos eclodiram na Bahia, no Ceará, no Rio Grande do Norte, em Pernambuco. “Todos eles, quando no processo de resistência aos opressores [...], recorriam à sua memória religiosa e dela extraíam todos os referenciais de sua luta contra-opressiva.” (ARRUDA, 2006, p. 22). Do Nordeste do Brasil, tem-se Pedra do Reino, Canudos, Caldeirão, Pau de Colher e Borboletas Azuis, que motivados pela fé, esperança, solidariedade e igualdade construíram ao longo da história brasileira experiências culturais fundadas na religiosidade que se colocavam como alternativa à cultura do dominador, do opressor e, por isso mesmo, foram violenta e traiçoeiramente esmagados. Daí que, mesmo considerando as diferentes formas culturais, devemos “[...] entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade, das relações sociais dentro de cada qual e das relações entre elas” (SANTOS, 1984, p. 20). No entanto, entender a cultura de um país é entender sua origem que perpassa uma trajetória, desenvolvendo relações sociais que favorecem sua permanência ou não.

Para esclarecer melhor essas relações sociais, Freire (1990) aborda que o homem é um ser da práxis e como atuante dentro da sociedade responde aos desafios do mundo, assim, cria o mundo histórico-cultural. Esses desafios reforçam seu pensamento, pois o homem é um ser dinâmico que ao pensar transforma o mundo, ou seja, “Mundo da opinião e mundo do saber. Mundo da ciência, da religião, das artes, mundo das relações de produção. Mundo finalmente humano.” (FREIRE, 1990, p. 47). No entanto, o que o homem faz implica mudanças. A mudança da consciência leva-o a

[...] refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mas ‘emergerá’ dela conscientemente ‘carregado’ de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais. (FREIRE, 1990, p. 61).

O homem como ser ativo “é capaz de transcender, de discernir, de separar órbitas existentes diferentes, de distinguir ‘ser’ do ‘não ser’; de travar relações incorpóreas” (FREIRE, 1990, p. 63). Nesse sentido, esse transcender, discernir e separar dá-se com o tempo, pois durante sua trajetória vai reconhecer o hoje, alcançar o ontem e descobrir o

amanhã, possibilitando realizar esse tripé que é a história e a cultura, ou seja, a História de sua Cultura, como ressalta Freire (1990, p. 63):

A história de sua cultura, o tempo e a dimensão do tempo foram um dos primeiros discernimentos do homem. O ‘excesso’ de tempo sob o qual vivia o homem iletrado comprometia sua própria temporalidade, à qual se chega com discernimento a que nos referimos. E com a consciência desta temporalidade, a de sua historicidade. Não há historicidade no gato por sua incapacidade de discernir e transcender, tragado no tempo unidimensional – um hoje eterno – do qual não tem consciência.

O homem não pode ser neutro, mas sim ativo, cria as condições para modificar o ambiente em que vive. Essas ações “podem contribuir para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas grupos e categorias de pessoas” (SANTOS, 1984, p. 19) que, algumas vezes claras outras disfarçadas ocultam o domínio cultural de uns sobre outros. Isso pressupõe apreender a nossa história a fim de compreendermos as razões que propiciaram a longa manutenção dos pré-conceitos destituídos de fundamentos. Queremos dizer com isso que não há nenhum elemento real da história humana que justifique a visão dominante introjetada no senso comum da inferioridade de um povo em relação a cor, a região que habita, clima, gênero e opções sexuais. Ao contrário, a história da cultura humana é rica em exemplos que facilmente nos ajudariam a demolir um “amontoado” de credices que entre séculos justificam as discriminações entre indivíduos, povos, agrupamentos sociais e entre nações para uniformizar a cultura. Utilizando-nos dos exemplos de Nascimento (2008, p. 73), temos a história das civilizações antigas africanas:

O conhecimento e a civilização africanos clássicos se espalharam pelo mundo em viagens antigas nunca imaginadas por uma Europa moderna que se julga a “descobridora” solitária dos continentes e a única dona da tecnologia marítima. Pesquisas antigas e recentes comprovam a presença da cultura africana na antiguidade na Europa, na Ásia e nas Américas. O negro se fez presente em todos os cantos do mundo, enriquecendo outras civilizações e com elas fazendo intercâmbio.

As mulheres, inclusive as mulheres das culturas negras, como destaca Nascimento (2008), também ocuparam papel importante na história, revelando a “outra” história que a cultura eurocêntrica buscou mascarar quando do processo colonizador. Cleópatra nos dá um bom exemplo da Rainha Poderosa, entretanto toda a História da África nos fornece uma extraordinária matriz teórico-prática para desmistificar a inferioridade entre sexos e raças. Eram rainhas-guerreiras, estadistas enfrentando militares, o poder político e os colonizadores europeus. Em Angola, a rainha Nzinga, contemporânea de Zumbi, como soberana resistiu aos dominadores portugueses e holandeses. A rainha Yaa Asantewaa, de Gana, liderou a guerra

dos asante contra o domínio inglês. São exemplos que “confirmam uma tradição que nasce de profundas raízes históricas e culturais”, desde os seus primórdios.

A história da diversidade cultural entre povos também pode ter padrões valorativos sobre a sexualidade humana. Da sociedade moderna, sobretudo a partir do século XIX, o sexo monogâmico heterossexual se firma como a única forma lícita, ao mesmo tempo reanimam-se maneiras de encarar as práticas consideradas “contrárias à natureza” em investigações e pesquisas extremamente obsessivas (FACCO, 2009). No contraponto, diferenciando-se profundamente do pensamento dominante moderno, a sexualidade em outras culturas assume conotações diferentes. “Encarada sob os mais variados aspectos, a sexualidade humana pervade a História”. Em determinados períodos da história grega a heterossexualidade não era uma escolha sexual exclusiva, ao contrário, as experiências homossexuais eram permitidas, mesmo que unicamente para os homens. (ULMANN, 2007, p. 15-16). Na tribo Keraki da Nova Guiné, encontram-se práticas homossexuais nos ritos de iniciação à puberdade que espanta os padrões sociais e valores morais da sociabilidade moderna. De acordo com Lasso (LASSO, 1998, p. 38),

Durante um ano copulam com varões maiores em idade, não-casados, enquanto eles desempenham um papel passivo no coito anal. Depois desse ano já são considerados adultos ao nível sexual e, na promoção seguinte do rito de iniciação, desempenharão o papel ativo com outros jovens, até que se casem. Ao casarem-se abandonam as práticas homossexuais, para passar a heterossexuais. Essas práticas se fazem pelo bem do rapaz, pois se considera este tipo de relação como ajuda a seu melhor desempenho em todos os aspectos.

Assim, se continuarmos na busca da historicidade das formações culturais humanas, outros tantos exemplos encontraremos para desvelar a heterogeneidade cultural e, por conseguinte, descortinar a visão dominante da cultura única e homogênea fundada em padrões culturais dos dominadores – com seus valores morais e a sua cultura erudita. O Brasil, com sua diversidade em todas as suas dimensões (sociais, políticas, religiosas etc), nos serviria como exemplo da cultura plural que transversa os diversos continentes. Concordando com Wisnik (2002, p. 297),

Cito intencionalmente exemplos que vão da literatura à música, ao cinema e à arquitetura, e onde se combinam manifestações eruditas com manifestações da cultura popular e de massas. Quero assinalar com isso o caráter algo fusional e mesclado da singularidade cultural brasileira, ligado a sua vocação para cruzar ou dissipar fronteiras [...]

Essa capacidade prático-sensível de dissipar fronteiras não significa a superação de preconceitos, sobretudo os preconceitos culturais, embora esses preconceitos não foram e

nem são fortes suficientes para impedir a pluralidade de manifestações culturais (eruditas e informais, oficiais e populares) que coabitam do norte ao sul do país, cada qual com sua lógica interna e a sua complexidade “[...] a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam”. (SANTOS, 1984, p.8).

Contudo, mesmo considerando que cada cultura é resultado de uma história particular, não podemos esquecer que as particularidades culturais não se forjaram em isolamento, incluindo também relações com outras culturas, sobretudo dominantes, de que, como já mencionamos, a história humana traz exemplos significativos.

Neste estudo, interessa-nos destacar as práticas culturais construídas pelo povo do sertão nordestino em terras cearenses, particularmente na Região do Cariri que, diferenciando-se e mesclando-se com a cultura dominante do lugar, propiciaram uma síntese cultural-popular que entrou para a História do Ceará como o Cortejo do Pau da Bandeira (Barbalha), a Festa da Cruz da Baixa Rasa, a Banda Cabaçal (Crato), mas também com a Irmandade dos Penitentes, com o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto e os milagres de seus “santos” que, independentemente do reconhecimento do Poder Eclesiástico, tem a devoção do homem simples do lugar.

### 3 CULTURA E RELIGIOSIDADE NA REGIÃO DO CARIRI DO CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO: O CARIRI DA FÉ

O nome da região  
Vem da tribo Cariri  
Provém da língua indígena  
Pesquisei, digo aqui  
Por muito tempo habitou...

A Meca do Padre Cícero  
È Juazeiro do Norte  
Com religiosidade  
Onde busquei minha sorte  
Tem espaço cultural  
Li notícia no mural  
Aumentou o meu suporte.  
(Literatura de cordel: A região do Cariri;  
Autora: Antonia Rodrigues)

Falar do Cariri é falar da cultura popular, mas também da religiosidade que brota de diferentes experiências acumuladas pelo povo do Nordeste brasileiro. Quem se propuser a desbravar o sertão nordestino encontrará um povo crente, temente a Deus, mas não encontrará uma uniformidade de crenças e práticas, mesmo entre aquelas que justificam suas raízes no catolicismo popular. No Cariri do Ceará, essa realidade se reproduz historicamente desvelando uma experiência exemplar da simbiose entre cultura popular e religiosidade popular, entre o catolicismo popular e o catolicismo oficial. Para Melo (1996, p. 19-20),

[...] a Igreja subsiste interpenetrada por sua condição histórica e por sua verdade teológica unidas sem divisão, sem confusão nem mistura. É uma realidade visível, sujeita a mensurações e juízos humanos, a análises dos mais diversos matizes. As ciências humanas em geral têm algo a dizer a respeito dela, algum valor a destacar ou alguma falha a desmascarar, malgrado o que haja de verdadeiro no discurso das ciências, A Igreja recebe seu significado radical de uma verdade somente acessível àqueles que, mediante a fé, enxergam na condição histórica a presença do divino. Toda a Igreja, portanto, define-se como sacramento, realidade visível habitada por uma realidade invisível, visibilização do divino no humano. Conseqüentemente, a Igreja no conjunto de seus membros e dos elementos que a constituem é Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo, movida por esta autoconsciência, ela evangeliza...

No seu sentido mais amplo, a religiosidade popular, nas suas mais variadas manifestações, não perde de vista a fé na presença do divino no humano, como ressalta Melo. Entretanto, quando alcançamos o “chão” dos “homens e mulheres de fé”, uma diversidade de compreensão sobre a relação do homem e o divino, sob a mediação da Igreja, toma forma em práticas paralitúrgicas.

Nesse sentido, este capítulo enfatiza a cultura da região do Cariri e é lá, na cidade do Crato (CE), que surge a comunidade Caldeirão. No entanto, o presente capítulo nos informa sobre essa região e sua religiosidade, enfatizando a cultura não dominante que ao longo dos tempos motivam muitos romeiros a irem ao Cariri e conhecer também histórias específicas do lugar, como é o caso do Caldeirão.

### 3.1 Cultura e religiosidade na região do Cariri

No Cariri, região em que se construiu há mais de 70 anos a comunidade do Caldeirão, o catolicismo continua a ser a referência central religiosa dos setores populares e, como efeito, de suas práticas culturais. Ressaltamos, porém, que entre religião<sup>7</sup> e povo<sup>8</sup> o catolicismo popular ganha livre expressão nas mãos e na voz dos artistas, poetas, músicos e pinturas de devotos, mas também nas Irmandades dos Penitentes, dos curandeiros, enfim do sertanejo que em tempos de romaria juntam suas forças para com seus benditos apelar para a intervenção dos Santos para amenizar seu sofrimento terreno. Naquela região, não há como encontrar uma distinção exata entre o que é sagrado e profano, religiosidade e cultura popular e dessas manifestações com o turismo e o comércio local.

Na introdução deste estudo, evidenciamos que o nosso propósito é estudar a educação como prática religiosa no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. No primeiro capítulo nos apropriarmos do conceito de cultura e religiosidade para entender a religiosidade como prática cultural e, sobretudo, educativa que norteará o desenvolvimento do terceiro capítulo. Nesse momento, revisitaremos as práticas cultural-religiosas da região do Cariri, ou seja, a comunidade sociorreligiosa Caldeirão. Assim, Chatier (1990, p. 23) ressalta que as práticas:

[...] visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns representantes (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

---

<sup>7</sup> Segundo Henan (1986, p.77) “ O conceito ‘ religião’ recebe uma significação cultural-histórica e indica um modo de religiosidade no qual o lugar de Deus é reduzido dentro da margem sempre mais estreita da deficiência humana”. Ver mais sobre o assunto: MALDONADO, L.; DELUMEAU, J.;DUSSEL, E.; SUESS,P.; Religiosidade Popular. Petrópolis: Vozes, 1986.

<sup>8</sup> Segundo Medellín apud Maldonado (1986, p. 8) “entende por povo o povo pobre, isto é, o conjunto de camponeses ou trabalhadores urbanos marginalizados, despossuídos de uma série de bens. É o oposto à minoria tanto quantitativa como qualitativamente.

Essas práticas eram identificadas no Caldeirão. De imediato reconheceríamos a realidade social daquele lugar, que destaca por sua religiosidade e cultura. Daí abordamos brevemente a cultura caririense é, acima de tudo, entender a origem de seu nome na literatura de cordel no início deste capítulo, mas também entender as expressões de religiosidade do povo do lugar representadas nos benditos populares que ressaltam os nomes de seus santos e conselheiros e no conjunto da formação que marca a história da educação popular nas primeiras décadas do século XX.

O Cariri é uma região que contagia a todos que dela se aproximam. Sua história é contada em obras literárias herdadas do passado, mas também por aqueles que asseguram a sua continuidade nas bravas lutas, nos diários dos viajantes, na musicalidade, na poesia, na literatura de cordel, nas danças, nos festejos e nos eventos religiosos.

Em 1838, George Gardner, naturalista inglês, ao chegar à região do Cariri, mais precisamente no distrito do Crato, assim descreveu o lugar em seu relato de viagem:

Impossível descrever o deleite que senti ao entrar neste distrito, comparativamente rico e risonho, depois de marchar mais de trezentas milhas através de uma região que naquela estação era um pouco melhor que um deserto. A tarde era das mais belas que me lembra ter visto, com o sol a sumir-se em grande esplendor por trás da Serra de Araripe, longa cadeia de montanhas a cerca de uma légua para o oeste da Vila; e o frescor da região parece tirar aos seus raios o ardor que pouco antes do poente é tão opressivo ao viajante nas terras baixas. A beleza da noite, a doçura revigorante da atmosfera, a riqueza da paisagem, tão diferente de quanto, havia a pouco, houvera visto, tudo tendia a gerar uma exultação de espírito, que só experimenta o amante da natureza, e que em vão eu desejava fosse duradoura, porque me senti a em harmonia comigo mesmo, mas em “paz com tudo em torno” (GARDNER, 1975, p. 92).

A presença do catolicismo popular é, contudo, a principal marca de sua paisagem histórica. Sua história é contada nas preces dos chamados fanáticos, no cotidiano do vaqueiro, de homens e mulheres que trabalham na difícil vida cercada de infortúnios sejam físicos ou sociais. Foi também através da fé dos sertanejos que o povo do Cariri construiu sua própria cultura, representada pela cultura popular e com ela a religiosidade popular que para alguns é cultura supersticiosa, fanática; para outros resistência nem sempre consciente, nem por isso de menor importância histórica.

No romance *O Sertanejo* de José de Alencar (2006, p. 138), a religiosidade do sertanejo é associada a superstição:

O sertanejo é supersticioso. A solidão, quando não a acompanha a ciência, inspira sempre este feiticismo. Vivendo no seio da grande alma da criação, que ele sente palpitar em cada objeto, tudo quanto o cerca, animal ou coisa, parece ao homem do

campo encerrar um espírito, que ali expia talvez uma falta, ou espera uma ressurreição.

No jornal *O Estado*, datado de 1937, contudo, a religiosidade do homem do sertão transparece como resistência à ordem estabelecida, sobretudo ao poder da cultura religiosa oficial:

É a própria preservação do catolicismo popular em sua forma mais radical, combatendo inclusive o papel hegemonicamente unitário do Vaticano na condução do catolicismo. É a independência das baixas camadas católicas julgando autoridades eclesiásticas, condenando-as, face a seus critérios e santidade. (*O Estado*, 1937, p.5).

Com isto, o catolicismo popular conseguiu ganhar destaque e atingir o Vaticano, pois o mesmo não concordava com suas práticas religiosas. Supersticioso ou resistente, ou uma mistura de tudo isso, o que não podemos desconsiderar é o contexto que funde cultura-religiosidade e os elementos sociais que fizeram do Cariri e do nordeste de uma maneira geral uma região “dona” de uma história particularmente instigante. Só assim podemos compreender a origem do cangaceiro e “lampiões” tementes a Deus. Homens temidos pelo povo do lugar, porém homens de fé, não se curvavam aos coronéis, porém pediam a benção àqueles que reconheciam como representantes de Deus na Terra.

Para Gonzaga de Sousa (2004), Lampião, Chico Pereira, Antônio Silvino e tantos outros cangaceiros revelaram ao mundo o “*modus vivendi*” do sertão nordestino. Era, como retrata uma estrofe do Cordel de Gonzaga de Sousa“ [...] O mais perfeito retrato/ Das caatingas do sertão”. A controvertida trajetória no cangaço força-nos a reconhecer que não há como pensar no cangaço sem nos lembrarmos do vaqueiro, da seca, do poder oligárquico local, da miséria da região, da religiosidade, do herói e do bandido que se confunde com a cultura popular.

Para Jasmin (2006, p. 17), o vínculo entre banditismo<sup>9</sup> e heroísmo foi com o tempo legitimada pela literatura popular. “Assim como as canções de gesta, os folhetos de

---

<sup>9</sup> O banditismo social são proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da Justiça, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e apoiados. É essa ligação entre o camponês comum e o rebelde, o proscrito e o ladrão que torna o banditismo social interessante e significativo. Além disso, ela o distingue de dois outros tipos de crime rural: as atividades de grupos originários do “submundo” profissional ou de meros pilhadores (“ladrões comuns”) e das comunidades para as quais o roubo faz parte da vida normal, como, por exemplo, os beduínos. Em ambas os casos, vítimas e atacantes são estranhos e inimigos. Os ladrões profissionais e os pilhadores consideram os camponeses como sua presa, e os sabem hostis. Por sua parte, as vítimas consideram os atacantes como criminosos, segundo seus próprios termos, e não apenas de acordo com que diz a lei oficial. Seria inimaginável que um bandido social se apossasse da colheita dos camponeses (mas não a do senhor) em seu próprio território, ou mesmo em outros lugares. Por conseguinte,

cordel sempre privilegiaram a figura emblemática do herói encarnando as virtudes de um território, defensor da honra perdida do grupo [...]”. Na representação popular o cangaço passa a corresponder à reparação de injustiças, de vingar afrontas face à “parcialidade da justiça a serviço dos potentados locais [...]”, mesmo quando a história registra vínculos, por vezes, estabelecidos entre os cangaceiros e o poder local.<sup>10</sup>

Podemos mencionar como fanáticos um grupo específico de sertanejo, ou seja, os cangaceiros e sua luta no campo. Esses sujeitos são homens e mulheres que eram “contra a tirania econômica social e política” (FACÓ, 1976, p.51) se agrupavam para reivindicar seus direitos e são essas pessoas que fizeram parte de uma história de luta. Essa luta era voltada pela a terra e em função da mesma, podemos destacar nas palavras de Facó (1976, p.37)

O cangaceiro e o fanático eram os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, de seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas era uma luta em função da terra – uma luta contra o domínio do latifúndio semifeudal.

A história do lugar, seja na sua dimensão natural seja social, favorece a legitimação do “bandido herói”, como também a insurgência dos movimentos sociorreligiosos. Nas palavras de Arruda (2002, p.29-30) “[...] eles ocorreram sempre em graves crises sócio-políticas ou em momentos de grandes calamidades e indigências sociais”. Ainda com suas palavras:

---

aqueles que assim procedem carecem daquela qualidade peculiar que caracteriza o banditismo “social”. É claro que, na prática, tais distinções são muitas vezes menos claras do que na teoria. Um homem pode ser um bandido social em suas montanhas natais, e um simples ladrão na planície. Não obstante, a análise exige que estabeleçamos a diferença (Hobsbawm, 1975, p.11).

<sup>10</sup> O Cangaço foi mais uma forma de pessoas, tentarem mostrar para a sociedade a realidade que acometiam o cenário nordestino. Através de sua agressividade em saquear o comércio nordestino, fazia com que fossem grupos diferentes na nossa região. Também havia os jagunços, indivíduos estes mais antigos na história, entre os fanáticos e cangaceiros, ou seja, “No começo das colonizações, os donos de sesmarias e, depois, os latifundiários, na medida em que devassavam o interior e tratavam de estabelecer o seu domínio econômico, tiveram que armar suas fazendas para afugentar os índios que assediavam. O conceito de propriedade, entre estes, era o comunitário primitivo que os levava a abater os gados dos colonizadores e dos sertanistas, ou a pilhar os frutos de suas plantações. Em represália aos ataques dos indígenas, os fazendeiros armavam homens, às dezenas, para defender suas propriedades, cujos limites se estendiam por léguas e léguas, em plenos sertões quase virgens. Surgiram também questões de divisas entre as sesmarias ou fazendas. E, então, os encarregados da sua guarda, que tinham antes um papel puramente defensivo, passam a desempenhar muitas vezes funções ofensivas, atacando as propriedades vizinhas. É esta a mais comum das origens das conhecidas lutas entre famílias, que se prolongam até o nosso século” (FACÓ, 1976, p.53). Ver mais sobre a temática entre heroísmo e banditismo e resistência e adaptação nas representações sobre o cangaço: CHIAVENATO, Júlio José. Cangaço a força do Coronel. São Paulo: Brasiliense, 1990; Lima, Geralda. O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião / Geralda de Oliveira Santos Lima. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

[...] As grandes secas periódicas intercaladas com grandes cheias, por exemplo, que em alguns anos chegavam a ocasionar o extermínio de uma parte significativa da população, motivavam o aumento da efervescência religiosa e o consequente surgimento de movimentos sócio-religiosos com diferentes roupagens (ARRUDA, 2002, p.22).

No Cariri, como resume o jornal *O Araripe* do dia 29 de janeiro de 1920, reencontramos essa realidade no Crato nas primeiras décadas do século XX,

... conheceis de *visu* a zona do Cariry, a situação do Crato, suas riquezas naturaes em relação aos sertões cearenses: pois bem o luto da morte pela fome vesta plantas, animaes e toda natureza enfim.

Amparae cearense de espírito forte que pelo trabalho honrado quer matar a fome de seus filhinhos [...]

A população cratense está morrendo de fome por absoluta falta de recursos, como não deveis ignorar: a situação é aterrorisadora. Pedimos mandar alistar urgentemente o maior numero possível de trabalhadores para o serviço do prolongamento da Baturité afim de interromper a emigração.

Nessa paisagem, como sempre aconteceu na história da humanidade, o místico<sup>11</sup> se faz representar e, com efeito, constrói um terreno fértil para a inserir na religião oficial na formação do povo simples, mas também da religiosidade popular que por vezes reforça a doutrina oficial da Igreja e, outras vezes, transgride, porém, a figura do Deus onipotente, onibondoso e onipresente para com seus representantes terrenos, seus santos e milagres são sempre reafirmados. É assim que nasce a devoção ao “Padim” Padre Cícero<sup>12</sup>, representação oficial da Igreja Católica, e ao mesmo tempo a devoção do povo sertanejo aos beatos Antônio Conselheiro e José Lourenço<sup>13</sup>, como representantes legitimados da contrarreligião, contudo sem romper completamente com a religião oficial. Nessa direção, reforça (COSTA, 1998, p. 26):

[...] Em Canudos/BA, vi velhinhas chorarem de emoção e fé, durante uma caminhada, “procissão”, em homenagem ao profeta Antônio Conselheiro. Em Juazeiro do Norte/CE a cena se repetiu, desta vez outras pessoas conhecidas como “romeiros” choraram pelo Padre Cícero e lá ainda no Cemitério do Socorro vi um

<sup>11</sup> Referente a um tipo de Religião.

<sup>12</sup> Cícero Romão Batista, nascido em Crato, desde a juventude possuía o desejo de ser religioso. Quando viaja a Fortaleza para estudar no Seminário da Prainha, para adquirir o título de sacerdote. Após sua jornada, ele passa atuar em Crato, logo depois, vai a Juazeiro e lá passa a viver. Nessa cidade desenvolveu o pequeno lugarejo, resultando na maior cidade de Juazeiro do Norte. Na região tornou-se um “mito” popular, um “santo”! para o povo simples e motivação para grande peregrinações

<sup>13</sup> Antonio Conselheiro foi o líder do movimento sociorreligioso Canudos. Cearense natural de Quixeramobim, transformou o lugar que morava em um espaço religioso. Esse movimento aconteceu na Bahia (1896-1897) e repercutiu em todo o Brasil, conhecida pela obra já Os Sertões, em que Euclides da Cunha (2002, p. 63) retrata o cenário, afirmando: “[...] o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono. Depois tudo isto se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfíxiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora [...]”. Esse retrato do sertão nordestino nos possibilita refletir a não fertilidade do solo, a ausência de donos, uma flora não desenvolvida e permitindo o surgimento de comunidades religiosas. O Beato José Lourenço, por sua vez, foi o líder da comunidade sociorreligiosa Caldeirão, tema central do nosso estudo.

“Santuário” de devoção e fervor no túmulo de José Lourenço. Em Araras/PB, pisei no local santificado pelas pegadas do Ibiapina e em todo o Nordeste a fé em torno de Frei Damião é incalculável e com absoluta certeza ninguém herdará a sua popularidade, pois no Nordeste como disse o amigo poeta Abraão Batista: “... Padre Cícero tem mais valor do que o papa”.

No nordeste brasileiro essas características eram bem acentuadas, afinal, assim com a miséria e a opressão, o misticismo era endêmico. O profano e o sagrado se confundem, “[...] fecundados no óvulo altamente fértil da pobreza, carência e injustiça social daqueles atrasados tempos [...]” (Costa, 1994, p. 22). É nessa paisagem que emergem os movimentos sociorreligiosos. Com origem do Sebastianismo<sup>14</sup> em Portugal, a religiosidade popular, em forma de movimentos sociais, se propagou em vários lugares do mundo. No Brasil não foi diferente, em especial no nordeste brasileiro. O sofrimento deixava-os carentes e sem expectativa de vida, tornando-se a fé num Deus onipotente o refúgio para amenizar os sacrifícios mundanos. Ou seja, no “[...] nível cultural de desenvolvimento em que se encontravam as populações rurais, mergulhadas no quase completo analfabetismo e no obscurantismo, a sua ideologia só podia ter um cunho religioso, místico [...]” (Facó, 1976, p. 39).

Nessa perspectiva, exemplos importantes, além de Canudos, são os movimentos sociorreligiosos Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (Ceará); Pau de Colher, no município de Casa Nova (Bahia, 1938). Além desses, tivemos uma última experiência religiosa nordestina acontecida em Campina Grande (PB), chamada Borboletas Azuis (1977)<sup>15</sup>. Essas experiências foram espaços construídos sobre o primado da fé no Deus onibondoso que ontem e hoje

---

<sup>14</sup> Os portugueses nos legaram o mito sebastianista. Essa lenda, de certo modo, está ligada à crença da figura do encoberto. Ela surge no século VII e teria sido elaborado por Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha. Como o próprio nome sugere, o encoberto era um personagem mitológico que estava oculto e que viria no futuro. Aos poucos, essa crença se espalhou por toda a Península Ibérica. Em 1530, em Portugal, Gonçalo Anes, o Mandarra, sapateiro judeu da Vila de Trancoso, reinterpreta a lenda do encoberto e a incorpora à tradição portuguesa. Segundo Mandarra, um herói português que se encontrava encoberto viria para levar Portugal e o povo português para uma situação privilegiada no mundo. Em 1578, por ocasião da guerra religiosa travada contra os mouros, na batalha de Alcacér-Kibir, o jovem rei português Dom Sebastião é morto, porém seu corpo jamais foi encontrado. Passou-se, então, a acreditar que ele não havia morrido. Estaria ele oculto em algum lugar do território africano. Logo a imaginação popular começou a associar a figura de Dom Sebastião com o encoberto predito pelo Mandarra. Segundo essa nova interpretação, o personagem esperado era Dom Sebastião, que viria com seu exército encantado para levar Portugal e seu povo à glória. Essa lenda teve milhares de seguidores em Portugal, sendo o renomado Pe. Antônio Vieira o mais famoso entre os portugueses sebastianistas (Arruda, 2002, p. 30-31).

<sup>15</sup> O movimento sociorreligioso Pau de Colher teve como líder Senhorinho. Surge em “decorrência do Movimento do Caldeirão Grande, ocorrido no Ceará e que, por sua vez, foi uma extensão do Movimento de Juazeiro do Norte, que teve na figura de Pe. Cícero Romão Batista sua principal liderança” (Brito, 1999, p.29). Já o movimento Borboletas Azuis (nome este dado, devido a seus seguidores vestirem cor branca e azul), tinha como líder Roldão, um médico que chegou a conhecer Padre Cícero e se tornaram amigos. Existe em Campina Grande a Igreja, que chegamos a visitar e uma das remanescentes que conheci passou a contar a história, e ainda, comenta que vive com os costumes daquele período como andar descalça e usar roupas de cor branca e azul, referendando sempre a imagem de seu líder.

fazem da prática religiosa o ponto de partida da vida social e econômica naqueles lugares, mas também a base da formação cultural e, especificamente, educativa. Nas palavras de Costa (2010, p. 38),

Os lugares associados ao sagrado são potencialmente férteis e estimulam os indivíduos a compreenderem o sentido que a religião oferece a razão humana, bem como a vivência e a prática religiosa, elementos definidores dos espaços sagrados. Nesse sentido, elegemos para análise as hierópolis de Juazeiro do Norte, Canindé e Quixadá, localizadas no Sertão Cearense [...]. Esses espaços sagrados caracterizam-se por apresentarem um ordenamento espacial marcado pela prática religiosa e que se define pela periodicidade de tempos e rituais sagrados, determinando ainda um elenco de representações que identificam aquelas hierópolis como *lócus* de atividades associadas ao sagrado.

Através da citação acima, identificamos alguns espaços religiosos no interior do Ceará, que possui como característica a fé como principal elemento para a divulgação do catolicismo popular. Esse hierópolis mencionado pelo autor fortalece a presença do sagrado, resultado de uma prática religiosa permanente nesse Estado.

### **3.2 O sertão oprimido do Cariri cearense e sua cultura sociorreligiosa**

No Cariri cearense a prática religiosa dará o tom para um conjunto de atividades desenvolvidas entre séculos. Em cada manifestação cultural seja artística, a cultura da fé estará representada e resguardada por gerações.

Em Barbalha, no mês de junho a cidade mobiliza milhares de curiosos e devotos para homenagear o Santo Padroeiro Santo Antônio. A homenagem começa com a procissão do pau da bandeira regada pela tradicional cachaça (bebida popular). Os homens, gente religiosa e simples da região carregam nos ombros o pau (um tronco) até o centro da cidade, erguendo-o na Igreja Matriz de Santo Antônio. Na ocasião, as mulheres solteiras acreditam, que ao tocar no Pau da Bandeira, o Santo padroeiro lhes assegurará um marido. Assim registra a música de Alcymar Monteiro e João Paulo Júnior “Festa do Pau da Bandeira em Barbalha: fé, diversão e significados”, imortalizada na voz de Luiz Gongaga:

A festa de Santo Antônio  
Em Barbalha é de primeira  
A cidade toda corre  
É um fuzuê medonho  
Pra ver o pau da bandeira  
Olha quanta alegria  
Que beleza  
A multidão faz fileira

Hoje é o dia  
 Vamos buscar o pau da bandeira  
 Homem, menino e mulher  
 Todo mundo vai a pé  
 A cachaça na carroça  
 Só não bebe quem não quer  
 Só se ouve o comentário  
 Lá na Igreja do Rosário  
 Que a moça pra ser feliz  
 Reza assim lá na Matriz;  
 Meu Santo Antônio, casamenteiro,  
 Meu padroeiro, esperei o ano inteiro.

No Crato, terra que se ergueu o Caldeirão do Beato José Lourenço e nasceu Cícero Romão Batista, também se conta a história da cultura popular carregada de crenças populares que, para simples observador das coisas do lugar, confunde-se com lendas que acompanham o imaginário dos agrupamentos humanos. A festa secular da Cruz da Baixa Rasa registra os milagres do lugar que recebe o nome da festa. Conta-se por gerações que nos anos de 1880 um vaqueiro vindo de Pernambuco teria morrido de fadiga da viagem, sede e fome naquele lugar, sem obter socorro. O povo penalizado com a forma de sua morte passou a rezar por sua alma. À frente das rezas estava a Vó Pretinha (moradora do Sítio Luanda em Barbalha) que, com a sua morte, ficou a tarefa da devoção com o filho José Esteves, depois com sua esposa D. Cândida e depois do filho de Esteves, Sr. Firmino. A devoção justificava-se pela crença de milagres que teriam alcançado com a reza para a alma do vaqueiro morto na serra. Ao longo desse tempo, no mês de janeiro, organiza-se a tradicional romaria de Santa Cruz da Baixa Rasa, na serra do Araripe, em Crato, acompanhada de uma missa da baixa rasa na floresta do Araripe que reúne fiéis devotos e vaqueiros em meio ao misticismo da morte do vaqueiro desconhecido.

Não podemos deixar de ressaltar que, associada à religiosidade do povo do lugar, o vaqueiro é um elemento cultural do nordeste brasileiro, sobretudo cearense. Falar do trabalho humano na História do Ceará, particularmente dos sertões cearenses, é falar do vaqueiro “herói” desbravador das emaranhadas caatingas, como realça o cordel de Jotabé:

O vaqueiro é um herói  
 Conhecido no agreste  
 Como um artista do mato  
 Que corre feito uma peste  
 Pra demonstrar sua fama  
 Pelos prados do Nordeste

Lembramos, porém, que em sua origem a figura do vaqueiro no Ceará está intimamente associada ao processo colonizador que, por sua vez, lançaram as bases da

estrutura econômica que forjou o ruralismo nordestino, no interior do qual o Ceará, com a economia pecuária, ganhou expressão. Nessa perspectiva, como bem menciona Magalhães (1970, p. 101), “A história da conquista do Ceará está destarte intimamente jungida e engrauzada à história dos nossos vaqueiros. Não podemos recompô-la sem a eles nos referirmos. A eles devemos a maior parte das peças que compõem a nossa história”. Suas características foram historicamente registradas na literatura canônica:

[...] corre pelas brenhas sombrias, que formam um inextricável labirinto de troncos e ramos tecidos por mil atilhos de cipós, mais fortes de que uma corda de cânhamo, e crivados de espinhos. Ele não vê o solo que tem debaixo dos pés, e que a todo o momento pode afundar-se em um tremedal ou eriçar-se em um abrolho (ALENCAR, 2006, p.136).

O bravo vaqueiro e o sertanejo de fé não poderiam, por isso mesmo, caminhar desarticulados na construção histórica cultural popular do sertão cearense. Não há como esquecer a romaria realizada no ano de 2011 no município do Crato. Na ocasião, abrindo o ato religioso do Caldeirão, um aboio do vaqueiro Raimundo Procópio ecoou anunciando o início da missa, seguido do seguinte verso: Com meus amigos vaqueiros/ eu custei, mas eu cheguei/Moro num canto esquisito/ um lugar muito bonito que nem o nome eu não sei<sup>16</sup>.

A romaria do Caldeirão se realiza há 13 anos, sob a coordenação das Comunidades Eclesias de Base – CEB’s. Busca revisitar a história da comunidade sociorreligiosa do beato José Lourenço. Em torno da Romaria encontramos pessoas de diferentes lugares, raças, condições sociais e intelectuais, tendo em comum a convicção da importância histórica daquele lugar para a formação cultural do Crato. Dessa forma retrata o Cordel de Oswaldo Barroso “Auto do Caldeirão” cujas cenas asseguram personagens históricos que viveram aquela experiência comunitária sob a liderança do beato José Lourenço. Nas cenas aparecem o próprio beato, o Padre Cícero, o Deputado Floro Bartolomeu, o Severino, o Isaias, a professora Marina, a Joaquina, o Bispo do Crato, soldados, romeiros, vaqueiros, homens, mulheres e crianças (brincantes), dentre outros tantos personagens de uma história que integrou o Ceará, particularmente o Crato, nos grandes movimentos sociorreligiosos que ocorreram no mundo entre os séculos XIX e XX.

---

<sup>16</sup> Ver mais sobre a Romaria do Caldeirão em: <https://cratonoticias.wordpress.com/2011/09/20/crato-ce-romaria-ao-caldeirao-lembrou-a-luta-dos-sem-terra/>

Fotografia 4 – Romaria do Caldeirão (2011)



Fonte: Celia Sousa

Nota: à esquerda um romeiro, ao centro o vaqueiro Procópio e à direita a mestranda Célia Sousa, retirada pelo jornalista Leandro Freire na romaria do Caldeirão no dia 18.9.2011 na cidade do Crato.

Aqui reproduzimos parte da cena 2 do total de 12 cenas que compõem o Cordel. Reporta-se ao diálogo entre o Padre Cícero e o Beato José Lourenço sobre a presença da comunidade do beato na fazenda de propriedade do Padre<sup>17</sup>

#### PADRE CÍCERO

Mas se prepare, meu filho,  
Para o que der e vier.  
Se lhe perseguirem corra  
Com toda a força do pé.  
E lá trabalhe com fé.  
Com toda a força do pé.  
Leve consigo sua gente

No Caldeirão, outro boi  
Você cria em liberdade.  
Faz um reino de justiça Com  
trabalho e caridade.  
Não  
deixe meu povo pobre  
Passar por necessidade

#### BEATO

Adeus, adeus, Meu Padrinho  
Que nos visite eu espero.

#### PADRE CÍCERO

<sup>17</sup> Ver cordel completo no site: <http://cordelengajado.blogspot.com.br/>

Não sei não, José Lourenço,  
 Nem sempre faço o que quero.  
 Que a Mãe de Deus o proteja Contra  
 o destino severo.

Na cidade de Juazeiro do Norte, o fenômeno da religiosidade popular também se reproduz. Só o turismo religioso recebe anualmente milhões de curiosos e devotos, impulsionando o comércio local e, sobretudo, o comércio informal com seus santos de madeira e argila, amuletos, fitas, terços, entre outros, além do comércio formal, como o Centro de Apoio ao Romeiro. Nas peregrinações estão os penitentes que, para alguns, são fanáticos e ignorantes (ou como rotulou Lourenço Filho uma “neurose coletiva” de homens “sem cultura” que desconhecem a civilização)<sup>18</sup>; para outros uma maneira que os “deserdados da terra”, penitentes ou não, encontraram para aproximar-se de Deus, pedir misericórdia e purificar-se de seus pecados mundanos como registra a composição “Romaria Penitente” de Jonteilo:

Mãe de Deus! Mãe Soberana

De hoje para sempre eu me entrego  
 A vós como vosso filho e servo;  
 Consagro ao vosso serviço a minh'alma,  
 E o meu corpo e tudo que me pertence;  
 Abençoai a minha família, os meus trabalhos, os meus haveres;  
 Sede minha protetora na vida e  
 Conduzi-me ao céu para viver feliz por toda eternidade.

- Sou penitente guardião do tempo  
 E sigo a risca o que mandou o meu Padim  
 Ciço Romão  
 E vou pregando a palavra  
 Do santo do meu sertão  
 E penitentemente prego, pois sou o guardião

- Ó meu Padim  
 Tende misericórdia dos pecadores

- Que fazem germinar frutos não santos

Pecados e fé misturam-se em prantos  
 E o Padim ilumina e elimina os antros

- Aí Juazeiro

---

<sup>18</sup> No Livro Juazeiro de Padre Cícero, escrito por Lourenço Filho nas primeiras décadas do século XX., diz o autor-educador textualmente “Os “penitentes” representam expressão mais acentuada da psicose. Deixam crescer a barba, vestem uma longa túnica e procuram viver longe dos povoados. Os do Juazeiro habitam na Serra do Horto, sob a chefia do prestigioso penitente Elias. Sua função é a de reunirem-se à alta hora da noite, em trajes de amortalhados, junto aos cemitérios e cruzeiros de estrada, para rezarem pela alma dos defuntos. As orações são intercaladas com atos de ‘disciplina’, isto é, de castigos físicos produzidos por chicote e cilício.”

Juazeiro, Juazeiro é tão grande o meu amor.  
 Juazeiro velho amigo sei que tu não me deixou  
 Aí Juazeiro  
 Aaaii Juazeiro

(Quem bebeu ? Não beba mais!  
 Quem matou ? Não mate mais!  
 Quem roubou ? Não roube mais!  
 Quem mentiu ? Não minta mais!

Os Penitentes têm origem no nordeste brasileiro desde o século XVII e ainda fazem parte da cultura da região do Cariri, apesar de terem modificado sua filosofia, evitando-se o autoflagelo. Contudo, faz-se oportuno lembrar que, ao contrário do que costumou registrar a historiografia tradicional, sua origem não está na “contramão” da Igreja Católica. Queremos dizer que a penitência associada ao castigo, à punição tem origem mesmo na doutrina da Igreja Católica. Para José de Sousa Amado, Presbytero Secular, na obra “História da Igreja Catholica em Portugal, no Brasil e nas possessões portuguezas”, em Portugal, no século XIX, a penitência, numa perspectiva mais ampla (não necessariamente associada ao autoflagelo), já era prevista no *Canon* 28º:

Todo aquelle membro do clero que se dêsse ao sortilégio, ou a qualquer superstição, segundo se vê n'este Canon, seria logo deposto, e clausurado n'um mosteiro, onde fica sujeito á penitência por toda a vida. Por este modo se desviava o escândalo do meio dos fiéis, e o castigo severo não podia deixar de aproveitar a quem o mereceu, e áquelles que a não ser elle, tomariam por igual caminho de perdição e de morte. (AMADO, 1870, p. 102-103).

Ainda segundo Amado, a penitência era definida conforme a gravidade do pecado, sendo por isso muito variada, dentre as quais estavam: jejuar diariamente, em alguns casos só com pão e água; orar diariamente por um longo espaço de tempo ajoelhados ou prostrados; dormir sobre a terra, sendo ainda proibidos de aparecer em eventos públicos, divertir-se ou entreter-se no longo tempo da penitência.

E porque repetidas vezes se tem feito menção de penitência pública, que tantos bens trouxe, não menos à Religião, que á sociedade; convém n'este logar mostrar como ella era concebida, e as cerimônias de que usava a Igreja. Quando o penitente, ou penitentes, supplicavam ser admitidos á penitencia, á cerimonia começava pela imposição das mãos do sacerdote sobre a cabeça, e depois tambem de um cilicio sobre a mesma. Antes d'este acto deveriam ter os homens o cabelo cortado; e as mulheres vestido de ló, isto é muito ordinário ou pobre [...]. No dia aprazado pelo bispo se apresentavam á porta da igreja, descalços, rosto inclinado, confessando-se por este modo como réos. A este acto deviam estar presentes os decanos, isto é, os archi-presbyteros das parochias e presbyteros que tinham de inspecionar o procedimento dos penitentes, acerca da sua conversão, e segundo a gravidade da culpa marcar-lhes os actos de penitencia, ou aquellas obras a que tinham de dar-se nos diversos graus. Depois disso entravam com o clero, presidido pelo bispo, na

egreja, onde prostrados por terra, e comovidos até as lágrimas, cantavam os sete psalmos penitenciaes. (AMADO, 1870, p. 210).

A religiosidade popular do nordeste brasileiro, nada mais foi do que a adaptação dos preceitos doutrinários da Igreja às suas práticas culturais e à sua história objetiva de vida. Para Ramos (1991, p.44) os penitentes são

[...] Grupos religiosos formados por populares do Nordeste agrário com direção de um líder espiritual chamado Decurião. Os penitentes se reúnem em grupos para se martirizar nos cemitérios e estradas em certas épocas do ano... Durante as disciplinas, os penitentes costumavam cantar benditos. Passavam várias horas da noite pedindo perdão dos pecados por meio de orações, benditos e autoflagelações. As penitências têm origem nas pregações dos missionários do Velho Mundo que falavam pelos sertões da necessidade de sofrimentos para a salvação da alma. Os primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil já praticavam as autoflagelações [...]

Para Costa (2010, p. 38), “na visão da geografia da religião, a valorização das paisagens e lugares sagrados apresenta uma perspectiva que reúne características de componentes materiais e simbólicos”, muitas das quais sem muito compromisso com a prática sacramental oficial. Representa uma história de um povo que precisou encontrar formas culturais alternativas frente a uma realidade mistigante para a maioria esmagadora das populações rurais, sem abrir mão da fé que tinha no catolicismo popular a expressividade maior em nossos sertões. Concordando com Facó (1976, p.39):

No nível cultural de desenvolvimento em que se encontravam as populações rurais, mergulhadas no quase completo analfabetismo e no obscurantismo, a sua ideologia só podia ter um cunho religioso, místico, que se convencionou chamar de *fanatismo*. Sob esta denominação têm-se englobado os combatentes de Canudos ou do Contestado, do Padre Cícero ou do Beato Lourenço: *fanáticos*. Quer dizer, adeptos de uma seita, ou misto de seitas, que não a religião dominante. Só que a seita por eles abraçada, fortemente influenciada pela religião católica, que lhe dá o substrato, era a sua ideologia. Como toda ideologia, um conjunto de conceitos morais, religiosos, artísticos, etc, que traduziam suas condições materiais de vida, seus interesses, seus anseios de libertação e seus próprios métodos de luta. Justificávamos também.

É nesse cenário que insurgem as práticas culturais alternativas, populares, no interior das quais, insurgem as práticas sociorreligiosas. É, precisamente na região do Cariri que a história dos setores oprimidos impôs por dentro da história da classe dominante e dirigente dos sertões nordestinos e a desmistificadora da visão dominante da passividade do povo nordestino. Foi no Cariri que a História do Ceará resistente começou a ser contada. Conforme Filho Figueiredo (2010, p.85), foi, precisamente, no Crato, espaço caririense,

[...] palco dos principais acontecimentos históricos do Ceará, desenrolados no primeiro quartel do século passado. Foi a única localidade cearense que aderiu ao movimento libertador de Pernambuco, em 1817. Se não foi o bêrço de D. Barbara de Alencar e de seus filhos Tristão Gonçalves e José Martiniano de Alencar, em Crato, foi onde beberam sua formação de espírito e seu acendrado amor à causa da independência do Brasil. De Crato foi que partiu a expedição contra Fidié, em Caxias no Maranhão, em 1823, para a consolidação da Independência e comandada por Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Foi êste último o presidente do Ceará na malograda república do equador, em 1824, sendo depois trucidado no desastre de Santa Rosa.

Chamamos atenção, no entanto, para o fato de que, apesar da importância desses acontecimentos históricos e de protagonistas como Bárbara de Alencar e outros tantos caririenses registrados na História do Ceará, não foram eles os consagrados pela memória popular. Podemos lembrar desta memória através das práticas culturais de gerações inteiras que estão inseridos os vaqueiros, os cangaceiros, os penitentes e os movimentos sociorreligiosos. Não se trata de uma leitura romântica<sup>19</sup> da história, pois a cultura se constrói pelo fardo herdado do passado. São homens e mulheres que sobreviveram com a dureza das vicissitudes da natureza e a opressão das oligarquias rurais, porém foi “pelo caminho das águas”, como realça o cordel de Rosário Lustosa, que tudo começou:

Pelo caminho das águas  
o índio aqui chegou  
e no sul do Ceará  
boa parte se instalou  
de terras dos Cariris  
esta área batizou

O Cariri cearense  
tem uma grande extensão  
se torna muito importante  
ao cumprir sua missão  
de transformar em Oásis  
o interior do sertão.  
(Rosário Lustosa)

O cordel acima nos remete ao desenvolvimento das cidades do Cariri. É naquela região que muitas manifestações culturais ganham destaque, sendo, como menciona por Lourenço Filho, (2002, p.147) “a alma coletiva, o seu próprio ambiente e história”. Lá, a herança cultural se vê nos reisados, na cantiga popular, nas danças, nas músicas, no artesanato

<sup>19</sup> O romantismo está relacionado ao pensamento do filósofo Jean Jacques Rousseau, no qual destaca a questão da essência humana. Para o filósofo romântico Rousseau, o homem nasce bom e virtuoso, sendo corrompido quando é inserido no corpo social, ou seja, na sociedade. A preservação da essência humana pressupõe o retorno à condição humana primitiva, à natureza em seu estado puro, representa a revalorização da natureza, vista como oposto do mundo injusto consagrada pelas sociedades, do mundo campestre em detrimento da vida citadina. Ver sobre o assunto: MORETTO, F.L.M. Introdução. In ROUSSEAU, J.-J. Júlia ou A nova Heloísa. São Paulo: Hucitec, 1994.

e na cultura do engenho, enfim, na cultura popular, mas também na memória do povo que conta e canta as lutas dos oprimidos do Cariri que tem no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no Crato, uma das mais impressionantes manifestações. Daí o merecimento de um item à parte sobre o lugar em que se construiu a comunidade liderada pelo beato José Lourenço e o legado que deixou nessa rica, contraditória e breve fenômeno da história do Cariri e, particularmente do Crato, no Estado do Ceará, que foi a comunidade do Caldeirão.

Contudo, ao realçarmos o Crato não temos a pretensão de revisitar o conjunto de sua história nem mesmo no âmbito da religião; apenas situar, brevemente, o ambiente que justificou a criação de um movimento social, que a exemplo de outros tantos que ocorreram em várias regiões do nordeste do Brasil, insurgiu no Ceará cratense.

### **3.3 Religião e religiosidade popular no Crato dos caririenses**

Ao abordarmos a memória no item anterior, não podemos deixar de mencionar a memória social que Le Goff (1996, p.426) enfatiza sendo: “... um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. No contexto no qual vivemos a memória, até então retraída, parece começar a transbordar pelo menos entre aqueles que dão o tom científico às práticas históricas dos homens e mulheres nos diversos tempos e lugares. Porém, quando falamos da cultura popular no Crato dos caririenses, estamos mencionando a história, por vezes mal contada ou deformada pela historiografia oficial, mas brilhantemente lembrada e repassada de geração a geração pela memória social do povo do lugar.

O Cariri notabilizou-se como um “celeiro” de tradições populares, bem como um quadro típico das temáticas vinculadas à ideia de Nordeste<sup>22</sup>. Percebemos isso no cotidiano de suas tradições, ou seja, na religiosidade presente do lugar, nos grupos folclóricos, na presença das festas populares que perpassam em décadas as práticas culturais de seus diversos municípios. O Município do Crato integra essa história com a particularidade de sediar, na contramão, dos interesses dos opressores, a comunidade sociorreligiosa Caldeirão entre os primeiros anos do século XX.

O Crato fica situado no Sul do estado do Ceará, tendo como limites: a norte – Farias Brito e Caririaguçu; a sul, com os estados de Pernambuco; a leste – Juazeiro do Norte e Barbalha e a oeste – Santana do Cariri e Nova Olinda. Atualmente está inserido no polo regional do Cariri, como uma cidade que respira cultura popular, pois é fácil encontrar naquele espaço muitos artistas que vivem do saber-fazer artístico, dos cordelistas, poetas,

repentistas, escritores, atores que através da arte reanimam a história cultural do lugar. Basta um pequeno trecho do Cordel de Josenir Lacerda, intitulado “Marina Gurgel: mulher, líder e mestra do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto” para confirmar essa afirmativa:

...Inda hoje quem visita  
O histórico local  
Tem sensação sem igual  
Em cada canto que fita  
Sente uma força que grita  
E conta o que ali havia  
Fica triste e se angustia  
Como se ouvisse o passado  
Ali quase soterrado  
Gemendo dia após dia.

Parafraseando Ferreira Gullar, a cultura popular que marca a história do Crato é, em suma, a tomada de consciência da histórica luta pela sobrevivência do sertanejo cearense<sup>20</sup>. Nesse sentido, visitar o Crato dos caririenses e as suas práticas culturais é desvelar a história da maioria de um povo que luta pela sobrevivência e, como o conjunto da História brasileira, é contar sobre o processo de colonização que em cada recanto das terras brasileiras contou com a participação ativa da Igreja, particularmente da Igreja Católica. Pelas palavras de Dalgarrondo (2008, p. 106),

[...] os membros da Companhia de Jesus, fundada pelo soldado-santo Inácio de Loyola como uma organização quase militar, como um “exército de Cristo”, foram onipresentes na formação cultural e religiosa brasileira. Recolheram, organizaram e catequizaram os índios em Missões, protegendo-os, de um lado, contra a escravidão visada pelos colonos e aculturando-os (como era de se esperar naquele contexto histórico), por meio da oposição frontal ao nomadismo, à poligamia, aos hábitos de trabalho e à vestimenta, assim como pela repressão à religiosidade e à cultura original dos brasis.

Esse fenômeno reconhecido por aqueles que se ocupam com a História da Educação no Brasil não cessou com a expulsão da Companhia de Jesus das colônias portuguesas, não antes da construção de cidades centralizadas por uma Igreja e representadas pelos nomes de santos, bem como a construção de escolas e seminários que assegurará a sua continuidade.

A influência marcante do catolicismo no Brasil se foi fundamental para a formação da elite brasileira, não foi menor a sua importância em regiões dominadas pela miséria e opulência que caracterizam os sertões do nordeste brasileiro. Vale salientar que com

---

<sup>20</sup> Na formulação original de Ferreira Gullar é assim expresso: “A cultura popular é, em suma, a tomada de consciência da realidade brasileira”

essa afirmativa não queremos cair numa leitura maniqueísta da história dividindo seus atores sociais em heróis e bandidos da história cultural do lugar. Basta lembrar que a mercê de todas as contradições, Padre Cícero não “ganhou” a “devoção” do povo do Cariri, sobretudo de Juazeiro do Norte, por sua ligação com a oligarquia local. O povo rende devoção ao padre Cícero por vê-lo como o “homem santo” que defendeu os pobres e oprimidos do sertão, desconsiderando as controvérsias que a historiografia associa ao seu nome. Da mesma forma, os tributos que dedicam o povo cratense ao Pe. Ibiapina, deve-se objetivamente a ação missionária voltada aos mais necessitados, incluindo em suas missões a construção de grandes obras a serviço de respostas às urgências materiais do povo. Como salienta Comblin (2011, p. 41), para o Pe. Ibiapina, “[...] a religião devia não somente preparar para a vida eterna os pecadores arrependidos, mas também criar melhores condições de vida, lutando contra o que se chama hoje o pecado social”.<sup>21</sup>

As terras que hoje formam o município do Crato, contaram com a ação efetiva dos “homens de fé”, dentre os quais estavam um padre secular e um frade capuchinho, tendo à frente o frei capuchinho Carlos Maria de Ferrara a responsabilidade da construção do primeiro aldeamento de silvícolas da região, recebendo a denominação de “Missão do Miranda”, nome de um dos chefes da tribo.

Conforme relata o site oficial do Governo Municipal do Crato,

A Missão do Miranda, sob a administração dos capuchinhos, prosperou, devido à fertilidade do solo e abundância de água, que possibilitaram o cultivo da cana-de-açúcar, mandioca e cereais. Manuel Carneiro da Cunha e Manuel Rodrigues Ariosto requereram, através da lei de sesmaria, a posse das terras adjacentes ao Rio Salgado, fato que culminou na elevação da missão a povoação.

A primeira manifestação de apoio eclesiástico aconteceu em terras doadas pelo capitão-mor Domingos Álvares de Matos e sua mulher, Maria Ferreira da Silva. Essa doação localizava-se, inicialmente, em terras encravadas a dois quilômetros a sudeste da povoação, transferindo-se, em data posterior, para a margem direita do rio Granjeiro. Os trabalhos da primitiva Igreja, dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, tiveram início em 1745, tendo como responsável, o frei Carlos Maria de

---

<sup>21</sup> Segundo Comblin (2011, p. 7), o Padre Ibiapina esteve em três momentos no Ceará, na região do Cariri. Na primeira visita, entre outubro de 1864 e fevereiro de 1865 esteve na Vila de Missão Velha, na Vila de Barbalha e no povoado de Conceição do Cariri (atual município de Porteiras), construindo obras como a primeira Casa de Caridade do Cariri (Missão Velha). “Deste ato participou o jovem Cícero Romão Baptista, à época com vinte anos de idade. Segundo os estudiosos da vida Padre Cícero, este foi fortemente influenciado pela pregação do Padre Ibiapina e pelo seu exemplo De vida ao serviço do povo pobre e humilde”. Entre maio de maio de 1868 a agosto de 1869, visitou Missão Velha, Barbalha, Caldas (hoje um Distrito do município de Barbalha), Crato, Goianinha (atual distrito de Jamacaru, município de Missão Velha), Jardim, Porteiras, Milagres, Brejo Santo e Vila de São Pedro (atual Abaiara), construindo capelas, recuperação de igrejas e três Casas da Caridade (Crato, Milagres e Barbalha). A terceira e última visita ao Cariri foi entre fevereiro e abril de 1870 visitando as quatro Casas de Caridade implantadas na região e realizando novas obras.

Ferrara e seu companheiro frei Fidélis de Sigmaringa. Em 1762, foi criada a Paróquia, na aldeia do Miranda, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha.<sup>22</sup>

[...] A povoação de Miranda elevou-se à categoria de vila em 16 de dezembro de 1762, tendo sido instalada em 21 de junho de 1764 como Vila Real do Crato, no século XVIII, constituindo um dos mais importantes núcleos de povoamento na época colonial no interior do Nordeste. Foi tornada cidade pela Lei Provincial nº 628, de 17 de outubro de 1853.

A longa citação se justifica para confirmarmos a presença incontestável do catolicismo oficial naquele espaço que, tempos mais tarde, construirá um sincretismo religioso e um conjunto de práticas culturais que, por um lado, confirmam a influência cultural e religiosa da Igreja no município; por outro, desvelam as contradições e conflitos que esse fenômeno provoca. Desse fenômeno contraditório e conflituoso merece destaque a insurgência da cultura e religiosidade popular, e o fortalecimento cada vez maior da aristocracia rural que, como salienta Corrêa (1989, p. 14), produz o “messianismo e o banditismo”, ou seja,

[...] os movimentos que impulsionaram, como movimentos camponeses, como movimentos de reação contra uma estrutura fundiária que negava o acesso à posse da terra aos que nela trabalhavam, em benefício dos que, tendo direito à terra, utilizavam-na como uma mercadoria, como um bem negociável.

A prosperidade do lugar, em seus aspectos econômicos, colocou o Crato na condição de quinta cidade criada (1853) no Ceará<sup>23</sup> e a segunda Diocese criada em todo o Estado, mais também a aristocracia rural que se propagaria sobre toda a região do Cariri. Assim (re) conta o cordel de Maria Matilde Mariano

Com o beneficiamento  
Surgia a aristocracia  
Rural lá do Cariri  
O território crescia  
Hoje formou município  
No lugarejo que havia

Farias Brito e Barbalha  
Brejo Grande e Jardim  
Santana do Cariri  
Juazeiro do Norte em fim  
Caririaçú, Missão Velha  
Ver-se a história assim

Por muito mais de dois séculos  
O Crato testemunhou

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www.crato.ce.gov.br/index.php/a-cidade/67-a-cidade-historia-da-cidade/290-historia-do-crato>. Acessado em abr. 2013.

<sup>23</sup> Antes da fundação do Crato, no ano de 1853, foram fundadas Fortaleza (1823), Sobral (1841), Icó e Aracati (1842).

Episódios importantes  
 O lugar acompanhou  
 A história do Ceará  
 Que o movimento criou

Poder Político oligárquico, Poder Eclesiástico e cultura popular construíram a paisagem cultural daquela que mais tarde ganhará a denominação de “Princesa do Agreste”. Crato será a sede da “Comunidade do Caldeirão” que agrupará milhares de sertanejos que, oriundos de regiões circunvizinhas, buscarão no “oásis dos sertões cearenses” o alívio para o assédio angustioso da seca, da fome, da miséria e da opressão que historicamente formataram a paisagem do nordeste brasileiro.

O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, do beato José Lourenço e de sua gente, é a síntese mais representativa da cultura popular do Cariri, sob o primado da religiosidade popular. Apropriando-nos das palavras de Simões Jorge (1998, p. 65), significa dizer que os estratos sociais mais simples e subalternos da sociedade adotam, em suas práticas culturais / religiosas, como fonte inspiradora os códigos do catolicismo oficial, porém dar-lhe uma significação própria que possa responder às necessidades espirituais e sociais da sua dura existência.

### **3.4 José Lourenço: líder e educador**

Neste contexto de religiosidade surge em Juazeiro do Norte (CE) José Lourenço Gomes da Silva, um rapaz de origem paraibano, que chega a procura de sua família. Lá começa uma grande amizade com Padre Cícero e influenciado pela religiosidade entra no grupo de penitentes. Através dos conselhos do sacerdote arrenda umas terras e passa a ser beato, assim, passa a morar no sítio Baixa Dantas, até que o dono pede a fazenda e em seguida começa a morar no sítio Caldeirão. Filhos de negros alforriados, tendo seu pai sido integrante dos movimentos: Ronco da Abelha e do Quebra-Quilo<sup>24</sup>. Foi um momento único em sua vida, pois ali começaria a vida de religioso, passando a ser um líder e educador popular.

O beato, em sua trajetória de vida, também desenvolveu a missão de divulgar a caridade como foi executado por Ibiapina e Cícero, ou seja, em sua comunidade havia outro beato chamado Severino Tavares e que ficava ausente do Caldeirão, pregando em todo o nordeste a existência de uma comunidade vinculada a padre Cícero. Nesse argumento

---

<sup>24</sup> Ronco da Abelha foi um movimento ocorrido no sertão do Nordeste brasileiro (1851 – 1854), em que não teve uma repercussão brasileira; quanto o movimento Quebra-Quilos, aconteceu na feira de Fagundes cidade de Campina Grande na Paraíba (1874 – 1875). Este movimento se desenvolveu devido a obrigatoriedade em usar o quilo.

conseguiu cooptar muitas pessoas para o Caldeirão, dentre essas elas Marina Gurgel que seria a professora da comunidade.

Segundo Ramos (2011, p.47), “ser beato significava caridoso, dedicar-se às orações, ensinar orações, dar conselhos de acordo com os princípios do cristianismo e usar trajes características”. Podemos destacar essas características com o beato José Lourenço, que passou a dedicar-se as orações e ao trabalho repassando os ensinamentos para os que lá viviam; esses ensinamentos eram bem parecidos com o que os padres Ibiapina e Cícero ministraram durante sua trajetória de vida, ou seja, a caridade era algo fundamental, devido por estarem ajudando o próximo.

Ramos (2011) ressalta, ainda, que Lourenço vivia sua vida para ajudar as pessoas, tratando-os todos com princípios de igualdade, fraternidade e solidariedade. Certa vez um vizinho precisou de alguns homens para executar uma construção, então o mesmo permitiu que eles fossem para a residência desse vizinho e não cobrou nada pelo serviço que seus moradores desenvolveram. Essa atitude mostra como o beato era solidário, não só dentro da comunidade, mas com todos que necessitasse de algo.

Muitas vezes pela sua bondade era mal visto, pois com o desenvolvimento da comunidade começaram a surgir diversas histórias a respeito do beato. Das histórias surgidas, havia uma que dizia que naquele espaço existia um boi de nome “Mansinho” que estava sendo endeusado. Isso resultou em um forte conflito entre as autoridades locais, pois foi uma oportunidade para desarticular toda a rotina da comunidade e prender o beato. É salutar mencionar que qualquer situação era motivo de “mal estar” entre os habitantes do Caldeirão e as autoridades.

Aquele espaço para Lourenço era algo gratificante, afinal, ajudar alguém que chegasse a residência era importante, em especial, aqueles enviados por Padre Cícero, pois muitos chegaram recomendados pelo sacerdote. Na comunidade o beato tinha preocupação em ensinar seus moradores os valores e a moral que permeava sua vida.

O momento era de glória naquele lugar, devido às realizações do trabalho e das orações. Lourenço, por ser o líder, passa dividir as tarefas, juntamente com seu homem de confiança Isaías, que era uma espécie de administrador, pois sabia ler e escrever, tendo a função de dividir o resultado da produção de acordo com o número de membro de cada família.

Apesar de ser analfabeto, Lourenço foi um educador, sendo visível em suas ações perante a comunidade, que identificamos na citação de Cordeiro (2004, p.180),

Forma de ensinamentos do José Lourenço, o mesmo, se dava por meio de um grande repertório de exemplos. As narrações afirmam que, com eloquência e voz agradável, ele contava muitas histórias bíblicas. Como o Beato não sabia ler, não poderia ter tirado diretamente do texto bíblico. As suas histórias eram recontadas do que ouvia do Pe. Cícero, e do que ouvia de outros beatos e membros da comunidade que liam a “Missão Abreviada”. As rodas de conversa, nas quais o Beato “faziam fala”, eram muito freqüente. Nessas conversas em grupo, o Beato ensinava princípios e comportamentos através de exemplos de comportamentos positivos a serem copiados e de comportamentos negativos a serem evitados por seus seguidores.

A citação nos remete ao quanto o beato tinha um perfil de educador, pois ele perpassa vários ensinamentos através da religião, ou seja, por meio das orações e pregações realizadas naquele espaço. Também os ensinamentos se davam por meio das histórias que ele aprendia com seu mestre Padre Cícero, priorizando bons comportamentos, a moral e bons costumes.

Esses ensinamentos eram fundamentais para que as pessoas pudessem viver por meio dos princípios de igualdade, fraternidade, fé e união. Este homem transmitia os ensinamentos de forma transparente aos seus moradores, tornando um verdadeiro educador.

Quanto ao beato, ele procurava naquele ambiente realizar suas atividades, que constatamos por meio dos “conselhos ensinando-lhes métodos mais atualizados de agricultura, orientando-os no uso da medicina popular sertaneja, admoestando-os, numa linguagem clara, para uma forma mais amigável de convivência” (RAMOS *apud* BARROS, 2011, p.44). Assim, percebe-se que o beato tinha interesse em inserir uma agricultura popular, em que todos pudessem estar aptos para a tarefa. Na comunidade desenvolvia uma medicina popular, que tinha como curandeiro Bernardino, que fazia os remédios caseiros para curar o sofrimento dos moradores, seja uma dor ou um ferimento.

A comunidade Caldeirão foi uma grande escola, em que seu educador era um líder religioso. Segundo a remanescente Marina Gurgel *apud* Ramos (2011, p. 68) “O beato ensinava o bom caminho. Pra gente não brigar, não beber, não jogar, nem matar, nem destruir. Eram todas essas coisas que ele mesmo ensinava, que ele ensinava todo dia. Só dava o bom conselho, só dava os bons ensinamentos”. Esses ensinamentos causavam por parte da elite inveja e temiam que pudesse transformar-se em um novo Canudos.

Nesse sentido a memória nos possibilitou identificarmos os ensinamentos desenvolvidos por Lourenço. *A priori* a educação espontânea foi a primeira delas, percebemos essa também na fala de vizinhos que conhecia o beato, como dona Maroli Sampaio

Figueiredo<sup>25</sup>, que ressaltou vários profissionais trabalhavam na comunidade, como também, havia uma forte harmonia entre os moradores e que o beato era muito querido.

Segundo as palavras de Maia (1992, p.31), José Lourenço era,

Um líder revolucionário, quando adotava normas que fugindo do pré-estabelecido. Sua liderança baseava-se nos “laços pessoais”. Por meio das relações criadas por esses “laços”, sua autoridade era legitimada pela comunidade. Líder religioso, a paz guiou seus passos. Averso a violência, procurava sempre seguir através do caminho da paz, da união, e da caridade. Figueiredo diz: ‘ Dotado de um espírito dócil, amigo da paz, dispoño sempre de agregados, nunca se serviu deles para uma desordem, nunca de agregados, nunca desrespeitou uma autoridade’. Apesar de inúmeras perseguições sofridas, sempre recomeçou o seu trabalho, sem desânimo ou revolta pelo sofrimento. Na comunidade predominava a disciplina, que era sabiamente usada pelo Beato, que através dela conseguia o entusiasmo e a dedicação sem reserva.

Pela citação, percebemos que o beato era um líder sereno, que procurava praticar sempre uma postura calma e com disciplina. Os moradores da comunidade possuíam um profundo respeito com ele, em que cumpria suas ordens. Apesar das perseguições sofridas, a fé esteve sempre no seu cotidiano, enfrentando com dignidade todas as situações conturbadoras da elite cratense.

O beato lutou contra as perseguições passivamente, ou seja, apesar das injustiças que sofreu jamais se utilizou da força para amenizar qualquer situação de violência. Após a morte de seu mestre Padre Cícero, o beato, passou por muitas dificuldades por motivo da luta da terra que morava, afinal, os novos donos passaram serem os salesianos e logo reivindicam o espaço da comunidade. Como os moradores resistiram a saída do lugar, então conseguem expulsá-los e deslocam para a cidade de Exu (PE), em que permaneceu os últimos dia de sua vida. Só voltou a Juazeiro para ser sepultado (1946), próximo da Igreja do Socorro, local este em que podemos encontrar os restos mortais de Padre Cícero.

---

<sup>25</sup> Entrevista realizada na residência de Maria Maroli Sampaio Figueiredo na cidade de Nova Olinda (CE), no dia 20.12.2011, exclusiva para a pesquisadora Célia Sousa.

## 4 Práticas Educativas Culturais: a educação religiosa na comunidade Caldeirão do Beato José Lourenço

Meu Padim lhe ordenou  
Realizar uma missão  
Construir com os romeiros  
Nova civilização  
E o beato Zé Lourenço  
Construiu o Caldeirão[...]  
(Musica: Caldeirão;  
Compositores: F. Saraiva/ Chico Cunha)

Como mencionamos no capítulo anterior, os livros de História da Educação do Brasil geralmente situam o início dos processos educacionais no país com a educação jesuítica, ou seja, a educação sob o primado da Igreja Católica. Essa instituição buscava o recrutamento de fiéis e servidores para obra da Companhia de Jesus que visava fundamentalmente a catequese, através da criação de núcleos missionários no interior das nações indígenas, e acabou também assumindo a importante função de educação da elite. E foram com essas características, destaca Romanelli (1995, p. 35), que a educação religiosa se firmou no Brasil e sobreviveu após a expulsão dos jesuítas:

[...] Dela estava excluído o povo e foi graças a ela que o Brasil “se tornou, por muito tempo um país da Europa”, com os olhos voltados para fora, impregnado de uma cultura intelectual transplantada, alienada e alienante. Foi ela, a educação dada pelos jesuítas, transformada em educação de classe, com as características que tão bem distinguem a aristocracia rural brasileira que atravessou todo o período colonial e imperial e atingiu o período republicano, sem ter sofrido, em suas bases, qualquer modificação estrutural.

O nordeste brasileiro, paisagem inaugural da ação colonizadora (e marcada pela violência contra os nativos), necessitava também de uma ação pacificadora para conter as rebeliões eminentemente populares, como, por exemplo, a Guerra dos Bárbaros” (Confederações dos Cariris) e o Quilombo dos Palmares. No entanto, com a vitória, nada fácil dos colonizadores, homens, mulheres e crianças de nações indígenas, com menor poder de resistência, eram entregues aos missionários para catequizá-los e capacitá-los ao trabalho agrícola, constituindo, assim, um “exército industrial de reserva” para as grandes fazendas e engenhos (ANDRADE, 1989).

Porém, não se pode esquecer que, ainda na segunda metade do século XIX, se mantinha e se propagavam rebeliões populares visando fazer frente à dominação colonial.

Nestas não se pode deixar de incluir as revoltas populares e camponesas, agrupando gente espoliada da terra e do produto de seu trabalho. Algumas, como já vimos anteriormente, se organizam como bandos “fora-da-lei”, eram os cangaceiros; outros buscavam refúgio através da organização em comunidades. Sob a direção de um beato, juntavam-se apoiados na crença divina ou no retorno de um “Salvador” – o Messias. Em ambos os casos, tínhamos no nordeste brasileiro a síntese do poder político e econômico do latifúndio que não poupou esforços para conter qualquer reação contrária à estrutura fundiária dominante.

[...] foram tratados a trabuco pelos governos estadual e federal e eliminados em nome da lei e da ordem. Lei e ordem que iriam garantir o poder discriminatório dos coronéis do Sertão sobre os bens e as pessoas das áreas que dominavam. Daí deverem ser considerados, os movimentos que impulsionaram, como movimentos camponeses, como movimentos de reação contra uma estrutura fundiária que negava o acesso à posse da terra aos que nela trabalhavam [...] (ANDRADE, 1989, p. 14)

O Caldeirão do beato José Lourenço, ou melhor, milhares de trabalhadores do campo oprimidos pelo poder do latifúndio nordestino, se insere nessa paisagem. Constituíram-se numa verdadeira “escola” popular comunitária que, como não poderia deixar de ser – considerando-se o longo processo de aculturação – incorporou concepções importantes do “mundo civilizado”, porém com as devidas adaptações que a sua realidade exigia.

Conforme Oliveira (2007, p. 37-38), as religiões institucionalizadas, como elemento cultural, “[...] criam sistemas organizados, modelos de condutas que interferem no contexto sociocultural do ser humano” que as mantém, assegurados no processo de formação e transmissão de seus sistemas significativos.

No entanto, é preciso lembrar que uma das características dos movimentos sociorreligiosos, frente a sua realidade espaço temporal, objetiva a construção de alternativa para o mundo opressor. Isso não permite a completa reprodução de seus sistemas significativos da religiosidade oficial em suas práticas culturais nem do conjunto das instâncias sociais dominantes. Isso vale para a educação que, no movimento sociorreligioso do Caldeirão, rompe na prática com a concepção de cultura como domesticação que, como salienta Freire (1982, p.81) “procura embotar as consciências [...]”.

Neste capítulo, ocupamo-nos com o fenômeno educativo que se fez representar na comunidade sociorreligiosa do Caldeirão. Valorizamos a dimensão educativa que imprimiu a religiosidade popularizada pelo sertanejo. Salientamos que revisitar esse fenômeno específico precede do entendimento do contexto que o produziu. Desse entendimento, faremos uma breve contextualização do espaço-tempo que levou a sua construção, incluindo a ação do

Poder Político regional sobre os processos educativos no Ceará, fundamentalmente na região que circundava o Caldeirão.

#### 4.1 O Caldeirão do beato José Lourenço no espaço-tempo da seca e da opressão

Os anos de 1930 entram na história do interior do Estado Ceará pela seca e pelo flagelo humano e não pode ser compreendida sem referência ao fato de que setores dirigentes e dominantes que dessa situação se aproveitaram para ampliar seu poder e sua riqueza. Patativa do Assaré, poeta popular, que viveu a seca do período, nos aproxima, na poesia “Morte de Nanã”, do sentimento do sertanejo que mistura fé, impotência, revolta e resignação, sem, no entanto, deixar de esclarecer que a realidade do sertão não estava concentrada apenas em seus problemas naturais, mas, especialmente, no descaso do Poder Político e dos padrões do sertão. Aqui reproduzimos parte do verso:

[...]

Quando há seca no sertão,  
 Ao pobre farta feijão,  
 Farinha, mio e arrôis.  
 Foi isso que aconteceu:  
 A minha fia morreu,  
 Na seca de trinta e dois.  
 Vendo que não tinha inverno,  
 O meu patrão, um tirano,  
 Sem temê Deus nem o inferno,  
 Me dexou no desengano,  
 Sem nada mais me arranjá.  
 Teve que se alimentá,  
 Minha querida Nanã,  
 No mais penoso martrato,  
 Comendo caça do mato  
 E goma de mucunã.  
 Naquela noite, a criança  
 Se achava sem esperança.  
 E quando vêi o rompê  
 Da linda e risonha orora,  
 Fartava bem pôcas hora  
 Pra minha Nanã morrê.  
 Por ali ninguém chegou,  
 Ninguém reparou nem viu  
 Aquela cena de horrô  
 Que o rico nunca assistiu,  
 Só eu e minha muié,  
 Que ainda cheia de fé  
 Rezava pro Pai Eterno,  
 Dando suspiro maguado  
 Com o seu rosto moiado  
 Das água do amô materno.  
 Vendo que Nanã dexava  
 As miséra desta vida.  
 Pois não havia recurso,

Já tava fugindo os purço.  
 Naquele estado misquinho,  
 Ia apressando o cansaço,  
 Seguindo pelo compasso  
 Das musga dos passarinho.  
 Na sua pequena boca  
 Eu vi os laibo tremendo  
 E, naquela afrição lôca,  
 Ela também conhecendo  
 Que a vida tava no fim,  
 Foi regalando pra mim  
 Os tristes oinho seu,  
 Fez um esforço ai, ai, ai,  
 E disse: “abença papai!”  
 Fechô os óio e morreu.  
 A Jesus mostrá seu riso  
 E omentá mais a quantia  
 Dos anjo do Paraíso.  
 Na minha maginação,  
 Caço e não acho expressão  
 Pra dizê como é que fico.  
 Pensando naquele adeus  
 E a curpa não é de Deus,  
 A curpa é dos home rico.  
 Morreu no maió matrato  
 Meu amô lindo e mimoso.  
 Meu patrão, aquele ingrato,  
 Foi o maió criminoso,  
 Foi o maió assarsino.  
 O meu anjo pequenino  
 Foi sacudido no fundo  
 Do mais pobre cimitero  
 E eu hoje me considero  
 O mais pobre deste mundo.  
 Saluçando, pensativo,  
 Sem consolo e sem assunto,  
 Eu sinto que inda tou vivo,  
 Mas meu jeito é de defunto.  
 Invorvido na tristeza,  
 No meu rancho de pobreza,  
 Toda vez que eu vou rezá,  
 Com meus juêio no chão,  
 Peço em minhas oração:  
 Nanã, venha me buscá!<sup>26</sup>

A seca de 1932 dizimou milhares de vidas, mas garantiu a indústria da seca que se alimentava da fome e da miséria de milhares de homens e mulheres do sertão nordestino, enriquecendo os grandes proprietários de terras. Nessa paisagem são construídos verdadeiros campos de concentração, também conhecidos como “Currais do Governo”. A construção desses “campos” visava conter a “debandada” de retirantes para a capital do estado, bem

---

<sup>26</sup>O poema completo “A Morte de Nanã” de Patativa do Assaré, pode ser encontrado no livro Cante Lá Que Eu Canto.

como isolá-los, controlá-los e explorá-los. Assim foram construídos 7 (sete) campos de concentração no Ceará.

Em Fortaleza, conforme Neves (1995), foram criados inicialmente dois campos de concentração: o de “Octavio Bonfim” (de curta duração); no Tauape, com mais de dois mil “retirantes em abril de 1932,” e o campo do “Urubu”, situado no trecho entre o Pirambú e o porto, à beira mar. O campo de Quixeramubim durou três meses (abril a junho de 1932), concentrando quase 5 mil pessoas. Em Cariús, entre maio de 1932 e abril de 1933, atingiu uma população máxima de 32.906. Em Catu, no município de Senador Pompeu, funcionou de abril de 1932 a abril de 1933, reunido 20 mil retirantes. No Ipu, em julho de 1932, chegou a concentrar mais de 7 mil flagelados. Mas, foi no Campo de Concentração do Burity, no município do Crato, que se construiu o maior de todos os campos, abrigando 60 mil retirantes<sup>27</sup>.

Para Neves (1995), as dimensões daquele “Curral” podem ser explicadas por sua proximidade com a cidade de Juazeiro do Norte e sua tradição de santuário religioso e, particularmente, por tratar-se da Cidade do Pe. Cícero, através de suas romarias<sup>28</sup> em plena expansão.

De sol a sol, o “flagelo da seca” busca naquela região a salvação dos infortúnios mundanos pelas mãos divinas, representadas por aquele que consideram o “padim” de todos – o Pe. Cícero. Buscam, na verdade, sua razão de existir no Deus como força onipotente capaz de ajudá-los a resolver seus problemas mundanos, reservando-se à divindade celestial a resposta para todas as incógnitas e necessidades do homem.

Nessa caminhada em busca da “terra prometida”, milhares, no entanto, tornam-se “aprisionados” aos “Currais” do governo, outros conseguem chegar ao “Santuário Religioso”, somando-se aos romeiros que, ao lado do seu “Padim”, cantam seus benditos e rezam contra o perigo da miséria.

---

<sup>27</sup> Para Morales (2002), os “Currais do Governo”, como ficaram conhecidos os “Campos de Concentração” criados na seca de 1932, já haviam sido utilizados em secas anteriores. No ano de 1897, foram os “abarracamentos” construídos para retirar o “flagelo da seca” da capital que se modernizava. Na seca de 1915, o presidente da província cel. Barroso, temendo as concentrações de retirantes em Fortaleza, como havia acontecido na seca de 1897, criava os primeiros campos de concentração. O governo escolheu o local e aglomerou os retirantes num só lugar, impedindo-os de misturar-se à cidade.

<sup>28</sup> Segundo Rosendahl (2002, p.73), “As romarias são, em realidade, manifestações religiosas em que o povo busca uma forma de reivindicar, com maior liberdade, suas crenças religiosas [...]”.

O Padre Cícero era para os romeiros pai e padrinho<sup>29</sup> dos pobres, fazendo com que muitos migrassem à cidade de Juazeiro para pedir ajuda ou conselhos ao padrinho do nordeste. Também era comum surgirem grupos religiosos que através da fé e de seus princípios tinham o objetivo de abolir essas dificuldades que a seca e a opressão traziam para o sertanejo. Através de benditos<sup>30</sup>, pedem paciência pra enfrentar os infortúnios da vida sempre apoiados nos rituais do catolicismo, como exemplifica Lourenço Filho, ao presenciar uma dessas romarias naquele período dramático dos sertões nordestinos:

Santa Mãe de Deus e Mãe nossa, Mãe das Dores, pelo amor do nosso Padrinho Cícero, nos livre e nos defenda de tudo quanto for perigo e miséria; dai-me paciência para sofrer tudo pelo vosso amor e do meu Padrinho, ainda que nos custe mesmo a morte. Minha Mãe, trazei-me o vosso retrato e o do meu Padrinho no Vosso altar retratado, dentro do meu coração, daqui para sempre; reconheço que vim aqui por vós e meu Padrinho; Dai-me a sentença de romeiro da Mãe de Deus, dai-me o vosso amor e a dor dos meus pecados para nunca cair no pecado mortal; dai-me a vossa graça que precisamos para amar com perfeição nesta vida e gozar na outra por tôda a eternidade. Amém. Viva o meu Padrinho Cícero. (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 35).

Pediam a defesa do perigo da miséria, paciência, perdão, vida eterna, amor a Deus e ao “Padim” Padre Cícero são as bases das romarias dos que chegam à “Meca dos Sertões”, mas também os fundamentos da Comunidade Sociorreligiosa Cadeirão de Santa Cruz do Deserto, localizada, originalmente no Sítio Baixa Dantas e transferidos no ano 1926, para o Caldeirão dos Jesuítas (Crato). Uma experiência sociorreligiosa “... que incomodou as principais forças regionais da época, chegando ao seu fim em 1937. Entra para a História do Ceará como um massacre no qual, pela primeira vez História do Brasil, aviões foram usados como objetos de arma”.<sup>31</sup>

## 4.2 A Educação nos sertões do Ceará em tempos de seca e de opressão

Pensar a educação é refletirmos sobre diferentes formas de educação, que transversam os diversos ambientes humanos. É aquela voltada para a aprendizagem sistematizada, mas também aquela construída no saber-fazer humano, seja no trabalho ou em

<sup>29</sup> Na tradição mais rígida da cultura sertaneja, esse termo padrinho tem uma conotação de segundo pai, aquele que tem a obrigação de prover o amparo e a proteção do afilhado órfão ou em necessidade. No sertão de Alagoas, pelos idos de 1940 a 1950, ainda assistimos ao costume do ritual da Semana Santa entre afilhados e padrinhos. A partir de domingo de ramos, os afilhados visitavam os padrinhos trazendo um presente, fruto do capricho (significando aqui cuidado, zelo) do afilhado (Barros, 2008, p. 185)

<sup>30</sup> Benditos na linguagem popular são cânticos religiosos recitados vagarosamente, o que era costume de se ouvir pelos mais velhos.

<sup>31</sup> História do Crato. Disponível em: <http://www.crato.ce.gov.br/index.php/a-cidade/67-a-cidade-historia-da-cidade/290-historia-do-crato>

casa, na escola ou nos espaços públicos diversos. Assim, falar de educação é também falar da “educação da alma” realizada nos espaços formais religiosos ou nas práticas individuais e coletivas comunitárias, sem a presença institucional da “ fé ”.

Para efeito deste capítulo, como já evidenciamos, nos interessa particularmente realçar a educação como religiosidade popular, uma vez que nosso foco de estudo é uma região onde cultura e religião, educação e cultura se confundem. Trata-se de apreender o imaginário educacional na sua dimensão mítico-simbólico, na sua riqueza metafórica (PORTO, 2008). Antes, porém, faz-se necessário situar a realidade educacional em todos os seus sentidos numa região castigada pelas vicissitudes do mundo físico e pela opressão organizada pelos grandes proprietários de terras e pelo poder político que os representam.

É importante lembrar que revisitar a educação brasileira entre as décadas de 1920 e 1930 (contexto de criação e destruição do Caldeirão) é falar de regiões inteiras marcadas pelo analfabetismo, no contexto histórico paradoxalmente também marcado pela modernização dos moldes da cultura europeia.

Temos, por um lado, um período fértil de embates ideológico-pedagógicos entre aqueles que defendiam uma escola pública estatal e laica, e aqueles que defendiam a manutenção de um sistema educativo privado e vinculado aos postulados cristãos-católicos. Segundo Saviani ((2011, p.76),

... Em 1932, é lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Em 1934, com as discussões em torno da Constituição, polarizam-se as posições no âmbito da educação entre os liberais, representados pelos escolanovistas, e os católicos, que defendiam a posição tradicional em educação....

Dos resultados desses embates a Constituição de 1934, em seu Capítulo II, institui o ensino religioso facultativo e a “[...] educação direito de todos e dever dos poderes públicos proporcioná-la, concomitantemente com a família (ROMANELLI, 1995, p.151). Porém, a distância entre os preceitos legais proclamados e a realidade eram flagrantes. De acordo com Vieira (2002, p.133), no Brasil, entre os anos de 1890 a 1920 o analfabetismo se mantém de forma alarmante. São 85% de analfabetos em 1890, “ [...] proporção que diminui para 75% em 1900, mantendo-se nos mesmos níveis em 1920[...]”.

No Estado do Ceará, o número de matriculados entre os anos de 1894 e 1930 no ensino público primário, evidencia declínios e aumentos de matrículas nas escolas públicas (Ver Tabela 1), porém a ampliação de escolas não correspondeu minimamente à demanda por escolarização e para suprir o problema do analfabetismo. Essa questão era mais grave no

interior cearense, que encontrava mais dificuldade, em especial, de professores qualificados para atuar no magistério<sup>32</sup>. Conforme Nogueira (2001, p. 89),

A professora, salvo raras exceções, saía da Escola Normal não graças ao seu saber ou ao seu bom desempenho, mas fabricada pelo protetorado político que, segundo Jáder de Carvalho, foi um dos grandes males que nos legou o governo Nogueira Acioly. Formavam-se professoras semi-analfabetas, sem preparo efetivo. Exerciam o magistério público, distribuídas pelos quarenta e cinco municípios do interior do Estado, em três tipos de escolas (do lugarejo, da vila e da cidade), todas elas isoladas.

**Tabela 1** Matrícula de Alunos

Ano	Matrículas	Estabelecimentos
<b>1894</b>	<b>8.687</b>	-
<b>1898</b>	<b>10.572</b>	<b>298</b>
<b>1902</b>	<b>10.571</b>	<b>246</b>
<b>1906</b>	<b>11.973</b>	<b>272</b>
<b>1916</b>	<b>10.945</b>	-
<b>1920</b>	<b>20.676</b>	<b>446</b>
<b>1924</b>	<b>26.048</b>	<b>421</b>
<b>1928</b>	<b>33.285</b>	<b>487</b>

Fonte: Vieira (2002, p. 160) apud IBGE (*Arquivo Público e IBGE*)

Por outro lado, na década de 1920 houve um aumento considerável de escolas católicas<sup>33</sup> em todo o país, pois o desejo da Igreja era a criação de um Estado Católico brasileiro e conter a expansão de escolas protestantes. No contraponto, no Nordeste brasileiro, especificamente no Ceará, o quadro educacional em relação ao analfabetismo continuava mais alarmante, incluindo a precariedade da formação para o magistério. De acordo com Nogueira (2001), em 1917, a Mensagem do Presidente à Assembléia Legislativa do Estado do Ceará,

<sup>32</sup> Segundo Xavier, Ribeiro e Noronha (1994, p. 160-161) se há o reconhecimento de que entre os anos de 1910-1960 houve uma ampliação da escola, é também certo que houve um aprofundamento de problemas de repetência e da evasão na mesma proporção em que se ampliava. A melhora em termos percentuais indica que o esforço de expansão foi significativo em termos de ensino elementar. Se em 1935 mais da metade das crianças em idade escolar (54%) estava fora da escola, em 1955 esse percentual havia baixado para 26. Assim mesmo, em números absolutos, aumentou a quantidade de crianças fora da escola. Elas eram pouco mais de 5 milhões em 1935 e passam a pouco mais de 6 milhões em 1955”.

<sup>33</sup> Segundo Azzi (2008, p.159-160) a partir dos anos de 1920, uma parte expressiva dos colégios católicos (maristas e salesianos), dá um atendimento preferencialmente a alunos da classe média, sobretudo nos centros urbanos. A multiplicação de seus colégios nas áreas de colonização do sul do país, favoreceu os filhos de imigrantes. Num folheto publicado no Natal de 1925 o diretor do Colégio Coração de Jesus de São Paulo respondia à objeção daqueles que consideram o liceu salesiano como ‘um colégio de gente rica’. ‘Sosseguem, porém, os alarmistas: não há sangue azul nos nossos alunos. A nobreza – de sangue ou de finanças – procura outros colégios, onde há mais liberdade para os jovens’. E acrescentava: ‘Os nossos alunos são filhos do povo. Gente remediada, classe média, pequenos lavradores, comerciantes, empregados públicos, e até criados de servir – eis a grande maioria, a quase totalidade dos que têm filhos no Liceu’”.

datada de 1º. De julho de 1917, chamava à necessidade de uma reforma urgente no sistema educacional, precisamente nos cursos de formação para professor (o Normal).

Na mensagem, destaca que em todo o Estado havia apenas 422 escolas para atender 200.000 crianças. Contudo, nenhuma instituição, fosse religiosa, fosse estatal fizeram valer alguma iniciativa em função da efetiva expansão da escola pública e em função da qualificação do magistério. Com as palavras de Nogueira (2001, p. 112), para aqueles que chegavam aos “bancos escolares” dificilmente conseguia-se mantê-lo:

A evasão escolar ocorria tanto nas escolas do interior, quanto nas da capital. Era esta a situação: no interior 75% dos alunos eram egressos de famílias de lavradores. O ensino na idade escolar era mão-de-obra na lavoura, que por necessidade financeira tinha que trabalhar. Assim o fenômeno da evasão escolar ocorria em dois períodos no ano, o da sementeira e o da colheita.

O Jornal *O Nordeste* de 10 de janeiro de 1922 (O Nordeste, Fortaleza, 1922-1924) denuncia que o Ceará conservava uma taxa de 80% de analfabetos, incluindo, como alarmantes casos as cidades como Crato, Santana do Cariri e Missão Velha, que já se destacavam nos aspectos econômicos (chegando mesmo a estar entre as pioneiras na implantação da escola pública). Reforça Nogueira que,

Em Campos Sales, os algarismos são ainda mais expressivos. A população escolar é de 1.667. Frequentavam escolas públicas e particulares apenas 34 crianças. Sabiam ler 53. Portanto, 1.580 eram analfabetas.

Em Assaré, havia uma população escolar de 810 crianças. Frequentavam a escola 37 e 118 sabiam ler, 655 eram analfabetas.

Na cidade do Crato, com uma população escolar de 3.589 crianças, apenas 881 frequentavam escolas, 577 sabiam ler (NOGUEIRA, 2001, p. 109 – 110).

A presença de Lourenço Filho no Estado do Ceará, visando à reformulação da instrução cearense em 1922-1923 trouxe na leitura de importantes historiadores da educação do Ceará repercussões importantes no campo educacional, desde a aquisição de novos prédios e equipamentos, na implantação de novos programas, adequação de conteúdo e determinações de livros<sup>34</sup>. Ressalte-se que uma reforma educacional pressupõe mobilização de várias instâncias do social para se concretizar. O Ceará das oligarquias, dos “coronéis” não parecia

---

<sup>34</sup> A Reforma Educacional, a organização do ensino ficou definida assim: 1) O ensino preliminar, de três anos, ministrado nas escolas isoladas e reunidas; 2) O ensino primário integral, de quatro anos, nos grupos escolares; 3) O ensino complementar, de dois anos, na escola complementar; 4) O ensino secundário especial, realizado no Liceu e na Escola Normal; 5) O ensino profissional, nas escolas profissionais a serem criadas; 6) O ensino superior, realizado pela Faculdade de Direito da Capital. A educação da zona rural, porém com menor tempo do que na zona urbana. Ainda, priorizaram o ensino secundário profissionalizante e o ensino superior. Esse sistema de ensino foi uma forma de organizar o ensino e tornar mais democrático em todo o estado cearense. (NOGUEIRA, 2001).

ser o espaço político-econômico favorável. Ainda, conforme a análise de Nogueira (2001, p. 192), a reforma, sob a perspectiva de Lourenço Filho, requeria dispendiosos e sofisticados recursos, além do mais,

[...] As condições de submissão ao poder político e econômico em que se encontrava o professorado, o pouco preparo de mestres notadamente os do interior, sempre presos à tutela do coronelismo, o pouco tempo de implantação da reforma, é de se esperar que tais docentes na prática educativa não conduzissem o pensamento pedagógico para a reflexão sobre a vida social e política [...] (NOGUEIRA, 2001, p.204).

Tal tipo de educação seria de difícil implantação como educação popular, no contexto do Ceará, de 1922 a 1925, mesmo o “calor” da modernização nos moldes europeus que envolvia o Ceará na “fé” mundial do caráter missionário do progresso (MENDONÇA, 1997). Os anos da reforma da instrução são também o contexto histórico cearense de enfrentamentos externos e, sobretudo, internos. É preciso lembrar que o Brasil, entre os anos de 1889-1930, vai “seducir” vigorosos movimentos sociais, dentre guerras, revoltas, levantes e greves, dos quais destacamos: Guerra dos Canudos, Revolta da Vacina (1904), Guerra do Contestado (1912-1916), Cangaço, Revolta da Chibata, Revolta do Juazeiro (1914), Movimentos Operários, Tenentismo e Movimento do Caldeirão, no Ceará.

Ao lado desses fenômenos sociais, o poder público tem ainda que enfrentar as tensões sociais que as secas provocavam e coabitavam, lado a lado, com as problemáticas sociais. A educação não estava, efetivamente, entre as prioridades das instâncias governamentais, particularmente em relação aos desperdícios de recursos que uma efetiva reforma educacional exigia. O foco da ação política era conter a qualquer custo o “banditismo social” e qualquer iniciativa que contrariasse a ordem estabelecida fundada no poder das oligarquias rurais.

Assim, numa região dominada por uma pequena parcela da população que detinha o poder total da vida econômica e que controlava a terra e explorava a população de miseráveis não poderia, sob nenhuma hipótese, ser tranquila e pacífica. Daí a necessidade do grande proprietário de controlar os cargos públicos, relacionar-se com as autoridades provinciais a fim de colocá-los na condição de controle sobre seus dominados e manter seu sistema de poder. (ANDRADE, 1989). Nesse sentido, também buscava associar as instituições religiosas como mecanismo de controle da população econômica e socialmente vulnerável, particularmente a sertaneja. A religião católica, como acrescenta Nogueira (1989, p. 19),

[...] era ainda usada como veículo de intimidação da população pobre, lembrando que as diferenças sociais eram resultado da vontade de Deus, que na outra via seriam recompensados os humildes e obedientes, diga-se, os submissos. Os que se rebelavam contra os seus senhores, por maiores que fossem as injustiças, desrespeitavam os desígnios de Deus e, após a morte, seriam punidos com o fogo do inferno.

Contudo, esse controle não foi suficiente para conter os movimentos sociais que, assumindo contornos diversos, adotam práticas alternativas ao mundo do opressor e das suas leis. O Movimento sociorreligioso Caldeirão de Santa Cruz do Deserto é o reflexo dessa reação que, nos 10 anos de sua existência (1926-1936), construiu um “oásis na caatinga” e um conjunto de práticas culturais alternativas ao estabelecido pelo dominador, dentre as quais as práticas educacionais, fundamentada, sobretudo, na religiosidade popular ou mais precisamente no catolicismo popular.

O “catolicismo popular” que serviu de fundamento à formação comunitária liderada pelo beato José Lourenço era de um catolicismo de práticas espontâneas. Preocupava-se com questões de ordem espiritual e material e com essa perspectiva criou formas alternativas aos padrões dominantes de produção e reprodução da vida do sertanejo. Nesse sentido, diferenciava das pregações sacerdotais, que ressaltavam entre os fiéis e sertanejos a resignação diante do sofrimento e das injustiças. (SOUSA; CARVALHO, 2012, p. 45)

Isso significa dizer que, no cotidiano das práticas culturais dos sertanejos – também reproduzidas na comunidade do Caldeirão –, a Igreja Católica não era negada pelos sertanejos. Também não eram negados seus Santos, pelo contrário, além de reafirmados, “santificavam” aqueles que consideravam os representantes de Deus na Terra – os sacerdotes como evidencia a poesia popular, de João Mendes de Oliveira (apud LOURENÇO, FILHO, 2002, p. 151) criada no contexto de expansão e crescimento das romarias da região nos anos de 1920, abaixo transcrita:

É um pastor dedicado,  
 É a nossa proteção  
 É a salvação da alma  
 O Padre Cisso Romão,  
 É a justiça divina  
 Da Santa Religião

[...]

Quem não presta atenção  
 Ao que meu Padrinho diz  
 Também não crê na Matriz  
 Da Virgem da Conceição  
 Nem no profeta S. João,  
 Nem poderá ser feliz.

Um chega e diz: - “Meu Padrim,  
 Eu não sei mais o que faça!  
 Quero a vossa proteção.  
 Com sua divina graça!  
 Com relação a virtude,  
 Só aqui é onde se acha!”

Outro diz: - “Eu aqui estou,  
 Que que me ditrimine,  
 Quando eu errá me castigue!  
 Quando eu não sabe, me ensine  
 É na vida e é na morte  
 Quero que vós me domine!

O Padre Cisso, então, diz  
 Com sua voz diferente:  
 - Não queiram ser assassino,  
 Não bebam mais aguardente,  
 Não queiram sê desordêro  
 Que Jêsus não sai da frente!”.

Meu Padrinho é quem possui  
 Talento, fôrça e podê  
 Dado pela Providência!  
 Quem duvidá – venha vê!  
 Ele é quem dá a direção  
 Do que se tem de fazê...

[...]Alguns sacerdotes eram adorados pelos retirantes, pelos romeiros, pelos trabalhadores rurais, independentemente das controversas análises que deles fazem sobre o real objetivo de sua ação evangelizadora. No Nordeste brasileiro, temos, por exemplo, Frei Damião, Padre Ibiapina e Padre Cícero, que independentemente do lugar que cada um passou a ocupar na historiografia do nordeste brasileiro, esses religiosos, eram a representação do divino na Terra.

Padre Ibiapina entrou para a história da religiosidade popular pela sua dedicação aos pobres, pela criação das casas de caridade, inserindo em suas missões as obras sociais, como já destacamos no capítulo anterior. Para Comblin (2011, p. 9), com a prática da caridade ativa, o padre obreiro juntava milhares de trabalhadores, homens e mulheres, que, como obras de fé, levantavam edifícios para o serviço do povo, também ressaltadas em versos e prosas. No Cordel de Manoel Monteiro, o obreiro e Santo é, pois, Padre Ibiapina.

[...] Contava 47 anos quando iniciou a vida sacerdotal E o Nordeste ganhou Um grande obreiro e um Santo Fato provado como tanto de obras que semeou. Naqueles tempos difíceis De medicina precária Alguns morriam de cólera Outros de tifo e malária Até o reles sarampo Atacava vila e campo Com fúria extraordinária

No Caldeirão do beato José Lourenço era o “Padim” Cícero Romão que assume, para a comunidade, a condição de representante da “justiça divina da Santa Religião”, como realça o cordel “O Caldeirão do beato Zé Lourenço, de Edésio Batista:

O Beato era afilhado  
Do padim Ciço Romão,  
De quem recebeu conselhos,  
Ferramentas e instrução,  
Para cultivar as terras.  
Da fazenda Caldeirão  
A fazenda era do padre,  
Recebida em doação,  
De terras ricas e férteis,  
Com verde vegetação.

Às práticas culturais que ajudaram a construir o Caldeirão incorpora, pois, em suas experiências educativas os valores consagrados pelas instituições sociais vigentes, dentre as quais aos princípios da fé cristã católica, mas também e, contraditoriamente, a resistência à estrutura social vigente.

Através de práticas alternativas de vivências comunitárias, aquele movimento sociorreligioso permitiu traduzir a sua visão mítica do mundo em situações de aprendizagens e de transferências de saberes que

... tratava-se de uma comunidade praticamente de gente analfabeta, como era a situação da quase totalidade do trabalhador sertanejo, porém, a comunidade do Caldeirão, liderada pelo beato José Lourenço, procurou alterar essa realidade perversa. A comunidade que fez do trabalho coletivo emergir outra paisagem mais forte do que as determinações naturais e as imposições sociais construiu, também, uma comunidade educativa que se educa pelo trabalho, pela fé, mas que também aprende a ler e a escrever. (SOUSA E CARVALHO, 2012, p.114),

Naquela comunidade o lugar onde começa o trabalho era o mesmo lugar em que se educava na fé, sem, no entanto, se desconsiderar as demais práticas educativas que experienciavam as sociedades humanas, inclusive aquelas institucionalizadas que precariamente começam a ser implantadas no Estado do Ceará.

[...] Assim se fazia a educação no Caldeirão:

- 1. A educação para a vida e por meio da vida** realizada no processo de produção da vida material. É o momento em que o processo de ensinar e aprender se efetivava quando todos executavam parte das funções da coletividade, ou seja, é o momento em que “o fazer”, diz Brandão, “faz o saber” (2006, p.32).
- 2. A educação como reprodução dos valores espirituais** realizadas por meio de rituais simbólicos que reforçam a visão de mundo sociorreligioso que era mesclada entre a doutrina social da Igreja e o catolicismo popular;
- 3. A educação instrucional**, porém não formal/ institucional, visando a alfabetização, nos moldes e padrões da cultura dominante, mesmo que tais ensinamentos fossem rudimentares (SOUSA; CARVALHO, 2012, p.99).

Interessa-nos, neste momento, destacar a educação religiosa como prática educativa central do saber-fazer da comunidade Caldeirão, pois é a religiosidade popular que se construiu no Nordeste do Brasil que balizara a educação de milhares de homens, mulheres e, sobretudo, das crianças daquele movimento sociorreligioso. Partimos do entendimento de que o processo de aprendizagem, como nos ajuda a entender Freire (1982, p.110-111), não se efetiva, por exemplo, apenas no setor de assistência social “[...] mas também no especificamente religioso, participando, ardorosamente, de campanhas como ‘a farinha que reza unida permanece unida’, eram exaltados por suas virtudes cristãs...” ou no trabalho, nos cantos e benditos dos movimentos sociorreligiosos.

### **4.3 A religiosidade como prática educativa no Caldeirão dos “deserdados” da terra**

As instituições formais de ensinar e aprender, além de nos fornecerem os padrões dominantes da cultura, também nos ensinaram a entender a educação como, exclusivamente, uma prática formal, institucional, centrada nos processos e técnicas de ensino-aprendizagem, através de seus currículos e programas. Com esse “aprendizado” temos dificuldades de assimilar outras formas de educação que a história da humanidade não ofereceu, incluindo as experiências educativas existentes na história das sociedades modernas. Nesta perspectiva, dificilmente entenderíamos o movimento popular de luta pela terra, as festas, as músicas e a poesia popular, bem como os valores religiosos de um povo como parte integrante dos processos educativos, senão como a própria educação.

A educação como prática cultural perde nesse sentido sua real significação histórica. Na tradição ocidental, fomos limitados a conceber como único acervo cultural dominado aquele da cultura letrada. As outras produções humanas (da arte e da cultura artística, das tradições e crenças) consideradas, na melhor das hipóteses, como meros costumes, distração, lazer e, na pior das hipóteses como “incultura”, assim reproduzidas por renomados educadores. Neste sentido, Lourenço Filho avalia a cultura popular na região do Cariri, nos anos do Caldeirão, ou como prefere o educador “O reino da insânia” por ele caracterizado nos poucos 24 meses que permaneceu no Ceará.<sup>35</sup> Porém, a realidade histórica força-nos (inclusive a nós, letrados) a reconhecer que os povos do mundo em sua prática

---

<sup>35</sup> Lourenço Filho, na obra já citada, “Juazeiro do Padre Cícero”, ao analisar a realidade do Ceará, particularmente, do Cariri, conclui pela necessidade urgente, “enquanto é tempo!”, de introjetar na mentalidade daquele povo os aparelhos da verdadeira cultura, através da colaboração de institutos técnicos ou universidades, inclusive do “concurso de personalidades” dos centros europeus. A preocupação é a criação daquilo que chamou de ambiente propício e benéfico de “coordenação mental”, visando um trabalho de educação popular extensa, pela escola, pela igreja, pelo livro, pelo cinema, pelo rádio...”. ( LOURENÇO FILHO, 2002, p. 181-182).

cultural não se deixaram vencer pelo aparelhamento da cultura, nem se reconhecem de forma absoluta como formuladores da cultura e, como efeito, dos processos educativos que lhes estão associados. Ao contrário, a marginalização social a que está submetida a maioria dos povos do mundo, em especial, aqueles inseridos na áreas rurais com padrões normativos da cultura, não lhes servem para explicar as profundas desigualdades sociais.

É dessa forma que as tradicionais festas populares, os rituais simbólicos expressos nas diferentes culturas populares, insistem em transmitir às gerações futuras a histórica cultural dos diferentes povos e, com ela, seus saberes e práticas educativas acumuladas. Assim, como bem salienta Souza (2008, p. 134),

[...] Pensar a festa como uma fala, memória e mensagem, no contexto do movimento popular de luta pela terra, é denunciar uma situação de injustiça social e tornar públicas as conquistas e repressões dos trabalhadores. Na festa fica evidente o caráter coletivo, comunitário e solidário da luta pela terra. A festa resgata os elementos da cultura (valores, modos de pensar e agir) de um mesmo povo – sem-terra; contribui para a consolidação da identidade coletiva, manifestando, portanto, o caráter educativo da festa, do movimento social.

É a partir dessa perspectiva que começamos a entender o elemento educativo da prática societária do Caldeirão fundada na religiosidade que, por sua vez, vai transversar o conjunto de atividades desenvolvidas na comunidade. Parafraseando Paulo Freire (1982, p. 45), a educação no Caldeirão do beato José Lourenço, especialmente na sua dimensão religiosa, se realiza quando “[...] todos aprendem e ensinam concomitantemente, discutindo os inúmeros saberes construídos e consolidados no debate franco e fraterno, contextualizado nas dores e alegrias das vivências de todos os envolvidos”.

Não podemos ignorar que a religiosidade, institucionalizada ou popular, traz consigo um conjunto de regras morais que devem orientar as relações comunitárias. Para Oliveira (2007, p. 89), inicialmente essas elaborações morais se apoiam em tabus e proibições, assumindo com o tempo novos significados incorporando “[...] princípios do comportamento moral e da natureza do bem”, produzindo a reflexão sobre os sentidos das ações (dimensão ética). Nessa direção, a religiosidade, como prática social e cultural, inevitavelmente vincula-se ao fenômeno educativo.

No Caldeirão do beato José Lourenço, a transferência de saberes se efetiva na concretude das práticas comunitárias. No cultivo da fé que transitava pelo conjunto das atividades produtivas, foram educados homens, mulheres e crianças. Nas palavras de Moura (1996, p. 69),

... a educação gerava o mestre, o conselheiro, o curandeiro, o raizeiro, a rezadeira, a rendeira, o marceneiro, o ferreiro, o artista, o viajante, o curtidor de couro e sapateiro. Esse era o mundo novo, o futuro tornado presente e a utopia virada utopia e a possibilidade agora é realidade concreta que a educação fez nascer no Caldeirão.

A medicina popular que se efetivava através do curandeiro, do raizeiro e da rezadeira visava amenizar as enfermidades existentes na comunidade. São inventários da produção cultural humana, conservados pela cultura e religiosidade popular de gerações humanas inteiras e preservadas pelos sertões nordestinos.

Nesse mundo de magia, a vida do sertanejo, como se percebe, era preenchida pela presença de dezenas de amuletos. Esses objetos possuíam poderes de trazer proteção ou sorte para seus detentores. A figa e a ferradura são exemplos emblemáticos. Elas funcionavam como escudo contra o mau-olhado, neutralizando também as pragas dos inimigos e invejosos. Esse escudo tinha o poder de anular vários outros malefícios. (ARRUDA, 2002, p. 27).

Algumas são concebidas como possuidora do poder de “fechar o corpo”, de curar as doenças da “alma”, outras do corpo. Algumas delas são associadas à utilização de plantas consagradas pela sabedoria popular como curativas. Eram orações contra afecções, para afastar os espíritos malignos ou para curar fraturas ou luxações e bicheiras dos animais. As rezas e benditos são acompanhadas de rituais e de alguma planta nativa. Para a oração contra o usacre (afecção cutânea contagiosa própria das crianças de peito) *apud* Lourenço Filho, benza-se a parte do corpo atacada pela afecção com um galho de arruda molhada em água benta, como evidenciam algumas orações, presentes na região do Caldeirão naquele contexto histórico:

#### **Oração contra o Usagre**

Eu te benzo com a cruz, com a luz E com o sangue de Jesus!  
Usagre, fogo selvagem, fuge daqui,  
Que estou com nojo de ti!

#### **Oração “forte” contra os espíritos e Abantesmas**

Jesus vai comigo  
E eu vou com Jesus!  
Jesus vai comigo  
No meu coração  
E há de livrar-me

De tôda aflição!  
De tôda agonia,  
Livra-me Jesus,  
José e Maria!  
José e Maria!  
E Sant’ Anna também,  
E São Joaquim,  
Para sempre, Amém.

### Oração do Justo Juiz

Carne trilhada,  
Nervo torcido,  
Ossos e veias  
E cordoveias  
Tudo isso eu coso  
Com o louvor de São  
Frutuoso!

Segundo o morador do sítio Caldeirão Raimundo Laurentino,<sup>36</sup> no período da comunidade havia um mestre de raízes que fabricava vários chás, tornando uma prática comum o consumo entre os moradores, assim ressalta “daqui eles pegava a casca da Nigéria que servia para tudo, pra dor de cabeça... pega a Nigéria e faz o lambedor, bota a casca com água, açúcar e deixa com aparência escura e grossa e quanto mais tempo melhor é quase 6h no forno [...]”. Como podemos entender na fala desse morador, prática medicinal era comum na comunidade, ou seja, era uma forma para amenizar qualquer tipo de dor que poderia surgir, assim, diminuía os gastos com remédios farmacêuticos e era um saber existente no local.

Fotografia 5 – Comunidade Caldeirão (2012)



Fonte: Celia Sousa

Nota: Raimundo Laurentino (morador e cuidador da atual comunidade Caldeirão), foto retirada na pesquisa de campo em 27.10.2012, na cidade do Crato(CE)..

<sup>36</sup> Entrevista cedida por Raimundo Laurentino para Célia Camelo, no município do Crato (CE), na atual comunidade Caldeirão no dia 27. 10.2012.

Era o mestre Bernadinho que, segundo também testemunha a remanescente Maria Ferreira<sup>37</sup>, “rezava, rezava com laminha”, essa laminha eram galhos de árvores utilizada no momento. “O raminho verde, cura mau-olhado, dor de barriga, diarreia, espinha caída e qualquer doença da criança”, realçam Santos e Magalhães (1999, p. 176),

E que a oração deve ser feita durante três dias [...]. Pronuncia-se o nome da criança e diz: Leve... com a cruz de Deus eu benzo, de quebranto, mau-olhado, gripe, resfriado, febre e frio. Em nome de Deus serás curado. Com dois te botaram, com três eu tiro em nome de Deus e da virgem Maria. De quebranto, mau-olhado, gripe, resfriado, febre e frio e em nome de Deus serás curado. Deus é o sol. Deus é o firmamento. Deus é a verdade e com essa verdade eu te curo. De quebranto, mau-olhado, gripe, resfriado, febre e frio. E em nome de Deus serás curado”.

No Caldeirão, as práticas da medicina popular eram articuladas ao trabalho na lavoura e este com a prática da fé, como transparece na fala de Dona Maria, remanescente do Caldeirão. Em suas lembranças<sup>38</sup>, ressalta que, ainda com 6 anos de idade, o beato “ensinava-lhe” alguns benditos para buscar a paz em momentos de “aperreios”. Segundo as palavras da remanescente, “[...] o beato dizia quando vocês tiverem muitos aperreados cante essas palavrinhas: dai-me meu Jesus, dai-me um doce coração pela assim puxada da vossa paixão, pela assim puxada da vossa puxada”. Outras orações ensinadas pelo beato reforçavam a luta do sertanejo e a devoção no “Padim Ciço romeiro”, como ainda narra D. Maria:

... Quando eu e meu trabalho esquecida do senhor, falo numa voz divina ouvi voz pecador ouvi de quem te chama de nosso pai verdadeiro, há tanto tempo eu andava em busca do juazeiro, hoje foi que eu encontrei meu padri Ciço romeiro, hoje foi que eu encontrei meu padrim Ciço romeiro, a tanto tempo eu andava em busca do juazeiro a tanto tempo que eu andava atrás de meu pai o meu senhor, hoje foi que encontrei feito um padre pecador, hoje foi que eu encontrei feito um padre pecador”.

Para Arruda (2002, p. 24-26), os rezadores detinham grande prestígio nessas comunidades, sempre com grande procura. “Alguns deles, por possuírem o privilégio do conhecimento de certas orações fortes, eram famosos”, chegando alguns rezadores a conquistar tamanha fama que extrapolava as fronteiras dos seus Estados de origem. Ainda segundo o autor, esse universo mágico-religioso é resultado da cultura indígena, africana

<sup>37</sup> Maria Ferreira (84 anos de idade) viveu no Caldeirão e cedeu essa entrevista para a mestrandia Célia Camelo na cidade de Juazeiro do Norte (CE) em 29.10.2012.

<sup>38</sup> Segundo Bosi (1994, p. 31) [...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar [...].

fetichista (de veneração aos objetos inanimados que se crê estarem ligados aos espíritos) e da cultura europeia, como matriz dominante centrada na tradição messiânica do catolicismo romano. Nesse sentido, torna-se dominante a visão do universo como possuído por duas forças antagônicas em luta pelo controle do mundo – as forças do bem e as forças do mal.

Fotografia 6 – Remanescente do Caldeirão



Fonte: Leandro Freire

Nota: Maria Ferreira (remanescente do caldeirão) visita em sua residência em 23.04.2013, na cidade de Juazeiro do Norte.

... a dimensão mágico-religiosa assumiu um papel preponderante no cotidiano da sua população. Como conseqüência inevitável, o sagrado e o profano terminavam por se confundir. Em toda região nordestina, o misticismo se tornou uma realidade endêmica. Deus e o Diabo se constituíam entidades onipresentes em todas as situações e em todos os acontecimentos, fossem eles bons ou maus (ARRUDA, 2002, p. 23).

Nessa concepção maniqueísta e mítica do universo, a comunidade do Caldeirão, sob a liderança do beato pai e educador José Lourenço, organiza e promove durante dez anos uma educação comunitária rígida e disciplinadora. Fundada na solidariedade como princípio social e como virtude moral, legado da doutrina da Igreja Católica e readaptados pela religiosidade popular. Uma prática com que criavam coletivamente sua própria religiosidade (RAMOS, 1991).

No Caldeirão essa rigidez se efetiva no compromisso individual e coletivo com o aprender que se efetiva nas atividades diárias, na distribuição igualitária dos bens produzidos coletivamente, em síntese em práticas coletivas que, na divisão trabalho, não existe hierarquização nem proprietários, e que as leis de convivência grupal são construídas “fora da lei” que domina o seu entorno.

Foi dessa forma que a comunidade do Caldeirão ergueu uma extraordinária experiência coletiva comunitária concretizada por meio de cantigas, rezas e na literatura popular e reconhecida, inclusive, por seus mais eloquentes opositores. Identificamos na fala do Tenente José Góes de Barros, então Delegado da Ordem Política e Social do Crato, o mesmo que comandou e participou covardemente do conflito no Caldeirão:

Aliás, faça-se justiça, o espetáculo de organização e rendimento de trabalho, com que deparamos ali, era verdadeiramente edificante.

As brocas e os terrenos prontos para a lavoura, delimitados por cercas admiravelmente construídas, derramavam-se pelos morros e, como uma surpresa verde no meio dos tabuleiros nus, apareceu-nos um tapete alegre de vegetação sadia, emoldurando um açude, construído por aquela gente, pelos processos mais simples e rudimentares.

A terra é sáfara e quase estéril. Desejaríamos, mesmo, concluir que somente a fé inabalável daqueles homens rudes, de rostos severos e mãos calosas como carapaças de tartaruga, seria capaz de fazê-la produzir. (BARROS, 1937, p. 31).

Como insinua o tenente, a fé era o elemento comum da comunidade, combinada com o trabalho coletivo fundado na solidariedade, fé, paz e na igualdade como princípio. Segundo Boff (2006), outros princípios como cooperação e partilha existente na comunidade era forma de instaurar uma paz humana e duradoura. Nesse sentido, para a organização e planejamento da comunidade todos eram envolvidos. Aquele que sabia ler e escrever responsabilizava-se com os assuntos econômicos do Caldeirão, incluindo compras e vendas de mercadorias.

Os mestres em plantas medicinais ocupavam-se da saúde dos moradores. Outros mais preparados para as pregações encarregavam-se de divulgar a obra e os fundamentos sociorreligiosos daquela comunidade. (ALVES, 2008). De todas essas tarefas estava à frente o beato José Lourenço, em relação ao qual a comunidade reconhecia liderança administrativa, doutrinária e formativa. Era considerado um “Santo”, como aparece na transcrição feita por Luitgarde Barros (2008, p. 182) acerca de depoimentos daqueles que o conheceram e o seguiram:

Aquele homem era um santo! Ói minha gente, ele não era homem de ambição desse mundo! Ninguém nunca viu ele mangá do mais pobre, ter ganância de dinheiro, botar a mão no alheio, desgraça u’a moça, levanta a língua contra um filho de Deus, mostra u’a malquerença; não senhora!!! Era um homem do trabalho dele e da reza. Sem orgulho. Ninguém se valia dele que não tivesse um auxílio. Chegava aquele povo pobrezinho do mei do mundo, aquele bando de inocentes, tudo chorando, aquele fim de mundo! E ele ali manso, ajuda um, ajuda ôtro, tratava logo de arranhar tudo, mandava levantar uma casa, botava logo os mais sadio no trabalho. Aquilo era uma beleza de Deus! Ali ninguém passava fome; não senhora! Era tudo

irmão. Tudo trabalhando junto, rezando junto, ali era uma beleza! As mulé ou na roça ou fazendo pano, ou costurando, ou cuidando da casa, tudo vestida direita, no procedimento. Qualquer coisa que acontecia corria aonde tava o Beato e ele resolvia. Era o céu! Eita povo bom! Era tanto do homem na roça, os paió tudo cheio, uma fartura que fazia gosto. Ói, ali era igual, não sei não; a bondade do mundo todo, não sabe? Uma orde, todo mundo obedecendo, era uma beleza! E de noite na igreja! Todo mundo lá rezava, mulé, menino de braço, o povo todo. E o Beato dando valia a um, valia a outro, conselho a um, conselho a outro, e mandando o povo rezá; rezá e trabalhar! Ói, eu não sei como era uma coisa daquela. O povo levava pra ele tudo do bom e do melhor. Uma louça tão boa, tudo tão bonito! E ele ali tão humilde, com aquela roupinha de beato; manso!!! Só queria sabê de fazê o bem. Era um homem sem vaidade. Aquilo ali, tudo que colhiam era guardado tudo. Depois ele dividia: tirava o que dar de comê aquele povão todo, separava pras obras de caridade, e aí mandava o resto pra feira. Ele não era um pecadô como nós. Dava gosto conversá com ele: minha mãe gostava muito dele e dizia: minha filha esse homem é um santo!! E olhe, um dia desse veio aqui u'a moça e me contou que alcançou uma graça numa promessa que fez com ele. Nem me lembro mais qual foi, mas ele está obrando milagre! Ele era muito bom! Então com esse povinho miúdo! Ele amparava muita gente: viúva, menino órfão, aqueles véio, doente, ói, era tanta gente, se eu for contá!!!

Sem dúvida alguma, o poder carismático do beato José Lourenço, associado ao bem e a religiosidade, foi o elemento fundamental para mobilizar aquela comunidade e mantê-la coesa até a sua destruição. Foi essa liderança religiosa carismática que exerceu o papel central na organização societária do Caldeirão que é uma das principais características dos líderes dos movimentos sociorreligiosos dos séculos XIX e XX. É, sob o prisma religioso que, naquela comunidade sociorreligiosa, os laços comunitários são reforçados e que se encontra com o divino e, nesse processo, constroem e reconstroem valores culturais e, com efeito, se (re) educam. Para Ramos (1991, p.20), a religiosidade naquele lugar insurge como uma criação coletiva e é a partir dessa coletividade criadora que ela ganha consistência:

[...] Ela funciona como uma linguagem e um elemento de coesão e estruturação de grupos sociais. Dá sentido ao passado, ao futuro, ao cotidiano, ao trabalho, às relações sociais, à vida, à morte [...] No Caldeirão [...] o fenômeno religioso teve, nesse sentido, uma importância fundamental.

Esse conjunto de práticas educativas culturais e, portanto, criativas, se inicia logo nas primeiras horas da manhã, no percurso de homens e mulheres até o local de trabalho. No trajeto está à frente o beato, sempre portando a Santa Cruz e conduzindo as orações. “Vem cá cruceiro da cruz pendente” era um dos tantos versos repetidos pelo beato, lembrados por remanescentes do Caldeirão. Depois da procissão todos se dirigiam às suas atividades. Mulheres e homens trabalhavam.

[...] As mulheres também trabalhavam no plantio, na limpa, na colheita, na alimentação dos animais domésticos, na confecção de tecidos e na modelagem de barro. As beatas cuidavam dos afazeres domésticos e das ‘coisas sagradas. (FARIAS, 2004, p. 368).

Do resultado de seu trabalho, todos participavam. O alimento, resultado do trabalho na terra, todos possuíam alguma tarefa, sendo os objetos pertencentes aos moradores da comunidade, em que o tenente Barros destaca,

Se todos trabalhavam para a irmandade como diziam, todos recebiam, na espera, a ração do dia seguinte. Esta constava, normalmente de milho, feijão, farinha ou arroz, e os fanáticos denominavam-na de comissão: era distribuída de acordo com o número de pessoas de cada família, não constando que, jamais alguém fizesse uma reclamação ou protesto (FARIAS, 2004, P. 369).

Em momentos de lazer, a educação da alma também se fazia representar. Conforme as lembranças de Pedro Alexandrino<sup>39</sup>, remanescente do Caldeirão, nos momentos de descanso do trabalho todos se reuniam no pátio e iam fazer a penitência. Assim relata:

... o lazer de lá era duas vezes por semana saíam fazendo penitência, Hora dessa (17h) mais ou menos ou antes de hora dessa 17h quando era fazer a penitencia lá, ele dava um aboio, quando ele dava aquele aboio, um aboio de vaqueiro, o pessoal sabia, hoje é dia da penitencia. Ele botava uma cruz nas costas, quando era 18h ou 19h, botava uma cruz nas costas, o povo tava todo reunido lá no pátio da casa dele, aí acompanhava ele.

Não acontecia, segundo as narrativas dos remanescentes do Caldeirão, uma única atividade de transmissão-produção de conhecimento produzido pela comunidade que não fosse acompanhada de orações. Segundo o remanescente Pedrinho, a prática se dava através do uso de crucifixo, com o aprendizado das orações e da propagação dos benditos. Todos participavam, incluindo as crianças, muitas órfãs, para as quais o beato José Lourenço dedicava algum tempo para reforçar os princípios da fé e do trabalho que fundamentava a vida comunitária no Caldeirão. Também “ensinar” alguns benditos que, nas conversas que com ele tivemos a oportunidade de realizar, rebuscaram na memória: “Dai-me meu Jesus, dai-me um doce coração pela assim puxada da vossa paixão, pela assim puxada da vossa paixão”.

No Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, a religiosidade que perpassava todo o saber-fazer daquele agrupamento social, carregava funções pragmáticas. As práticas educativas culturais que acumularam durante uma década, não se limitavam a preparar as almas na conquista do paraíso celestial. As ações prático-sensíveis que, sob o primado da fé, construíram e que produziu a ira do poder político, do poder eclesiástico e da oligarquia rural, se colocavam como alternativa às condições sociais adversas do sertão. A educação das almas

---

<sup>39</sup> Entrevista cedida a Célia Sousa pelo remanescente Pedro Alexandrino (82 anos de idade), realizada em 18.3.2009, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

não pregava o levante popular, mas levantou concretamente uma experiência cultural alternativa apesar das pressões da sociedade oligárquica estadual.

Fotografia 7 – Remanescente do Caldeirão



Fonte: Celia Sousa

Nota: remanescente Pedro Alexandrino - Pedrinho (82 anos de idade), em entrevista na pesquisa de campo no dia 23.04.2009, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

Como identifica Arruda (2006, p.64), em seus estudos sobre os movimentos messiânicos, particularmente Canudos, também no Caldeirão, a solução para os problemas de doenças, das secas e das cheias, assim como do conjunto das questões existenciais passava pela esfera sobrenatural. Nesse sentido, tentar delimitar a “... fronteira entre o sagrado e o profano, entre o pecado e o crime se transformava em uma tarefa das mais difíceis, pois o limite divisor entre ambas era muito tênue e eles se confundiam”.

Contudo, essa constatação não modifica em nada a historicidade desse fenômeno sociorreligioso que mobilizou milhares de sertanejos nordestinos e ajudou a construir novos saberes e práticas educativas apoiada na fé vivenciada demarcada por tensões e conflitos entre distintas formas de conceber o mundo do sertão e de agir sobre ele, (SOUSA e CARVALHO, 2012, p. 101), que, com a destruição do Caldeirão, não se obscureceu completamente. Como diz Santos (1988), “o Espaço geográfico é o herdeiro da acumulação desigual do tempo”.

O sertão cearense, como espaço social, econômico, político, não resolveu essa herança desigual do tempo, não podendo, por isso mesmo, nivelar as conquistas culturais sob a ótica das instâncias dominantes da vida social, inclusive naquilo que essas práticas têm de educativo, ou seja, os saberes e as práticas populares. Assim, na comunidade Caldeirão, em que se desenvolveram valores que estavam imbricados com a educação religiosa, sendo esta

prática educativa voltada pra a vida, já discutida por Dewey (1978), quando destaca que a educação é interativa e voltada para a experiência educativa.

#### **4.4 A luta dos movimentos religiosos ou do campo pela terra**

Vocês que fazem parte dessa massa,  
 Que passa nos projetos, do futuro  
 É duro tanto ter que caminhar  
 E dar muito mais, do que receber.  
 E ter que demonstrar, sua coragem  
 A margem do que possa aparecer.  
 E ver que toda essa, engrenagem  
 Já sente a ferrugem, lhe comer.  
 (Zé Ramalho)

A música acima nos remete ao homem que faz parte da massa, mas na verdade o que é esta massa? Ao pensarmos nisso, o homem está sempre a lutar por bens básicos, seja a moradia, alimentação, direitos sociais, etc. Nesse contexto o homem foi se organizando e criando formas de se manifestar, na década de 1980 foi criado o maior movimento chamado MOVIMENTO SEM TERRA. Esse movimento vem se destacando pela sua organização e por se destinar não só a luta pela terra, mas também por direitos básicos ao cidadão assegurado por lei como é o caso da educação e saúde.

Mas não podemos esquecer que a luta pela terra é uma ação antiga, já discutida por muitos camponeses. No entanto, refletir sobre essa questão é voltarmos ao passado e mencionarmos outros movimentos que estiveram presente dentro da nossa sociedade. Ao abordarmos os movimentos sociais, lembramos que estivemos e temos vários movimentos, seja voltada à terra, seja ao trabalho, aos direitos das crianças ou religioso.

È sabido que esses grupos nascem da necessidade humana e, como já discutimos sua origem em outros capítulos, neste momento iremos relacioná-los à luta pela terra dos movimentos religiosos. No entanto, o homem sempre sentiu essa necessidade de agrupar-se e em momentos de fortes crises econômicas não foi diferente, gerando grupos de pessoas que possuíam um objetivo. No caso dos movimentos religiosos, estes foram surgindo aos poucos; geralmente com um líder popular que pregava em vários lugares à volta do dilúvio, da salvação de todos, tendo a fé como principal característica. Esses surgimentos se davam em decorrência de situação de miséria, como foi o caso do aparecimento dos líderes Antonio Conselheiro, José Lourenço, José Maria e tantos outros que faziam de um pequeno lugar, um espaço de prosperidade.

A terra foi alvo de conflitos, pois esses espaços passam a ser uma ameaça para as autoridades, tipo de problema que até hoje identificamos. O homem como um ser autoritário sempre quis deixar o oprimido renegado aos bens humanos. Logo, não gostariam de ver uma comunidade de camponeses prosperarem e terem terras, pois poderiam crescer e propagar para a sociedade comunidades de subsistência.

Pensar nessas questões é indagarmos como pessoas tão simples construíram comunidades religiosas que passaram a desenvolver riquezas. O campo sempre foi um espaço vivo de riquezas, sendo ambientes castigados pela seca.

O sentido de vencer era grande, gerando a ganância das autoridades locais. No entanto, ao abordarmos o desejo de vitória, lembramo-nos das palavras de Boff (2006) que menciona: “Ele pode se orientar pela cooperação, pela partilha e pela posse coletiva do bem por todo ansiado. Então se instauram as condições de uma paz humana e social duradoura, e não momentânea como aquela construída a partir da eliminação do bode expiatório”.

Quando o autor revisita princípios filosóficos de cooperação, partilha e de coletividade, percebemos que, ao se fazer movimentos, precisamos ter ações dessa categoria para podermos trilhar nossos ideais. Esse pensamento estava bem presente em comunidades religiosas, como no Caldeirão, em que, ao se situar nas terras de Padre Cícero, se realizaram atividades que tornaram uma vida prospera de fé e do trabalho a todos.

A coletividade nesses movimentos sempre esteve presente, tornando fatores de diferença aos que participavam desses grupos. Ainda, percebemos que os movimentos sociais possuem “uma área de aprendizagem - envolve ações tanto na educação formal (usualmente denominada como a luta pela escola ou educação escolar), como na educação não formal (aprendizagens obtidas pela experiência de participar em movimentos, conselhos, projetos e programas sociais, lutas por direitos e cidadania em geral)” (GOHN, 2007, p.41). Essa luta pela educação está vinculada pelo direito à terra, pois seus integrantes que possuem uma formação crítica desenvolvem a capacidade em lutar pelo direito de moradia, tendo o poder de argumentação para conseguir seus desejos.

Por essa luta muitos grupos foram denominados de fanáticos, messiânicos, cangaceiros, etc, gerando assim nomenclaturas para diferenciá-los. Isso não foi diferente na comunidade Caldeirão, que passa a desenvolver saberes que no “processo educativo se dá na ação, na prática, no envolvimento com o coletivo, no estabelecimento de objetivos coletivos, criando-se, assim, saberes e práticas sociais [...]” (BONETI, 2007, p.58). Se lembrarmos das ações educativas nesse lócus, revisitamos lembranças de seus remanescentes que através da religiosidade popular souberam “transformar pão em vinho”, ou seja, o Caldeirão, como já

abordamos em linhas anteriores, era um ambiente sem nenhuma produtividade econômica e, com a inserção do povo do Beato José Lourenço, desenvolveram um projeto de vida, em que a terra passou a ser um valioso instrumento econômico para a libertação daquela gente.

Quando mencionamos esta história, voltamos à memória de pessoas que lutaram arduamente para que seu projeto de vida continuasse e que buscamos na fala do remanescente Pedrinho a luta por continuar naquela terra que passou a ser o grande sustento de seus moradores, em que o mesmo afirma: “tudo era de todos”. Recordando essas palavras que foram ouvidas pelo próprio Capitão e que chegou para expulsá-lo, era difícil identificar de quem era as coisas, pois tudo era da coletividade.

Se revisitarmos outros momentos da história, observaremos acontecimentos tensos, como foi o caso no passado da Guerra dos Bárbaros<sup>40</sup> e o Quilombo dos Palmares, que se destacou pela luta da terra. Ainda tivemos outras revoltas populares como A Guerra dos Cabanos, que dominou as áreas de Pernambuco e Alagoas e tivemos a Balaiada no Maranhão e Piauí, causada pelas injustiças que sofriam em suas próprias terras.

No entanto, essas injustiças sociais não são um fato novo. Essas revoltas sempre tiveram motivos. Nesse sentido, verificamos ligações com o messianismo e ao banditismo gerado em terras nordestinas. Podemos definir isso nas palavras de Andrade (1989, p.13-14),

“alguns, místicos, refugiam-se na religião e se organizam em comunidades sob a direção de um beato, passando a viver em função do ‘Reino de Deus’, que terão após a morte; outros, mais enérgicos, quando vítimas de injustiças, vingam-se de seus opressores e passam a viver como marginais, fora-da-lei, a roubar, a depredar e a matar. Entre os místicos, os fanáticos, podem ser destacados os movimentos de Antônio Conselheiro, com o arraial de Canudos, e o beato José Lourenço, com a fazenda Caldeirão. Entre os cangaceiros, tornaram-se famosos Antônio, com a legenda de que, como um novo Robin Hood, tomava dos ricos para distribuir aos pobres, e Lampião, que teve tanto poder e força que era cognominado Rei do Cangaço ou Rei do Sertão”.

O refúgio da religião mencionada pelo autor acima nos possibilita concluir que essa atitude era comum entre os nordestinos, em que a figura do beato era uma liderança

---

<sup>40</sup> Segundo Andrade (1989, p.9), a Guerra dos Bárbaros foi o levante dos índios do sertão no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, sobretudo os cariris, confederados em numerosas tribos, que destruíram fazendas de gado na área ocupada pela pecuária. O avanço dos pecuaristas fez recuar os índios para as áreas montanhosas e os privara dos terrenos de caça. Os indígenas, por sua vez, caçadores por excelência, encontrando em suas terras os bovinos e caprinos trazidos pelos fazendeiros, passaram a caçá-los como caçavam os animais silvestres, provocando a reação dos fazendeiros, que os acusavam de roubar seus animais. Daí veio a luta, que durou cerca de 41 anos (1683 a 1724) e só concluída com a vitória dos fazendeiros, que contataram bandeirantes paulistas, familiarizados com a caça ao índio, para os defender. Enquanto o Quilombo dos Palmares surgido 1597, atuando nas áreas de Pernambuco e Alagoas, os escravos negros fugidos, aproveitando inclusive a desorganização entre os dominadores durante a guerra holandesa, constituíram aldeias confederadas, desenvolvendo a agricultura e o comércio.

presente nos grupos religiosos. Ainda, o sertão nordestino caracterizava-se pela manifestação do banditismo, em que se furtava dos ricos e se distribuía, afinal eram cangaceiros que viviam em terra sem lei na época, demonstrando ao mesmo tempo preocupação com os que não tinham para sobreviver. Essas pessoas faziam justiça com as próprias mãos, gerando uma organização política no modelo da sua filosofia, produzindo experiências, saberes e consciência para o coletivo. Kauchakje (2007, p. 86) ressalta que “As expressões destes movimentos utilizam-se do imaginário religioso e de temas como comunidade, justiça divina misturados com questões de trabalho, terra e supressão das privações e carências econômicas e culturais. Alguns movimentos sociais [...] podem lançar mão de uma mística composta por rituais e cânticos religiosos [...]”. Neste sentido, podemos identificar essas características no Caldeirão, que durante sua existência, desenvolveu práticas educativas culturais religiosas, destacando os rituais e cânticos religiosos.

Características essas identificadas também em outros movimentos religiosos nordestinos como podemos citar: além de Canudos, Pau de Colher (1937) na Bahia, sendo a continuação do Caldeirão e que passa para a história como um movimento religioso nordestino. Além desses tivemos, como já mencionamos em capítulos anteriores, o das Borboletas Azuis (1977), acontecido na cidade em Campina Grande, no auge da ditadura militar e que também foi mais um movimento destruído por intermédio da elite local da época.

Ao se destacar esses movimentos, cumpre citar a questão econômica que imbricava nesses movimentos, pois com o desenvolvimento do capitalismo expandiram-se créditos para as variadas atividades econômicas. Através dessas ações os camponeses passam a se organizar mais, resultando no plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA). Ainda, os mesmos passam a criar sindicatos<sup>41</sup>.

No entanto, existiram outras formas de se fazer movimento dentro de instituições como foram as CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) e a pastoral da terra, vinculada à igreja que ajuda até hoje camponeses em situações de grande vulnerabilidade. Esses movimentos relacionados com a igreja tornaram-se uma prática na luta dos povos do campo em conseguir seus objetivos.

Ao relatar esses novos movimentos relacionados ao campo, não podemos deixar de mencionar que os mesmos possui um pensamento crítico perante a realidade, enquanto os

---

<sup>41</sup> Segundo Andrade (1989, p. 25), o primeiro sindicato de trabalhadores rurais que obteve reconhecimento foi o de Campos, no Rio de Janeiro, em 1933. Em 1955 havia apenas cinco sindicatos rurais reconhecidos no Brasil, sendo dois localizados em São Paulo, um no Rio de Janeiro, um na Bahia e um em Pernambuco; este, o de Barreiros, fora reconhecido em 1954.

movimentos religiosos nordestinos não possuíam esta visão crítica sobre o mundo. Os líderes dos grupos religiosos tinham três interesses específicos: a terra, trabalho e fé, por causa dos quais sofriam atritos com os donos do poder.

Percebemos, assim, que o pensamento desses sujeitos imbricaram sim na luta por melhores condições de vida e que a religiosidade foi ponto culminante para que a luta do campo prosperasse. Com isso, esses indivíduos executaram uma história, que permanece na memória de muitas pessoas e o Caldeirão faz parte dessa luta, através de suas práticas educativas culturais, ou seja, a educação religiosa.

## 5- CONSIDERAÇÕES

Para responder a nossa pergunta inicial do presente estudo, consideramos a seguinte indagação: Quais os saberes e as práticas educativas culturais que, no plano ideológico, deram sustentação à organização social e econômica da comunidade de característica religiosa Caldeirão? Neste sentido, a dissertação “Práticas Educativas e Culturais na comunidade Caldeirão de Santa Cruz do Deserto: um estudo da educação religiosa” nos permitiu conhecer melhor a educação e a religiosidade popular no interior do estado do Ceará, em especial da comunidade Caldeirão.

Pensar a educação nesse lócus foi sentir através dos seus remanescentes a presença das práticas educativas culturais, de que destacamos a educação religiosa. Percebemos que a cultura do lugar sem dúvida foi forte para desenvolver uma educação religiosa, como foi mencionado no desenvolvimento deste estudo, pois o Ceará foi cooptado pelo trabalho dos missionários e teve como principiante Padre Ibiapina. Esse religioso passa para história do nordeste pela criação de várias Casas de Caridades destinadas a ajudar os pobres, seja na área da saúde, na alimentação, seja na educação e que faziam a diferença no meio de tantos problemas que esta região enfrentava.

Ao nos lembrarmos de Ibiapina, destacamos outro sacerdote que deixou uma grande contribuição na região do Cariri, ou seja, Padre Cícero, o patriarca da cidade de Juazeiro do Norte, que fez crescer um pequeno lugarejo e hoje se destaca depois da capital como a maior cidade do Ceará. Ainda, encontramos algumas características comuns entre os dois sacerdotes que se destacam pela caridade, apesar de Padre Cícero não ter criado um espaço destinado ajudar o próximo, ele ajudava através de alimento, terreno, como foi o caso de emprestar o espaço da comunidade Caldeirão para inserir os moradores do sítio Baixa Dantas.

Essa atitude fez crescer uma forte comunidade que passa para história com características religiosa e messiânica. Pensar nessa comunidade é voltar ao tempo, ou seja, a mais de setenta anos e revisitar histórias de pessoas que um dia viveram e que através de suas memórias trazem comoção para quem escuta. Essa história é sem dúvida uma das mais comoventes do nosso Estado, pois foi na região do Cariri que aconteceu esse movimento e traz à memória esse importante episódio.

A religiosidade é marcante nas linhas dos livros relacionada a essa história, seja a memória de padres, de milagres, de romarias e da educação religiosa. Assim, para efeito desse estudo, destacar a educação religiosa no Caldeirão foi sem dúvida um desafio, pois

revisitamos lugares e pessoas que fizeram parte desse lugar. A educação, como sabemos, é uma prática social já destacada no desenvolvimento deste trabalho, mas pensar o que foi a educação na comunidade Caldeirão é pensarmos no seu cotidiano e as diversas situações que fizeram desenvolver esse lócus religioso.

A educação religiosa, já comentada no terceiro capítulo, é a interpretação do fenômeno religioso. Isso se dá de várias formas, seja pelos estudiosos que percebem através dos livros as diversas experiências já existentes, seja pelo povo que faz uma interpretação através de suas experiências ou através das crenças populares que torna esse fenômeno real.

Interpretar o fenômeno religioso é algo curioso para o povo e não foi diferente na comunidade Caldeirão. Podemos interpretar os momentos dessa religiosidade em todos os ambientes da comunidade, pois o beato tinha em sua essência a fé e propagava para todos os ensinamentos de uma educação religiosa.

As práticas educativas culturais se constituíam em sua maioria através da religiosidade, em que a irmandade construía seu cotidiano por meio das orações. A forte presença do catolicismo popular era comum entre eles, no qual os benditos e as ladainhas eram muito presente na vida dos moradores da comunidade.

Essa forma de escutar os benditos e as ladainhas era uma forma de educação cultivada no lugar, sendo comuns crianças escutarem e aprenderem aqueles cânticos. Seja na hora de ir ao trabalho ou no final do dia, havia sim momentos para que todos compartilhassem esse momento de pura educação religiosa.

Os cânticos eram sem dúvida uma forma de educação que se dava no interior do recinto. O próprio beato contribuía na moral e nos bons costumes, em que podemos visitar na fala de remanescentes que ao sair pedia para comporta-se bem perante os vizinhos.

Os princípios do catolicismo popular chamavam atenção aos que conheciam a comunidade que os interpretavam como fanáticos. Afinal, para os donos do poder qualquer modo de vida diferente poderia afetar a sociedade, pois muitas pessoas de estados vizinhos já estavam envolvidos no Caldeirão, o que causava indiretamente ameaça.

Comunidades desse tipo já foram motivos de ameaças no passado, como foi o caso de Canudos na Bahia e que tem características bastante parecidas com o Caldeirão. Ao revisitarmos estes movimentos voltamos à história de pessoas que lutavam para sair da miséria que afligia suas vidas. Essas pessoas por meio da necessidade criam uma comunidade educativa voltada para a espiritualidade.

Quando mencionamos seu lado educativo, vem-nos à memória a indagação que deu continuidade a este estudo, ou seja, trouxe outras informações para aprofundar os estudos

iniciados na monografia. Assim a pergunta em questão foi: Quais as práticas educativas culturais que deram sustentação à organização do Caldeirão e estão vinculadas aos fundamentos filosóficos, econômicos e políticos na sociedade nos anos 1920 – 1930? Através dessa pergunta podemos chegar a algumas conclusões, ou seja, a sociedade em especial a cearense passava pela propagação do catolicismo popular, que tinha como representante dos oprimidos Padre Cícero.

Neste sentido, a religiosidade foi palco de fortes discussões perante as autoridades, como bem comentamos nas linhas iniciais. Ainda, alterou toda a economia de uma cidade, pois através da popularidade do patriarca de Juazeiro, a cidade passa a receber muitos romeiros e logo o comércio cresce.

O crescimento da economia motiva os políticos investir na divulgação do seu ilustre morador. Mas não é só isso que é divulgado, também se comentava sobre os feitos do beato do Padre Cícero e da forma social e econômica que lá existia. Afinal, a comunidade vivia dos princípios filosóficos, ou seja, da fé, solidariedade, fraternidade, igualdade e união, o que chamava atenção dos políticos e que temerosos com a semelhança de Canudos eliminou o desenvolvimento do lugar.

A forma igualitária que a comunidade propagava era uma ameaça para a elite, ainda a religiosidade fazia temer o futuro da região do Cariri. O beato era um homem humilde, mas em sua essência muito inteligente, propagando e entendendo o valor espiritual dentro daquele lugar.

Jamais as autoridades do estado iriam aceitar tal comunidade, principalmente com a morte do dono da comunidade, pois com a ausência do sacerdote, não havia mais o que fazer e sim os novos donos pedir as terras. Segundo os remanescentes entrevistados, foram cenas horríveis, viram pessoas do bem serem assassinadas, fugindo e muitos se perderam da família.

O estado achava com isso que estava fazendo o bem para todos, mas na verdade hoje se compreendem o que foi o Caldeirão. Felizmente agora podemos encontrar trechos dessa história nos livros didáticos das crianças que estive tão ausente durante muitos anos na educação de nossos alunos.

No entanto, entendemos que a Pedagogia Tradicional deixou de comentar a história local de determinados lugares, como foi o caso do Caldeirão. Refletir o cotidiano desse lugar é estar além do que foi essa comunidade, através da prosperidade e paz durante sua existência.

Esse cotidiano estava extremamente imbricado nas práticas religiosas que faziam o lugar ser reconhecido em todo o nordeste, como um espaço de prosperidade. Constatamos através das palavras da remanescente e professora Marina que o beato Severino Tavares gostou como vivia a comunidade e deixou sua família para morar no ambiente que iria desenvolver uma educação para os alunos.

A propagação da comunidade só faz reforçar a vida harmônica existente, fazendo com que muitas pessoas tomassem o destino para conhecer ou escapar da miséria que afligia. A seca foi motivo para a chegada de muitos indivíduos migrassem para de vida.

Lá encontraram uma forte religiosidade, em que as orações eram constantes, pois acreditavam que Deus poderia amenizar a situação existente no nordeste. O beato tinha a fé como algo muito presente, causando uma reação de crença aos que ouviam aquele humilde homem. Na casa do beato havia um quarto com muitas imagens, sendo também nesse espaço que desenvolvia as práticas religiosas.

Uma das remanescentes entrevistada menciona que as orações eram muito bonitas, em que sempre mencionava a ajuda para a comunidade, como também agradecia em suas orações os bens adquiridos. O Pai Nosso e Ave Maria não deixavam de serem proferidas durante o dia.

As práticas religiosas estavam relacionadas também com a própria medicina popular citada em capítulos anteriores, estabelecendo uma relação com as crenças populares. A espiritualidade existente com os remédios fabricados na comunidade desenvolvia uma medicina para a vida dos moradores do Caldeirão.

Abordar essas práticas desenvolvia saberes que permitiam às próximas gerações conhecer e utilizar entre a comunidade. Os saberes dos chás, dos remédios para ferimentos e outros eram forma de mostrar suas práticas educativo-culturais existentes e diminuir os possíveis gastos com remédios farmacêuticos. A crença das ervas era uma forma de conhecimento que os mais velhos passavam para as gerações seguintes fazendo com que esses saberes constituíssem na cultura do recinto.

No entanto, isso era mais um tipo de prática educativa cultural, que fazia com que desenvolvessem conhecimentos, tornando uma educação para a vida e por meio da vida (SOUSA E CARVALHO, 2012). Como também era uma educação voltada para a espiritualidade dos sujeitos envolvidos.

Outras práticas desenvolvidas e que estavam vinculadas à economia era a produção de alimentos plantados na comunidade. A agricultura era o principal trabalho realizado, como também o artesanato, os doces feitos no engenho e a farinha. Assim, era uma

forma de produzir no seu próprio ambiente e evitar o deslocamento dos moradores para a vizinhança.

Diante da pesquisa realizada, surgiram outras inquietações para estudos posteriores, ou seja, uma possível biografia do líder (beato José Lourenço) da comunidade Caldeirão. Neste sentido, percebemos a ausência desse tipo de estudo, como também uma investigação sobre as práticas educativas culturais no Cariri, destacando as cidades do Crato e Juazeiro do Norte (CE).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. *In*: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006.
- ALENCAR, José de. **O Sertanejo**. Fortaleza: ABC, 2006.
- AMADO, José de Sousa. **Historia da Igreja catholica em Portugal, no Brasil e nas possessões portuguesas**. Lisboa, 1870. Tomo 1.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Lutas camponesas no nordeste**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- ARRUDA, João. **Padre Cícero: Religião, Política e Sociedade**. Fortaleza: INESP, 2002.
- AZZI, Riolando. **O Catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- AZZI, Riolando. **A história da igreja no Brasil (terceira parte 1930-1964)**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARROS, José Góes de Campos. **A ordem dos penitentes: exposição**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1937.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus**. Fortaleza: IMEPH, 2008.
- BOAHEN, A. A. **História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO, 2010.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: comer e beber juntos e viver em paz**. Petropolis:Vozes, 2006.
- BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 maio 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRITO, Gilmário Moreira. **Pau de Colher na letra e na voz**. São Paulo: EDUC, 1999.

- COMBLIN, Joseph Jules. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulus, 2011.
- COMBLIN, Joseph Jules. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Paulus, 2011.
- COSTA, Gutemberg. **A presença de Frei Damião na literatura de Cordel (antologia)**. Brasília: Thesaurus, 1998.
- COSTA, Alcino Alves. **Lampião além da versão: mentiras e mistérios de Angicos**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- ECO, Umberto. **Idade Média: bárbaros, cristãos e mulçumanos**. Lisboa: Dom Quixote, 2011.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- FACCO, L. **Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil**. São Paulo: Summus, 2009.
- FILHO FIGUEIREDO, José de. **Cidade do Crato**. Fortaleza: UFC, 2010.
- FILHO FIGUEIREDO, José de. **Folgedos Infantis Caririenses**. Fortaleza: UFC, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2005.
- GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. Tradução de Milton Amado, apresentação de Mário Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975
- GOIS, João de Deus. **Religiosidade Popular: pesquisas**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- GONZAGA DE SOUSA, Luis. **Memórias de economia**. Edición eletrônica. 2004. Disponível em: <[www.eumed.net/cursecon/libreria](http://www.eumed.net/cursecon/libreria)>. Acesso em: 30 abr. 2013.

HOBBSAWM, E.J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1975.

JASMIN, Élise. A guerra das imagens quando o cangaço descobre a fotografia. *In*: ALBUQUERQUE, Ricardo K.; NUNES, Vera Ferreira. **Cangaceiros**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

JÓSA, Magalhães. **O vaqueiro na história do Ceará**. Revista do Instituto do Ceará. 1970. Disponível em: <<http://www.institutodoceara.org.br/asp/imagens/revporano/1970/1970-VaqueiroNaHistoriaCeara.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2013.

JEFREY, R. **Sexo, Desvio e danação**: as minorias na idade média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

JEZINE, Edineide; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de (Org.). **Educação e Movimentos Sociais**: novos olhares. Campinas: Alínes, 2007.

KUCHENBECKER, V. O fenômeno religioso. *In*: **O homem e o sagrado**: a religiosidade através dos tempos. [Coordenação de] Valter Kuchenbecker. 8. Ed. Canoas: Ed. ULBRA, 2004.

LACERDA, Josenir. **Marina Gurgel**: mulher, líder e mestra do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto . Literatura de cordel. Crato, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LASSO, Pablo. Antropologia cultural e homossexualidade: variantes do comportamento sexual, culturalmente aprovadas. *In*: LASSO, Pablo. **Homossexualidade**: ciência e consciência. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

LUCIENE, Maria. **As respostas de seu Lunga pra perguntas idiotas**. Literatura de cordel. Crato, 2003.

LUSTOSA, Rosário. **100 anos de juazeiro registrados no cordel 1911-2011**. Juazeiro do Norte: HB Gráfica, 2011.

MARQUES, Roberto. **Contracultura, Tradição e Oralidade**: (re)inventando o sertão nordestino na década de 70. São Paulo: Annablume, 2004.

MELO, A. A. de. **A evangelização no Brasil**: dimensões teológicas e desafios pastorais – o debate teológico e eclesial (1952-1995). Roma: Editrice Pontificie Università Gregoriana, 1996.

MENEZES, M. O. T. **Ceará de Luz**. 2013. Disponível em: <<http://cearadeluz.blogspot.com>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **O ruralismo brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MONTENEGRO, Pe. F. **Os Quatro Luzeiros da Diocese: Dom Quintino**. Juazeiro do Norte: Gráfica Universitária, 1999.

**MORALES, Lúcia Arraes. Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.**

NASCIMENTO, Elisa Larkin. As civilizações africanas no mundo antigo. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, Natali Natacha Maciel de; VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula; PEREIRA, Katiane Maciel. **Geografia da educação: o poder da Igreja Católica e a produção do espaço em Quixadá, Ceará, Brasil**.

OLIVEIRA, Lilian Blanck de Oliveira de; **Ensino religioso: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.

ORNELAS, José N. Paisagem com mulher e mar ao fundo: a positividade e a afirmação de diferença. *In*: REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. **O despertar de Eva: gênero e identidade na ficção da língua portuguesa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **A fé e a razão na política cearenses**. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **Anauê: os camisas verdes no poder**. Fortaleza, Edições UFC, 1986.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Q41mAlfa-Omega, 2003.

PORTO, Maria do Rosário Silveira. Apresentação. *In*: BARROS, João de Deus Vieira (Org.). **Imaginário e educação: pesquisas e reflexões**. São Luis: EDUFMA, 2008.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Fortaleza: Academia Cearense de letras, 1974.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **Caldeirão**. Fortaleza, EDUECE, 1991.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. O cheiro do passado e faro da História: sobre a pedagogia da memória no Museu do Ceará (1932-1997). *In*: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; JUNIOR, Elmo de Paula Vasconcelos; ARAUJO, José Edvar Costa de; QUEIROZ, Zuleide

Fernandes de (Org.). **Escolas e Culturas:** políticas, tempos e territórios de ações educacionais. Fortaleza: UFC, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Vilma Maciel Lira dos; MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva. **Nordeste Místico Império da Fé:** ensaio sobre manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste. Fortaleza: Programa Editorial da Casa de José de Alencar, 1999. (Coleção Alagadiço Novo, n. 204).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica.** Campinas: Autores Associados, 2011.

SHORAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Benedito. **Padre Ibiapina.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

SILVA, Expedito Leandro. **Forró no Asfalto:** mercado e identidade sociocultural. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

SILVA, Tonny; ANDRADE, Pedro. **Beato José Lourenço na história do Cariri.** Literatura de cordel: Crato.

SIMÕES JORGE, Pe. J. **Cultura religiosa:** o homem e o fenômeno religioso. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SOUSA, Célia Camelo de. Movimento Sociorreligioso Caldeirão, Passado e Presente: Continuidades e Descontinuidades. *In:* SEMINÁRIO NACIONAL DE MOVIMENTOS SOCIAIS, 2001, Paraíba. [Anais...] Paraíba, 2011.

SOUSA, Célia Camelo de Sousa; CARVALHO, Lêda Vasconcelos. **Caldeirão:** saberes e práticas educativas. Fortaleza: UFC, 2012.

SOUSA, Océlio Teixeira de. Fé e trabalho: a ação missionária do padre Ibiapina na cidade do Crato e Vila de Barbalha – CE (1864-1870). **Revista Brasileira de História das Religiões,**

Maringá, v. 3, n. 9, jan. 2011. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SOUZA, Maria Antônia de. **Movimentos sociais e sociedade civil**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo**: propostas e práticas pedagógicas do MST. Petrópolis: Vozes, 2006.

TARSO, Paulo de. **O Beato José Lourenço e o Caldeirão**. Literatura de cordel. Crato, 2008.

ULMANN, Reinholdo Aloysio. **Amor e sexo na Grécia antiga**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

WHITE, Leslie A. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

WISNIK, Schwartz, Jorge. **Da antropofagia à Brasília – Brasil 1920-1950**. Valência: IVAM: São Paulo: FAAP, 2002.

VIEIRA, Sofia lerche; FREITAS, Isabel Maria Sabino de. **Política Educacional no Brasil**: introdução histórica. Brasília: Plano, 2003.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA, Olinda Maria (Org.). **História da Educação**: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.